Diário de Lisboa

Junho 1978
Segunda-feira
12
ANO 58°
N° 19 678
7350

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Violência fascista no Dia de Camões

- **Estudante UDP morto no Chiado**
- **Professor de liceu em estado grave**
- **Carga policial nas ruas do Porto**

A Polícia de Intervenção carregando, nas ruas do Porto. Tinha sido chamada para «proteger» uma manifestação de jovens neonazis

Um estudante de Medicina morto, um professor do Ensino Secundário em perigo de vida, vários outros feridos e violência policial injustificada e provocatória sobre jornalistas em serviço, constituem o dramático balanço dos incidentes ocorridos em Lisboa e Porto, no passado sábado, durante as manifestações fascistas convocadas por alegados «nacionalistas» e superiormente autorizadas pelos respectivos governadores civis.

Os incidentes teriam lugar após a acção de contramanifestantes que, aos gritos de «morte ao fascismo», procuraram impedir a marcha das escassas centenas de «jovens nacionalistas», que, por sua vez, lançavam palavras de ordem como «não à repressão democrática» e «julgamento para os responsáveis pela entrega do Ultramar». A intervenção das forças de choque da PSP centrou-se, sobretudo, sobre os contramanifestantes e, caso do Porto, sobre os próprios jornalistas que cobriam profissionalmente os acontecimentos. Apesar de devidamente identificados, foram agredidos e ameaçados Fátima Torres (RTP-Norte) e Bruno Neves («Primeiro de Janeiro» e colaborador do «DL»).

Entretanto, e perante a passividade das mesmas forças policiais, os manifestantes «nacionalistas» apedrejaram (no Porto) uma sede do PS, as instalações do «Jornal de Notícias», e pessoas que passavam ocasionalmente.

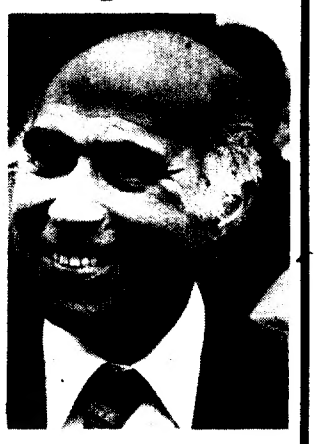
Em Lisboa morreu José Jorge Morais, de 18 anos, estudante de Medicina e militante da UDP, atingido por um tiro no coração. Outro membro da mesma organização, Jorge Falcato Simões, professor, foi esta manhã operado à coluna, sendo o seu estado gravíssimo. Encontra-se ainda na Sala de Reanimação do Hospital de Santa Maria. Por outro lado foram presos pela PSP vários jovens que colavam cartazes informando da morte de Jorge Morais. Esta manhã forças policiais procediam à descolagem desses cartazes em vários pontos da cidade.

Reportagem nas págs. 5, 6, 7 e 8

PORTALEGRE

EANES:

Quem são os emigrantes



NAMORA:

Quem são os intelectuais

Em Portalegre, Fernando Namora, orador oficial, e o Presidente da República, general Ramalho Eanes, escolheram como tónicas das suas intervenções de fundo do Dia das Comunidades a condição «marginalizada» dos intelectuais portugueses e a importância da emigração no presente e no futuro do País.

TRIBUNAL HUMBERTO DELGADO

Condenados os magistrados defensores de "pides" e bombistas

O júri do Tribunal Cívico Humberto Delgado, reunido no sábado à tarde em Lisboa, condenou a «pide» e o fascismo perante a opinião pública nacional e internacional e particularmente aqueles que, exercendo funções como juristas, legisladores ou magistrados ao serviço do fascismo «enxovalharam a sua dignidade profissional de homens de Direito».

A condenação moral proferida pelo júri e segundo a sentença lida na segunda e última sessão pública do julgamento, na Voz do Operário, abrange aqueles que aceitaram o encargo de elaborar a legislação repressiva do fascismo e a aplicação dessa legislação nos Tribunais Plenários de Lisboa e Porto. Foi ingualmente considerada extensiva tal condenação moral e política «aos que manipulam as leis da República nos julgamentos dos «pides» para conseguir a sua absolvição ou condenação a penas irrisórias» bem como aos que aceitam a defesa política de «pides» e bombistas «não no sentido de procurar honestamente esclarecer e precisar o alcance da sua actuação criminosa, mas no sentido de atacar a Revolução de Abril e os órgãos de soberania legalmente constituídos».

O Tribunal Cívico Humberto Delgado, através do júri, reafirmou o seu protesto pelo protelamento do julgamento do general Humberto Delgado, pela criação do Serviço de Informações da República (SIR), e pela decisão do Presidente da República de ilibar Américo Tomás da sua actuação como Presidente da República e um dos mais altos responsáveis pelo regime fascista.

«Este tribunal coloca nas mãos do Povo português a execução desta sentença, certo de que ele a saberá assumir com rigor e determinação, libertando pelas suas próprias mãos o futuro das gerações vindouras do flagelo do fascismo que deverá ficar banido para todo o sempre, da nossa terra» — disse o prof. Ruy Luís Gomes, presidente do júri, ao encerrar a sessão de sábado à tarde.

Toda a reunião viria a decorrer sob forte clima emocional pois momentos antes tinham-se verificado no Ca-

Continua na pág. 28

Porto bate Benfica sobre o risco

Meio banho tomado, entre lágrimas e «champagne». Nas cabinas do FC Porto, festejava-se o mais saboroso dos triunfos: o êxito no nacional de futebol, 19 anos sonhado e retardado. Em «Desporto»: «Rei morto, rei posto», comentários por Neves de Sousa e reportagem de Manuel Neto e Bruno Neves sobre o jogo das Antas

(Págs. 24 e 25)

ADMINISTRAÇÃO CARTER EM EMBARAÇOS

Washington sabia que Fidel Castro se opusera à acção da FLNC no Shaba

(Pág. 19)

Rejeitado o projecto de Lei PSD sobre Associações Sindicais

Na sessão da Assembleia da República da passada sexta-feira, o plenário registou por maioria, com votos contrários de socialistas e comunistas e a abstenção do CDS, um projecto de lei do PSD sobre associações sindicais.

Sobre a mesma matéria, o grupo parlamentar do PCP já entregou na câmara o seu próprio projecto, tendo socialistas e centristas anunciado para breve a apresentação de diplomas de idêntico teor.

Durante a discussão que se seguiu à apresentação do projecto do PSD, o qual, segundo Furtado Fernandes, porta-voz dos sociais-democratas, visava pôr fim «a um sindicalismo partidário e faccioso», ficou suficientemente demonstrada a «liberdade» do diploma: 5 trabalhadores bastavam para criar um sindicato e nem mesmo ficariam impedidos de criar uma central sindical.

Comunistas e socialistas não estiveram pelos ajustes. Assim, enquanto para Jorge Leite, do PCP, o objectivo do projecto é «dividir, enfraquecer, controlar e reduzir a influência do movimento sindical», visando a sua «pulverização», no repetir de uma táctica velha para um objectivo velho do capital, para Marcelo Curto, do PS, a lei do PSD não é efectivamente aquela lei a que os trabalhadores têm direito, ou seja, «uma lei que garanta a liberdade sindical e a unidade sindical».

Porém, já que o mesmo Marcelo Curto, mais adiante, viria a dizer que «ao contrário do que afirmavam os sindicalistas socialistas em 1976, nós afirmamos hoje com eles que a unidade já não é possível», ficamos sem saber – e connosco os trabalhadores portugueses – o que é que o seu partido, de viragens tão bruscas e paradoxais nesta matéria, entende por «liberdade» e «unidade» sindicais.

EMIGRANTES

Depois de a Assembleia, sempre por unanimidade, ter concedido a prioridade e urgência solicitadas pelo Governo para discutir a aprovação, para ratificação, da Convenção Europeia dos Direitos do Homem, a elaboração de normas de processo penal relativamente a actividades delituosas contra a economia nacional e a legislação em matéria de investigação de paternidade, o plenário aprovou também por unanimidade duas Convenções relativas às migrações em condições abusivas e à promoção de igualdade de oportunidade e de tratamento dos trabalhadores migrantes.

«O Governo português – diria o deputado comunista Custódio Gingão – tal como o texto da Convenção da OIT o prevê, deverá, relativamente aos países de forte emigração portuguesa, estabelecer não só acordos bilaterais que defendam e protejam os trabalhadores emigrados e as suas famílias, como desenvolver esforços constantes a nível diplomático para que todas as determinações sejam efectivamente cumpridas».

Anteriormente, nas declarações de voto proferidas, todos os partidos reconheceram que as convenções da OIT em causa «representam, sem dúvida, um importante instrumento de defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores migrantes e a sua ratificação tinha sido muitas vezes reivindicada pelos emigrantes portugueses».

DIA DE CAMÕES

No período antes da ordem do dia, a Assembleia celebrou a passagem do Dia de Portugal, das Comunidades e de Camões, com intervenções de representantes de todos os partidos com assento na Assembleia da República.

Acácio Barreiros, da UDP, iniciou a série de discursos, dizendo que a «tentativa de fazer do dia 10 de Junho o dia de Portugal, ou mesmo das Comunidades, pretendia diminuir o significado histórico do 25 de Abril».

Falou a seguir o deputado comunista Manuel Gusmão, que, depois de aludir à operação de terrorismo e mistificação cultural com que o fascismo procurou servir-se de Camões e deste dia para os seus fins obscurantistas e repressivos, salientou que a obra camoniana «representa um momento decisivo da maturação histórica da língua portuguesa».

«Camões canta – concluiu Manuel Gusmão – a mudança que no seu mundo se processava, o nascimento de um mundo novo em que se desenvolverão as forças produtivas e a ciência, em que se libertarão, embora contraditoriamente, forças enormes que irão repercutir ao longo dos séculos».

Evocando a obra e o significado de Camões, diria depois o socialista Manuel Alegre que «importa ter a consciência de que a língua portuguesa, na sua estrutura actual, começa com Camões, e tanto basta para que ele seja, para todo o sempre, o maior dos portugueses, mesmo que tenha morrido na miséria e tenha sido enterrado como um cão à porta de uma igreja».

Salientando que «não comemoramos o 10 de Junho contra o 25 de Abril nem o 25 de Abril contra o 10 de Junho», Manuel Alegre, depois de considerar que «o povo português é o verdadeiro protagonista dos Lusíadas», saudou em nome do PS «todos os portugueses que trabalham pelo mundo porque lá onde trabalham constrõem Portugal».

Para o deputado Teodoro da Silva, do PSD, «Camões continua a ser o símbolo da Pátria e da cultura lusíada e de algum modo, também, a figura do português-emigrante». Quanto a Martins Canaverde, do CDS, opinou que o português ideal de Camões «era o cavaleiro andante dos mares», mas o português actual «deve ser o criador de fazenda a distribuir com justiça por todos».

Hoje, a Assembleia reúne-se em sessão plenária a partir das 15 horas e da agenda dos trabalhos constam, entre outros diplomas, o que estabelece o aumento dos vencimentos dos membros do Governo e o que proíbe as organizações que perfilhem a ideologia fascista.

E. S.

REDE BOMBISTA

A 5.ª Divisão volta a ser atacada

A 5.ª Divisão (mas não só) voltou a ser atacada durante a 73.ª audiência do julgamento da rede bombista, ocorrida na passada sexta-feira.

De facto, o dr. Fernandes Vieira, que fez uma defesa melodramática e panfletária do seu constituinte – o major Mota Freitas – a determinada altura das alegações encontraria maneira de falar em tom de suspeição no tenente Serradas Duarte, da 2.ª Divisão, que pensa «ter sido um homem que, embora distanciado do processo, deve ter intervindo no caso das gravações de confissão do Ramiro Moreira e Teixeira Gomes.»

E de que maneira terá este homem intervindo? – exclama o advogado de Mota Freitas. – Penso que seria bastante esclarecedor se soubessemos qual o autêntico papel do tenente Serradas Duarte naquela fase do processo. Lembrem-se de que o tenente Serradas Duarte pertencia à 2.ª Divisão **e todos sabemos o que era a 2.ª Divisão.**

Decerto o dr. Fernandes Vieira poderá explicar a quem lhe pedir contas, «o que era a 2.ª Divisão.» Seria também um antro de barbudos e brutais revolucionários? Motor e centro de alguma seita secreta? Mais um fantasma e um mistério que a defesa da rede bombista inventa.

No referente à 5.ª Divisão, o dr. Fernandes Vieira voltou a recordar as palavras do tenente-coronel Carlos Azeredo e sobre isso afirmaria que, como disse aquele oficial, «não havia dúvidas que existiam no referido orgão documentos comprometedores da sua participação em vários rebentamentos.»

Logo no início da sua intervenção e na altura dos cumprimentos, Fernandes Vieira dirigir-se-ia ao promotor de justiça, coronel Sotero Madeira, dizendo:

–Embora lhe tivesse sentido pouca ou nenhuma convicção, achou V. Ex.ª por bem pedir a condenação do meu constituinte seu camaradas de armas, major Mota Freitas.

Estas palavras do causídico soaram na sala do 5.º TMT como uma dura reprimenda. O tom – que é, aliás, o tom de todas as intervenções de Fernandes Vieira – tinha algo de virulento. No entanto, acrescentaremos que não vimos – e também lá estávamos – qualquer falta de convicção no promotor Sotero Madeira, quando pediu a condenação de Mota Freitas. Muito pelo contrário. Fê-lo serena seguramente, como fazem os homens de consciência tranquila. Mas a consciência tranquila do coronel Sotero, parece ter-se atravessado na garganta do dr. Vieira.

Em seguida, Fernandes Vieira leria um texto com que pretendeu atingir Luso Soares – especialmente – texto eivado de congeminações simplistas, que quase nada tinha a ver com a causa em julgado. Pareceu-nos mais um desforço pessoal, que uma tentativa de aclarar algum mal-entendido. A catilinária, (prosa de Padre Vieira em 3.ª mão), não surpreendeu. Luso Soares sorria.

Por fim e já na defesa propriamente dita e após várias incursões pela 5.ª e 2.ª Divisão, pelos códigos ao seu dispor, pelas acusações que impendem sobre o seu constituinte e até recordando a sua passagem por Caxias após o 25 de Abril, Fernandes Vieira exigiu ao tribunal, com a veemência e o dramatismo dos tribunos dos princípios do século, «não a absolvição do meu constituinte por mera mecânica de mérito jurídico, mas a sua **ilibação** absoluta. «Para Fernandes Vieira, Mota Freitas **é um inocente,** colocado naquela situação pela tal cabala que já conhecemos. Como diziamos há dias, bla-bla-bla.

A primeira intervenção da tarde pertenceria ao dr. Leite Faria. Queremos aqui abrir um necessário parêntesis: o dr. Leite Faria defende um réu que como ofendedor de todo um povo, nos é totalmente antipático, ou seja, o industrial Joaquim Ferreira Torres. Apesar disso, não temos pejo nenhum em afirmar que a defesa realizada por aquele causídico, foi ainda que em muitos pontos não concordássemos com a sua textura, ainda que o argumento do Art. 169 não passe de uma hábil conjectura fácilmente destrutível, uma peça jurídica de grande valor. Sem histerismos nem desvios ínvios, o dr. Leite Faria deve ter produzido a melhor alegação, no que à defesa compete, deste julgamento.

Porém, de entre os vários reparos que lhe podiamos fazer – numa crítica frontal e saudável, como sabemos que é do seu gosto – deixaremos apenas este: quando se referiu às muitas idas do Ramiro a Espanha (visitas ao Joaquim Ferreira Torres e Abílio de Oliveira) fê-lo nestes termos:

–Eram uma evasão temporária para fugir às mágoas e fugir ao clima quente que aqui se vivia. De resto, lembremo-nos que ele não era o único. Que relevância podemos dar a este facto, se nos lembrarmos que, nesse tempo, as passagens de fronteira se viam atulhadas de carros de gente que procurava arejar do ambiente que então se vivia?

Lá arejar **arejavam**. E não arejavam só os carros. Talvez não seja errado de todo lembrar ao dr. Leite Faria que muitos dos carros que atulhavam as nossas passagens de fronteira, carregavam com eles não apenas os donos (zangados com o 25 de Abril), mas as fortunas enormes em dinheiro e outros valores que certos cavalheiros, hoje **profundamente patriotas,** não vacilavam em «desviar» da «sua querida» pátria. E que por lá ficaram, ou, se não ficaram, serviram na perfeiçõ para tentar subverter esta terra, transformando-a num mar de violência. Esta a verdade. O resto são cantigas para amealhar lágrimas papalvas ao canto do olho dos que acreditam em histórias da carochinha.

Os drs. Laureano dos Santos, defensor do sr. encomendador, perdão, comendador Abílio de Oliveira, produziu a outra alegação da tarde. Temos muita pena mas falava tão baixo o dr. Laureano dos Santos que na bancada de Imprensa quase nada se conseguiu ouvir.

O julgamento prossegue na próxima quarta-feira.

Josué da Silva

Hoteleiros algarvios querem Polícia de Intervenção

FARO, 12 – Os hoteleiros algarvios pretendem que, à semelhança do ano passado, um destacamento de intervenção da PSP volte a estacionar nesta província, durante o próximo Verão, segundo vontade manifestada no decurso de uma reunião que tiveram com o presidente da Câmara Municipal de Faro, em representação do governador civil do distrito, presidente da Comissão Regional de Turismo, comandante distrital da PSP, inspector da PJ e representantes da GNR e da Guarda Fiscal.

«Consideramos que, com dois corpos móveis de intervenção de 45 homens cada, estaríamos em condições de solucionar 80 a 85 por cento dos problemas que se nos põem no sector», afirmaria o comandante distrital da PSP.

Foram igualmente postas em destaque as dificuldades sentidas pela GNR e pela PJ, esta última corporação com 22 homens, numero que os seus responsáveis consideram insuficiente.

Segundo as autoridades, o Algarve é fértil em ocorrências policiais de pequena monta, a maior parte das quais relativas ao consumo de droga e assaltos a residências e viaturas.

SIP DO PCP DENUNCIA:

"Informação tendenciosa transmitida pela RTP"

. O relevo dado pela RTP a uma nota da Secretaria de Estado da Comunicação Social, complementar da intervenção de João Gomes da Assembleia da República, foi considerado pela Secção de Informação e Porpaganda do PCP como um testemunho da **instrumentalização e manipulação** feita por aquele órgão da Comunicação Social.

Segundo a nota divulgada pela SIP do PCP os telespectadores não ficaram esclarecidos mas sim confundidos com a leitura do texto da SECS visto que se atirou uma cortina de fumo sobre as questões. Afirma-se, ainda, que os telespectadores «não tiveram acesso de forma detalhada às críticas fundamentais que o PCP tem dirigido ao Telejornal, mas, em contrapartida, já lhes foi fornecida, na íntegra, uma nota da SECS de cobertura política aos responsáveis da RTP».

A nota da SIP do PCP denuncia, também, a orientação tendenciosa dos noticiários lembrando alguns casos significativos que confirmam essa posição assumida pelos responsáveis da RTP, nomeadamente o seminário da ATA, a apresentação de Prado Coelho como ex-militante do PCP e «em relação ao problema do Shaba, falar em rebeldes catangueses provenientes de Angola», etc.

A nota divulgada pelo PCP embora reconheça as dificuldades de ordem técnica e material com que os profissionais da RTP se debatem não deixa, no entanto, de salientar que a informação transmitida pela RTP obedece a «critérios políticos sectários e ofensivos das disposições constitucionais».

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 285
— REFERENTE A JUNHO —

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinai já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos seus ensinamentos recuperareis mais bem-estar e alegria de viver.

Director e proprietário: DR. INDIVERI COLUCCI
Do sumário destacamos os seguintes artigos:

— É tempo de repensar a saúde em termos válidos com o reconhecimento oficial da Medicina Naturalista.
— Aditivos à alimentação animal — Possíveis repercussões na saúde humana.
— A Nutrição é uma forma científica de corrigir problemas oculares; é uma encorajante ajuda para os que sofrem de astigmatismo, miopia e presbitia.
— A dor, inimiga e protectora dos homens.
— Significativo e eloquente testemunho de gratidão.
— Remédios naturais.
— Algo sobre os desportos modernos exibicionistas e seus perigos.
— O fibroma uterino, fonte de inquietação para a mulher de trinta a cinquenta anos de idade.
— Prurido — Acne — Borbulhas.
— As papeiras.
— Base alimentar: Trigo ou Carne?
— Doenças cardiovasculares.
Etc., etc.

TODOS OS PEDIDOS DEVEM SER DIRIGIDOS A ESTA ADMINISTRAÇÃO

RUA ANTERO DO QUENTAL, 35, 1.º (ao Intendente) Telef. 55 64 98

— Assinatura anual, 200$00 — semestral, 120$00 —
— Estrangeiro, 350$00 — número avulso, 25$00 —

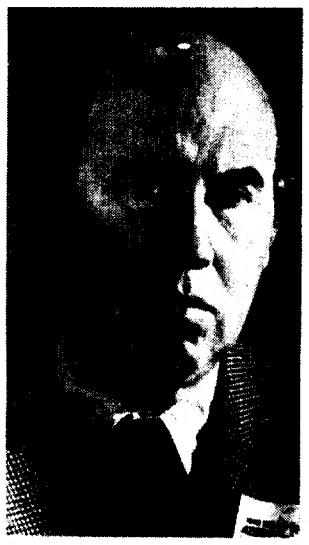
AUMENTO NO CUSTO DE ELECTRODOMÉSTICOS

Como é do conhecimento do público em geral, aparecem já no mercado de electrodomésticos aumentos consideráveis, pelo que solicitamos aos compradores toda a urgência na aquisição, a preços antigos, de esquentadores, fogões, frigoríficos, máquinas de lavar roupa e loiça, arcas congeladoras, televisores, rádios, gira-discos, gravadores, auto-rádios, mobiliário, alcatifas, etc. Mais informamos que temos um novo sistema de vendas a pronto ou com facilidades de pagamento.

Somos agentes das melhores marcas.

Rádio Primavera — Rua Gomes Freire, 9-B — Telefones 57 40 42 e 54 94 06.

ponto a ponto



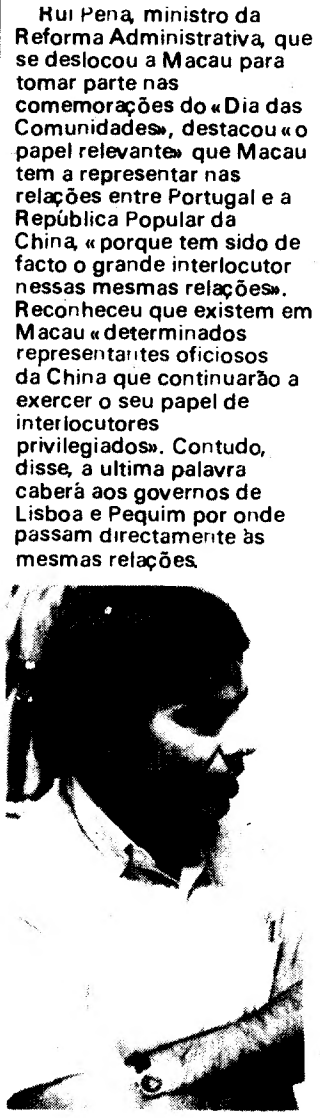
«A nossa posição em 25 de Novembro teria sido a mesma se as forças que vieram à rua fossem de direita», afirmou ontem à noite Edmundo Pedro numa sessão de esclarecimento do PS, na Amadora.

Depois de referir que aquilo que se passou consigo foi «uma manobra que tinha a intencionalidade de atingir o PS», disse: «Para nós era secundário que esse golpe viesse das forças da pseudo-esquerda ou da direita. A nossa luta era para manter aberto o caminho das liberdades. A nossa acção era uma acção tendente a repor o 25 de Abril de acordo com a vontade popular».

A Associação Humanitária dos Bombeiros de Angra do Heroísmo prestaram ontem homenagem ao ministro da República, general Galvão de Figueiredo, a quem testemunhou público agradecimento pelo valioso auxílio recebido por seu intermédio, oqual se traduz num benefício da ordem dos dois mil e quatrocentos contos.

Ao homenageado foi oferecida uma rtística salva de prata com inscrição alusiva.

Um grupo de militantes do PS de Portalegre ofereceu ao dr. Vasco da Gama Fernandes um jantar-convívio para assinalar a passagem deste democrata por Castelo de Vide, em 1931, quando fugia às autoridades salazaristas e solicitou auxílio para atravessar a fronteira. Vasco da Gama Fernandes refugiar-se-ia depois em Espanha, país ao qual o ligam estreitos laços de amizade.



Rui Pena, ministro da Reforma Administrativa, que se deslocou a Macau para tomar parte nas comemorações do «Dia das Comunidades», destacou «o papel relevante» que Macau tem a representar nas relações entre Portugal e a República Popular da China, «porque tem sido de facto o grande interlocutor nessas mesmas relações». Reconheceu que existem em Macau «determinados representantes oficiosos da China que continuarão a exercer o seu papel de interlocutores privilegiados». Contudo, disse, a ultima palavra caberá aos governos de Lisboa e Pequim por onde passam directamente às mesmas relações.

Felipe Gonzalez e Tierno Galvan, secretários-gerais do Partido Socialista Obrero Espanhol, estarão presentes num comício-festa que o Partido Socialista realiza no dia 17, em Campo Maior. Participam também Manuel Alegre, Salgado Zenha e Marcelo Curto. O comício decorrerá após a reunião do Secretariado Nacional do PS com a Comissão Executivo do PSOE, que terá lugar em Badajoz.

Metamorfoses de Jorge de Sena

Há quinze anos Jorge de Sena publicou, na Morais, um livro de poemas intitulado «Metamorfoses». São leituras de quadros ou de esculturas, reproduzidos ao lado, apenas como lembrança do tão necessário que desnecessário se tornou. Ao fim do volume, o autor explica como aconteceram os poemas ali reunidos, e acrescenta ainda notas históricas e literárias, para facilitar as citações e as alusões de muitos versos. Não pretendem eles ser crítica de arte — e o autor acrescenta «estar mesmo em crer que os devotos dos objectos estéticos se indignarão com que (ele) não se tenha contentado apenas em contemplá-los». E afirma que os seus poemas são (como na verdade são, e toda a sua poesia é) «crítica da vida». E se, «possivelmente, se dirá que estes poemas são ensaismo literário, meditações moralísticas, impressionística crítica de arte, tudo isso enroupado de métrica e de alguma emoção», haverá erro no que se diga — sendo aliás toda a poesia uma «meditação moral, num sentido escatológico de inquirição aflita sobre as origens e os fins últimos do Homem». Por isso também sete dos poemas se referem a retratos de gente, vivendo na sua história. «Se não fora a poesia olhando a História, nenhuma vida em verdade conheceríamos, nem a nossa própria». Adiantará tal saber? Concorda o poeta que não, ou sabe que não — «mas são precisamente as metamorfoses o que nos permite olhar a cabeça de Medusa». Jorge de Sena olhou-a agora, a terrível cabeça, dir-se-ia, e certamente a reconheceu. Sabendo, porém, que (escreveu-o em 40 e poucos) «um dia nos libertaremos da morte sem deixar de morrer».

Se eu tivesse que falar agora a alguém de metodologia de História da arte (e tenho), traria estes poemas à informação. Como trago, vendo neles uma leitura de imagens para além delas e de quem as fez e de quem as vê ou lê. Sem, porém, que elas se percam em ideias, sem que as formas que lhes assistem deixem de o ser, sendo apenas e necessariamente outras, no imaginário do poeta, que é a sua vida, de outro modo necessária.

Metamorfoses quer dizer isso: transformação na aquisição do sentido que compete às obras olhadas ou recordadas; ou transformação de quem as olha e recorda. Assim o poeta, na prática destas «meditações aplicadas», como se diz «ciência aplicada», em vez de «pura».

As obras sucedem-se, ao longo das páginas, e são uma estatueta de gazela, da Ibéria, a Demeter de Cnido, a cabecinha romana encontrada em Milreu, no Algarve, o Artemidoro mumificado no British Museum, a Mesquita de Córdova e a nave de Alcobaça, a «Pietá» de Avinhão, o «Céfalo e Procris» de Piero di Cosimo, o retrato dum cavaleiro desconhecido do Museu das Janelas Verdes, uma cabeça de Camões esculpida no Brasil por Bruno Giorgi, o retrato de Eleonora de Toledo, que foi grã-duquesa da Toscana e Bronzino pintou, uma cabeça de morta pintada por Rembrandt, «O Balouço» do Fragonard, um Turner indistinto, a «Cadeira Amarela» do Van Gogh, a «Ofélia» do Fernando de Azevedo que Jorge de Sena tinha em sua casa, os «Fuzilamentos de Três de Maio» do Goya, a máscara do poeta John Keats e o Vostok II. Cada uma destas coisas é lida e meditada, não pretexto mas causa do poema acontecido. Pretexto do texto, ou meta-texto, se quisermos rectoricamente assinalar o caso.

Que tem outra e mais funda rectórica, no maneirismo que desponta aqui e ali e no posfácio se confessa, como era necessário, para completar o jogo dramático. Assim Camões, mais do que numa volta (e no poema em que se dirige aos seus contemporâneos; li-o pela primeira vez no «mármore» do «Estado de São Paulo», no Brasil, na página que se compunha, lembro-me bem, com o Fernando Lemos, em 61), assim Francisco de Aldana, poeta morto em Alcácer-Quibir, assim Shakespeare, no «Hamlet». Assim, mais tarde, Keats.

Nas várias maneiras de ver uma obra de arte a poética é, muito provavelmente, a melhor. Anda ela à roda da coisa e tanto que acaba por necessariamente nela penetrar, como uma espada ou um sexo em ferida funda e desejadamente mortal. Há que aconselhar as pessoas a dar por isso, que não a praticá-lo porque tem os seus grandes perigos mexer em armas mesmo brancas.

Entre os métodos analíticos, que passam entre as ideologias e os formalismos, o da poesia tem a grandíssima vantagem de ser sintético — e de nos levar, se formos capazes disso, ao melhor quadro (ou escultura ou casa) do mundo.

Assim Jorge de Sena fez para cada uma das obras em questão, isto é, em pergunta. Perguntando-se a si próprio, por mais perto ter que estar de quem pergunta. E nisso, por exemplo, interrogando-se sobre o saber que o pintor teve «naquele momento de olho em que o mundo coube». Ou sobre o ouro do fundo da trágica deposição dum Cristo, ou sobre o ciúme de Céfalo debruçado sobre o cadáver de Procris, ou sobre o que vê o abade mundano que de propósito empurra o balouço da menina a voar alto, entre rendas de saia e carnes entregordas. Ou, ou... Ou sobre a cadeira humílima que van Gogh pintou, como sem querer pintar mais nada do mundo. Ou sobre a «Vermelha chama de amarelos laivos que escorrem pelas águas lagunares», no cenário que Hamlet assombra por interposto Fernando de Azevedo. Ou, mais, muito mais e finalmente (ou quase, que depois há que ver a máscara de Keats), sobre o sentido que o mundo terá para seus próprios filhos, os nove que teve, à beira do quadro de Goya: «Não sei, meus filhos, que mundo será o vosso»...

Mas depois ainda (e é ainda história e crítica de arte) vem a meditação, dedicada ao José Blanc de Portugal, vendo voar o Vostok II — «para que em Espaço caiba a Eternidade». E porque (agora o soube o autor) «de morte natural nunca ninguém morreu».

SENA

JOSÉ SARAMAGO

. Também conheci Jorge de Sena. Não muito bem (se alguém se pode gabar de tal), mas por aquela via que talvez dê para conhecer melhor: as cartas. Contadas, foram pouquíssimas as falas que trocámos. Escritas, são larguíssimas dezenas (ou centenas?) as páginas que de um lado e do outro se escreveram. Eram elas de razão editorial, mas quem alguma vez recebeu carta de Jorge de Sena, sabe que nela sempre esteve, além do motivo imediato que a justificasse, um outro motivo que em todas obsessivamente se exprimia: o autor delas. Diz-se que jorge de Sena era vaidoso, egocêntrico, parece mesmo que megalómano. Talvez fosse tudo isso e muito mais, talvez concentrasse em si quanto de defeitos a espécie humana tem vindo a coleccionar: seria uma outra singular forma de grandeza. Mas Jorge de Sena usava o admirável impudor de não poupar precisamente as palavras que mais riscos comportassem. E, pelo que julgo saber, nunca Jorge de Sena terá sido tão franco, tão brutalmente afrontador, como nas cartas que escreveu. Se algum dia se publicar a correspondência de Sena, receio bem que metade da catedral literária portuguesa vá pelos ares. E se é de revulsivos desses que estamos a precisar, temos a medicina à mão.

Este artigo não é um necrológico, muito menos um elogio fúnebre. Há evidente indecência no habitual derramar de louvores e lamúrias quando morre alguém que justamente foi para o outro mundo com a boca amarga de repugnância por incensadores póstumos e carpideiras. A morte de Jorge de Sena é uma vergonha para Portugal. Não foi português o cancro que o matou, mas é portuguesa a indiferença que torna as mortes mais dolorosas. Não sei que últimas palavras foram as de Jorge de Sena, se teve tempo e paciência de as ditar para a história, se não preferiu o desprezo do silêncio precisamente para calar palavras de desprezo. Se uma carta pudesse ter escrito, estou que não seria uma carta, mas um rugido. Mas Portugal é um país de surdos, depois de ter sido um país de mudos.

Revejo Jorge de Sena, exactamente há um ano, acompanho na televisão o seu gesto de provocação desesperada, a imprecação lançada contra os ouvidos rolhados dos espectadores de perto e de longe, e pergunto a mim mesmo quantos Jorges de Sena precisarão ainda de morrer para que enfim esta terra comece a valer pelo que saiba e cultive, e não pelo que de si mesmos cuidam os atletas da mediocridade nacional que foram e desgraçadamente continuam a ser os que em nosso

Continua na pág. 26

ENSINO

Estudantes do propedêutico exigem abolição do "numerus clausus"

A abolição do «numerus clausus» e a publicação imediata de textos de apoio foram duas das principais reivindicações aprovadas pelos estudantes do ano propedêutico do distrito de Coimbra, no decorrer do plenário efectuado nas instalações da Associação Académica de Coimbra.

Das conclusões agora divulgadas, consta também a exigência de cartão de estudantes do Ensino Superior para aqueles alunos, a saída das notas do primeiro exame até ao dia 20, a não inclusão nos exames a efectuar da matéria já avaliada e ainda que a nota de candidatura à Universidade «seja resultante da média conjunta do Ano Propedêutico e do Curso Complementar».

Os estudantes do Propedêutico estão a tentar realizar um novo encontro nacional. A luta dos candidatos à Universidade começou logo no início do ano lectivo. A falta de apoio foi um dos primeiros pontos levantados; depois a não saída das notas do primeiro teste, as médias elevadas que são exigidas e, finalmente, a incerteza de que mesmo passando nos exames, não possam ingressar na Universidade levaram a toda esta contestação. Já fizeram um dia de greve nacional, mas o MEC continua a não escutar as suas reivindicações.

Idêntica reunião dos estudantes do distrito do Porto tinha chegado às mesmas conclusões. Voltamos a recordar que, enquanto existem apenas 13 mil lugares na Universidade para os estudantes do propedêutico, os candidatos ao propedêutico são mais de 40 mil, embora só 27 mil destes se tenham inscrito e apenas 22 mil tenham feito inscrição no primeiro exame.

«ENSINAR O QUÊ E PARA QUÊ»

A reivindicação da participação dos professores na elaboração dos programas constitui uma das principais conclusões do Encontro de docentes do ensino primário, preparatório e secundário da Grande Lisboa, que decorreu este fim-de-semana na Faculdade de Letras de Lisboa.

Organizado pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, no Encontro subordinado ao tema «Ensinar o quê e para quê» foi salientada a importância deste debate, numa altura em que o MEC «prevê importantes alterações curriculares e de programas», que está a realizar sem consultar os professores.

Em relação aos programas actualmente existentes, os participantes consideraram que eles não estão articulados de grau para grau de ensino e apontou para a necessidade dos professores começarem, desde já, a trabalhar neste campo. Concluíram, por outro lado que os objectivos gerais do Ensino deverão traçar linhas de orientação para cada fase de escolaridade, em conformidade com a doutrina expressa sobre o assunto na Constituição Portuguesa.

Sindicato dos Professores recusa "apoio técnico" do MEC

«Uma intromissão do Governo nos assuntos sindicais» é como o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa considera o despacho do ministro da Educação, em que nomeia um grupo de «apoio técnico» ao Sindicato com o objectivo de dar «forma de textos legais» à lista de reivindicações sindicais.

«Compete aos sindicatos defender os trabalhadores e negociar com o Governo; para isso, o Sindicato não necessita de qualquer apoio técnico ministerial. Pelo contrário, os erros do MEC – recentemente renovados com o 10.º e 11.º anos de escolaridade – mostram que é o MEC e o ministro quem necessita de apoio técnico.»

«O despacho do ministro é mais um obstáculo às negociações com o sindicato: nunca até hoje o ministro comunicou aos sindicatos que competia a estes a elaboração de projectos de decretos-leis (o que, aliás, é de duvidosa legalidade constitucional). A composição do grupo de apoio técnico é contraditória com os objectivos que lhe são fixados: o grupo deveria dar «forma de projectos de textos legais»; ora, integra um único jurista.»

«É de facto – continua o Sindicato dos Professores – no mínimo, absurdo que o ministro, sem ter definido a sua posição face às reivindicações dos professores, venha agora, sem compromisso da sua parte, aconselhar os sindicatos a fazer «ensaios de legislação».

A terminar, o Sindicato dos Professores pergunta ao ministro da Educação e Cultura:

– Considera o MEC indispensável para as negociações com os sindicatos que estes apresentem «projectos de textos legais»?

– Compromete-se o ministro a negociar com os Sindicatos de Professores se estes lhe apresentarem as reivindicações sob a forma de «projectos de textos legais»?

Recordamos que o MEC, há dias, divulgou um despacho em que nomeava um grupo de inspectores-gerais do MEC para um «grupo de apoio» ao Sindicato, formado por António Hespanha, Maria Manuela Silva, Melo de Carvalho e Rogério Fernandes.

Letras do Porto também contesta projecto de reestruturação do MEC

PORTO, — Na sequência de várias outras tomadas de posição, a última das quais foi um dia de greve cumprido a 100 por cento, a Faculdade de Letras do Porto através da sua Associação de Estudantes acaba de divulgar um comunicado em que se insurge contra o projecto de reestruturação que o MEC pretende impor àquele sector do ensino universitário.

Considerando o documento ministerial como «ambíguo e pouco claro», a AE salienta que ele «vem confirmar os rumores para os quais em devido tempo se alertou e mobilizou os estudantes» pois que «graves implicações» podem derivar da sua aplicação, nomeadamente no que diz respeito às saídas profissionais do «já saturado mercado de trabalho», sobretudo se tivermos em conta a situação privilegiada em que se encontram as novas Faculdades do Minho e Aveiro onde «os estágios estão incorporados no proprio curso». Nas antigas faculdades, ao contrário, «extingue-se o bacharelato obrigando os alunos a quatro anos de licenciatura e possivelmente mais dois de pós-graduação».

O comunicado termina reafirmando a necessidade de «uma reestruturação que defina de uma vez por todas a função social das Faculdades de Letras tradicionais apontando para um critério mais crítico e científico». Por outro lado, denuncia-se ainda esta política de «facto consumado» do titular da pasta da Educação que, para o efeito, não ouviu os estudantes mas sintomaticamente fez divulgar o seu projecto numa altura em que ele não poderá ser discutido, pois que o período corrente é de exames e seguidamente vêm as férias com os alunos naturalmente dispersos e desmobilizados.

Professores de Psicologia

Até ao dia 30 de Junho podem ser apresentadas na Reitoria da Universidade de Lisboa candidaturas para docentes (categorias de professores e assistentes) para o curso superior de Psicologia, criado pelo Decreto n.º 12/77, de 20 de Janeiro.

Na Secretaria da Reitoria da Universidade de Lisboa encontram-se afixadas as indicações necessárias sobre a documentação a entregar. Serão tidas em conta, também as candidaturas recebidas pela Comissão Instaladora nos concursos precedentes.

PREÇO DO CIMENTO COMUNICADO

Nos termos dos Decretos-Lei n.ºs 329-A/74, de 10 de Julho e 75-Q/77, de 28 de Fevereiro e, tendo em conta o determinado nas Portarias dos Ministérios da Indústria e Tecnologia e do Comércio e Turismo n.ºs 1/78 de 2 de Janeiro e 4/78, de 4 de Janeiro, as Empresas CIMPOR e SECIL vêm por este meio informar os novos preços de cimento, a granel e ensacado, que entram em vigor a partir do próximo dia 12, inclusive.

Tipo de Cimento	Granel (Escudos/Tonelada)			Em sacos de 50 kg (a) (Escudos/tonelada)		
	À porta da fábrica	Nos entrepostos do Porto e de Lisboa	Nas ilhas (b)	A porta da fábrica	Nos entrepostos do Porto e de Lisboa	Nas ilhas (b)
Portland Normal	1.400	1.500	1.500	1.490	1590	1.590
Cimento de alto forno 60/80 (vulcano) (c)	1.390					
Cimento Portland de ferro (Supervulcano) (d)	1.390					
Cimento Pozolânico (e)			1.440			1.530
Cimento branco (f)	1.880			2.000 (g)		

(a) Em sacos de 3 folhas; para entregas com maior número de folhas, os preços variam proporcionalmente.

(b) Nos Entrepostos das Ilhas da Madeira e S. Miguel ou nos cais de desembarque; nas restantes Ilhas dos Açores nos respectivos cais de desembarque.

(c) Só disponível a granel em Alhandra; as entregas em locais diferentes implicam débitos dos custos reais de transporte.

(d) Só disponível a granel em Alhandra; as entregas em locais diferentes implicam débitos dos custos reais de transporte.

(e) Só disponível na moagem da Ilha de S. Miguel.

(f) Só disponível na Fábrica de Pataias.

(g) Embalado em sacos de 4 folhas.

Nota: Sobre estes preços incide, quando devido, o encargo correspondente ao Imposto de Transacções.

Lisboa, 9 de Junho de 1978

CIMPOR CIMENTOS DE PORTUGAL, E.P.

SECIL COMPANHIA GERAL DE CAL E CIMENTO

RAPIDAUTO

DAS MAIS RÁPIDAS E EFICIENTES

Oficinas de reparações em Automóveis
ESPECIALISTAS NAS PRINCIPAIS MARCAS
SANTANA À LAPA T. Moinho de Vento, 28 C
Tel. 676253/669540

AS CELEBRAÇÕES DO DIA DE PORTUGAL E DAS COMUNIDADES

Polícia "protege" a tiro manifestação fascista

• Resultado: um morto e cinco feridos

Meninos neonazis no Chiado lisboeta

Um morto e cinco feridos é o resultado do choque entre forças policiais e um numeroso grupo de militantes de organizações de esquerda que tentaram contestar a manifestação de uma autodenominada «Comissão para o Dia de Portugal», sábado à tarde, no Camões, em Lisboa. O morto chamava-se José Jorge Morais, tinha 18 anos de idade e era estudante de Medicina. O ferido mais grave, de nome Jorge Falcato Simões, é professor em Tavira e tem 24 anos de idade: encontra-se internado em estado grave nos serviços de neuro-cirurgia, do Hospital de Santa Maria.

Um e outro foram atingidos à bala e ambos eram militantes da UDP segundo informa este partido político representado na Assembleia da República. O José Jorge Morais levou duas balas no peito, tendo chegado ao hospital já inconsciente. O Jorge Falcato Simões recebeu uma bala na garganta, ficando com a traqueia dilacerada. A bala, depois de atingir a coluna, perfurou-lhe um pulmão desconhecendo-se, ainda, se o jovem ficará paralítico, em resultado das lesões sofridas. Mais uma senhora foi atingida à bala, num pé, enquanto os outros feridos apresentavam, apenas, escoriações provocadas por cassetete.

Também no Porto, em acontecimentos idênticos mas menos graves, se produziu um ferido que foi tratado no hospital local. Manifestantes e contra-manifestantes agrediram-se à pedrada mas a polícia evitou choques directos entre os dois grupos rivais.

A UDP PEDE A DEMISSÃO DE JAIME GAMA E DO COMANDANTE DA PSP

A UDP (União Democrática Popular) vai pedir a demissão do ministro da Administração Interna, Jaime Gama, e do comandante da PSP em consequência dos graves incidentes da Praça Luís de Camões, que provocaram um morto e cinco feridos. «Em qualquer País verdadeiramente democrático um ministro e um comandante da polícia, em semelhantes circunstâncias, teriam imediatamente tomado a iniciativa de se demitirem», disse ontem aos jornalistas o dr. Mário Brochado Coelho, membro do Conselho Nacional da UDP. Aquele dirigente da UDP citou os exemplos da Bélgica e da Holanda, em reforço da exigência da demissão do ministro da Administração Interna, assim como o acontecido, há tempos, na Espanha.

«Apenas porque um seu militante apanhou umas vergastadas da polícia, nas Astúrias, o PSOE exigiu a demissão do ministro do Interior, Martin Villa», disse Brochado Coelho.

A UDP revelaria que a Polícia de Segurança Pública tinha prendido, durante a tarde de domingo, militantes que afixavam cartazes anunciando a morte do seu activista e reprovando a autorização da mani-

Jose Jorge dos Santos Morais

festação nacionalista que a UDP considera nazi, «não por imagem política, mas pelos emblemas, pelas faixas e pelas saudações de braço estendido que foram feitas no seu decurso» — acentuam.

Segundo testemunhas oculares, os incidentes principiaram quando os ditos «nacionalistas», em número de umas duas centenas, colocaram flores junto da estátua de Camões, cantando a seguir o Hino Nacional, enquanto alguns faziam a saudação fascista, de braço estendido.

Discursava um dos oradores, quando surgiu um grupo de contramanifestantes aos gritos de «abaixo o fascismo». Os PSP's que se encontravam no local em protecção aos ditos «nacionalistas» carregaram sobre os contra-manifestantes, no que contaram com a ajuda daqueles que, momentos antes, faziam a saudação fascista. Na rua do Loreto começou a troca de pedradas. A Polícia disparou rajadas de G-3 resultando um morto e cinco feridos. Três destes seis cidadãos foram atingidos a tiro, e um deles com dois projécteis, vindo a morrer.

A PSP, queixou-se que dois dos seus elementos foram atingidos por pedradas, e feridos, afirma que os diaparos foram feitos para o ar a fim de afugentar às matracas e pistolas «empunhadas».

Além da Juventude Socialista já condenaram a actuação da polícia, a UDP, a Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina e a UMAR (União das Mulheres Antifascistas e Revolucionárias). A UDP acusa mesmo a polícia de «ter assassinado» um seu activista. Um comunicado da Comissão Permanente diz que a polícia se mostrou indiferente e às matras e pistolas «empunhadas por manifestantes fascistas, carregando sobre os populares e disparando indiscriminadamente com revólveres e espingardas automáticas».

No Porto, também algumas centenas de pessoas acorreram a idêntica manifestação, a convite de uma «Comissão Nacional, para o 10 de Junho-Dia-de Portugal». A manifestaçao desenrolou-se na Praça D. João I e segundo os próprios organizadoras «era a contestação das cerimónias oficiais de Portalegre, levadas a cabo por aqueles que atraiçoaram a Pátria».

Na véspera, a DORN do Partido Comunista Português emitira um comunicado condenando a manifestação do que considerou «forças abertamente fascistas vestindo a máscara de nacionalistas».

Censurava o facto de o Governador Civil a ter autorizado. Ao mesmo tempo o PCP tomou posição contra qualquer ideia de confrontos ou de contramanifestações «que só poderiam servir os objectivos conspiratórios dos fascistas».

O grupo reduzido dos manifestnates «nacionalistas» retirou-se da Praça D. João I sob protecção policial e sempre custodiado pela PSP foi até ao Quartel General da Região Militar onde entregou uma moção. Pelo caminho e frente ao QG registaram-se alguns incidentes, com particular relevo para uma ou outra chuva de pedras a que a Polícia respondia carregando sobre os contestantes da manifestação.

A PSP efectuou cinco detenções. No hospital de Santo António, recebeu tratamento Henrique Francisco de Azeredo de Brito e Faro, de 15 anos, que foi atingido por uma pedrada na cabeça, quando se encontrava na Praça de D. João I. O seu estado, porém, não é grave.

PSP PRENDE COLADORES DE CARTAZES

Entretanto a PSP prendeu ontem à tarde na Praça Luís de Camões e no Rossio quatro jovens militantes da UDP e do PCP (R) que estavam a colar cartazes cartazes esses que a PSP considerou altamente ofensivos para aquela corporação.

Os cartazes referiam-se aos acontecimentos ocorridos sábado no Camões no decorrer dos quais, como temos vindo a relatar, perdeu a vida José Jorge Santos Morais.

As "Fotos Choque" do Porto

Quartel General da RMN: mesmo na cara dos militares, a saudação nazi

Jovens e velhos que protestavam contra a manifestação de direita são «carregados» pelos agentes

O operador Rogério, da RTP-Porto, filmando a carga. Quando mostrará a Televisão as imagens que ele colheu?

AS CELEBRAÇÕES DO DIA DE PORTUGAL E DAS COMUNIDADES

POR ESSE PORTUGAL FORA

Poesia, canções e discursos e também alguns "concertos"

Inauguração de um monumento ao emigrante português, na Póvoa de Varzim, sessão solene da Assembleia Regional da Madeira e festas em Chaves (também para assinalar o início das comemorações do 19º centenário da cidade) figuram destacadamente na longa lista de celebrações do 10 de Junho, um pouco por esse Portugal fora e nos mais importantes núcleos de emigração.

Macau viu o ministro Rui Pena presidir às cerimónias do «Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades» e ouviu-o declarar que o estabelecimento de relações diplomáticas com a China Popular estava por dias. «Portugal estabelecerá relações com a China de um momento para o outro» disse o ministro da Reforma Administrativa ao falar numa recepção oferecida pela Associação para a Defesa dos Interesses de Macau (ADIM).

Em Lisboa, Camões «viu» do alto da sua estátua, serem corridos à cacetada cidadãos que gritavam «abaixo o fascismo». Pela manhã, a Câmara Municipal tinha deposto, na base do monumento ao vate lusitano, uma coroa de flores: as pombas levantaram, placidamente, o seu voo do largo, uma banda da PSP executou os hinos nacional e da cidade. Desfilaram bombeiros, principiava um concerto, pela Banda da PSP, então mais interessada em fazer soar trombones e bombos, rebecas e clarinetes. Pela tarde, a PSP seria uma vez mais «solista» no largo: mas agora cantavam as espingardas-metralhadoras. Um cidadão foi parar à morgue, cinco ao hospital.

Quando regressaram as pombas, já o «concerto» tinha acabado: Camões continuava tranquilamente no alto do pedestal, alheio às saudações fascistas, que lhe dirigiram, mas certamente incomodado porque um cidadão morreu nesse dia mais apropriado à festa

A Câmara do Porto aproveitou o «Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades» para homenagear o recém-falecido Jorge de Sena. Fê-lo com uma manifestação cultural na Praça Humberto Delgado em que participaram José Augusto Seabra, Xavier Coutinho, Óscar Lopes e Eugénio de Andrade, assim como os actores da «Seiva Trupe» que leram poemas camonianos. Palmira Tronfa interpretou algumas canções e o grupo coral da Faculdade de Letras deu um concerto.

«Camões não é pertença do Estado, do Governo, de Partidos, de Igrejas ou Museus, e mesmo de capelas literárias, porque Camões, como Pessoa e Jorge de Sena, tinham como sua Pátria: a Língua Portuguesa», sublinhou José Augusto Seabra, ao ler a sua comunicação.

Oito filarmónicas desfilaram, tocando música alegre, pelas ruas de Angra do Heroísmo, nos Açores. Pela tarde, a capital da ilha Terceira assistiu a competições desportivas. Em Ponta Delgada, o matutino «Açores» opinava em editorial que «a grande maioria dos açorianos nunca repudiou a Pátria a que sempre pertenceu nem descurou a sua defesa intransigente».

Em Castelo Branco a festa animou-se, também com poemas de Camões, e um colóquio orientado pelo director do Museu, António Salvado.

«Foi reparado um erro ao transferir-se para este dia a comemoração do 'Dia de Portugal', disse na Assembleia Regional da Madeira, o seu presidente, Emanuel Rodrigues. Outro membro do PSD, partido maioritário na Região Autónoma, António Gil, assinalaria que já tinham a garantia do Presidente da República que no ano de 1979 o «Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades» terá a sua sede na cidade do Funchal.

O presidente do Grupo Parlamentar do PS, na Assembleia Regional, João da Conceição, manifestou o apoio do seu partido «à iniciativa feliz de realizar na Madeira o 10 de Junho de 79», mas não deixou de lamentar o facto de a Assembleia não ter comemorado o 25 de Abril, «data cujo elevado significado não se pode negar».

Um deputado do CDS, Queirós Lopes de nome, garantiu que «agitadores manipulam as populações ignorantes, abandonadas, à dialéctica grosseira do economismo», antes de completar uma tirada grandiloquente em que exauturou a «perfídia que envolveu a perda irreparável do Ultramar e, secundariamente, os traumatismos profundos infligidos à Pátria portuguesa pelo consulado gonçalvista e que causaram, em vasta parcela da população, intensos e vastíssimos problemas de premente ajustamento a novas situações e de adaptação em conflito com os fins e os valores de cada personalidade concreta».

O deputado da UDP, Paulo Martinho colocaria o ponto final na sessão rematando que «O Dia de Portugal só será verdadeiramente comemorado por todos os portugueses quando existir um autêntico regime socialista».

Pub.

SINDICATO DO COMÉRCIO DE LISBOA

Plenários de Empresa e de Zona

Semana de 12 a 17 de Junho

2.ª feira/12:

19 h. Sodilectra — Rua Coronel Bento Roma, 51-A

19.15 h. Adão, Lda. — Rua Augusta, 240

5.ª feira/15:

13.30 h. Casa Monteiro (Imperial, Lda.) Rua do Ouro, 266

18.15 h. Cassel-Equipamentos de Laboratório, Lda. — Estrada do Outeiro — Casal do Garoto (Alfragide)

18.15 h. João Luís Russo & Filhos — Fervença, Sintra

19 h. Pio Barral Marques — Rua da Mouraria, 36

6.ª feira/16:

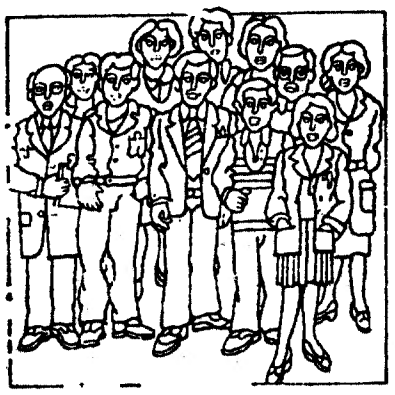
19.30 h. ALGÉS-Assoc. de Moradores de Santas Martas — Junto aos Bombeiros

19.30 h. Lanalge — Rua de Santa Justa, 42

21 h. VILA FRANCA-Delegação do Sindicato do Comércio — Rua Serpa Pinto, 136, 2.º

Sábado/17:

13.15 h. Supermercados de Sintra — Av. Heliodoro Salgado, 45



Aplicar o contrato colectivo
Defender os nossos direitos

página um

Rua Braamcamp, 52-9.º — Lisboa-1

AOS LEITORES

O «página um» suspende a sua publicação durante os meses de Verão — Junho, Julho e Agosto.

Esta suspensão, que muito nos custa, mas que nos parece necessária e urgente, consideramos ser a única forma de serem supridas as carências que ultimamente se faziam sentir com mais acuidade, conforme balanço feito durante a semana de 21 a 28 de Maio em que o nosso jornal não se publicou.

A decisão de interromper a publicação, tem em vista corresponder às inúmeras cartas que os leitores no fizeram chegar após o nosso número de aniversário, onde várias críticas e sugestões foram feitas, mas sobretudo nos incitavam a continuar.

No entanto, para continuar é preciso pensar de novo a estrutura do jornal. É o que vamos fazer. Mas a linha de orientação do jornal manter-se-á sem qualquer espécie de alteração.

Conforme se afirmava no último Editorial do «página um», só os leitores poderão ser os juízes e determinar se este deve, ou não, continuar.

A sua resposta foi inequívoca!

O «página um» retomará a sua publicação no próximo dia 8 de Setembro!

Pub.

SINDICATO DO COMÉRCIO DE LISBOA

EM JOGO O FUTURO DO CENTRO SOCIAL E CULTURAL DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO

Na próxima quarta-feira 14-6-78 o 11.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa decidirá acerca da legalização da ocupação pelos trabalhadores do Comércio da zona da Baixa em 7/4/75 das instalações do ex-Francfort Hotel no Rossio 113, onde, desde então, desenvolveram uma acção extremamente valiosa, criando uma estrutura de apoio social hoje em dia indispensável para o dia-a-dia de milhares de trabalhadores.

Dando resposta cada vez mais eficaz às grandes carências no campo social, cultural, recreativo e desportivo que afectam a generalidade dos trabalhadores, o CENTRO SOCIAL E CULTURAL DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO, tem-se firmado como uma correcta demonstração da capacidade criadora dos trabalhadores na busca da solução dos seus problemas mais prementes.

A devolução do edifício aos seus antigos proprietários, que há muito já o tinham de facto abandonado, constituiria uma profunda injustiça, para além de ser um grave atropelo aos termos da lei e aos preceitos constitucionais.

O Sindicato do Comércio de Lisboa expressa, assim, todo o seu apoio e solidariedade aos trabalhadores do Comércio da zona da Baixa, aos associados e aos Corpos Gerentes do Centro Social, conscientes de que as razões, a vontade e a determinação dos trabalhadores não poderão deixar de prevalecer.

Lisboa, 9-6-78.

unidos
na defesa
dos nossos direitos e conquistas

VIVA O CENTRO SOCIAL !

A DIRECÇÃO

AS CELEBRAÇÕES DO DIA DE PORTUGAL E DAS COMUNIDADES

Presidente no topo das cerimónias de Portalegre

. Com os favores desejados do bom tempo e a presença curiosa de incontáveis visitantes, a cidade alto-alentejana de Portalegre serviu este fim-de-semana de cenário para a realização dos números de mais impacto constantes do programa do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Foi o «10 de Junho», com o espírito novo lançado fez um ano na Guarda, liberto das conotações negativas que o regime deposto em 25 de Abril de 74 lhe deu, orientado agora por um certo sentido da realidade nacional — o passado, o presente e o futuro — por isso voltado proclamadamente para as referências simbólicas da emigração e atraído para os valores (caracterizadamente culturais) que com este fenómeno histórico e actual se prendem.

A participação do Presidente da República deu às celebrações uma importância que a presença de inúmeras outras personalidades da cena política e militar portuguesa reforçou. A afluência popular deu às cerimónias públicas proporções maiores, ainda quando nessa afluência se moveria mais uma interessada curiosidade a confundir-se com o desejo da cidade e suas luzes coloridas em dias de festa.

CHUVA E BOM TEMPO

Há mais de uma semana que vinha a cumprir-se na cidade o programa das celebrações — que entretanto se prolongam por mais oito dias. Mas é evidente que o mais importante desse programa — foi sábado e domingo, enquanto Eanes esteve. Mário Soares tinha vindo na sexta, dia de trabalho e a população ocupada sem tempo para vir à rua em grande número para saudar o chefe do Executivo. Um primeiro-ministro é um primeiro-ministro, mas um Presidente da República é um Presidente da República — dir-se-á. A verdade é que os dois dias que Eanes tinham a favor — além do bom tempo, quando na véspera Soares chegara entre ameaças de chuva — o facto de tratar-se de feriado e domingo.

Eanes teve assim milhares de pessoas de folga em relação ao seu trabalho diário para servirem de assistência às cerimónias a que veio presidir. Sessões, uma, a mais importante, por certo — aquela que teve lugar na Avenida das Forças Armadas no sábado à tarde e onde usou da palavra, além de Eanes, o escritor Fernando Namora, para proferir uma alocução (notável, embora demasiado extensa, baseada num texto elaborado e lido inevitavelmente sem aquela vivacidade que foi a dum Jorge de Sena o ano passado na Guarda — sem motivos de interesse fáceis para o público se deixar cativar demasiado). Isto antes de passarem as representações distritais e outros em desfile frente à tribuna.

SÁBADO

O interesse manifesto de milhares de pessoas pelo Dia e as suas festas em que o Presidente veio participar começou muito cedo logo de manhã, animado pela música dos altifalantes. A chegada do helicóptero estava anunciada para as 9 e 30. A essa hora já milhares de pessoas de fora estariam na cidade. Uma densa camada de nevoeiro pesava no ar, e breve se soube que o helicóptero não poderia aterrar. Haveria um desvio. Foi aterrar em Tancos, de onde Eanes e demais viriam de carro até Portalegre.

Eanes chegou pouco depois do meio-dia à expectativa da cidade. Passou pelas tropas, passaram as tropas por ele, numa cerimónia curta de cerca de um quarto de hora, nesse estilo despachado, austero embora. Seguidamente Eanes subiu para um coche puxado a cavalos da cudelaria de Alter e fez neste transporte desusado um percurso de centenas de metros até à Câmara Municipal.

Aqui houve uma sessão de boas-vindas. Falou primeiro o presidente da edilidade, Fernando Soares, fazendo um discurso sem grande interesse para além da notação a fazer sobre dois pontos curiosos: um, a chamada de atenção para os problemas locais — com as imprescindíveis alusões à distância que separa a província da capital (e da sua cintura) — fez questão de rererir; outro, a não vimos que propositada declaração de fidelidade ao homem eleito pelos mais dos portugueses há dois anos para Belém. Quanto a Eanes, improvisou uma fala breve mas clara e adequada à circunstância específica do dia e das celebrações: coisas lapidares sobre a problemática própria do interior e as responsabilidades autárquicas a serem correspondidas pelo Terreiro do Paço ao mesmo tempo que partilhadas localmente pela iniciativa e pelo rendimento entregue de todos e cada um.

«Todos juntos, Governo, câmara e cidadãos, podemos transformar rapidamente o interior e fazer dele não apenas a terra onde se nasce e de onde se parte, como acontece em grande parte em Portalegre» — diria Eanes, por exemplo. — «Basta dizer que entre 50 e 74 a população cresceu de 50 000 habitantes. É necessário, portanto, que não sejam estas terras do interior apenas os pontos de partida, pontos onde se nasce e de onde se parte logo que se atinge a maioridade, mas terras onde se possa viver e, sobretudo, terras aonde seja desejável voltar. Estou a pensar concretamente, em todos os emigrantes. Terras onde o homem possa vir, porque elas têm tudo para oferecer, ou, pelo menos, tudo aquilo que é necessário para que o homem possa manter as suas raízes sem necessidade de as cortar e possam, na manutenção dessas raízes, realizar-se».

Foi depois o percurso turístico dos arredores, antes dum almoço sob as árvores do parque de campismo na serra. No percurso, o povo da serra («o povo da serra», como ele próprio se designava numa faixa atravessada na estrada por cima do trânsito) saodou o Presidente das bermas, das casas. O alvoroço pela visita trouxe as colchas bordadas e coloridas à mostra das janelas para a comitiva de passagem ver.

Seria depois a sessão comemorativa, com o peso dos discursos e das cerimónias, com a importância do extenso desfile de representações regionais e locais que a encerrou. Sessão demorada, quando terminou era quase noite e estava arrefecendo. Uma multidão de milhares assistiu a tudo cerca de três horas de pé atrás das guardas. As crianças passeavam balões distribuídos pela organização. Cheios de gás, de vez em quando desprendiam-se, subiam no ar e perdiam-se no céu baixo da névoa.

À noite, Eanes iria ao Estádio Municipal ver os cavalos de Alter exibirem-se, e uma charanga da GNR, um carrocel motorizado da PSP, ranchos folclóricos que tinham passado no desfile da tarde, os Mindogos trabalhando as harmónicas de boca, locais de Portel cantando regional, outras coisas.

Haveria uma ceia depois do espectáculo, de convívio nomeadamente com os casais de emigrantes que vieram este ano a Portalegre, convidados. Aqui a informalidade dos «comes» e «bebes» a curto prazo instaurou uma certa confusão. Demasiado tarde que estava a fazer-se — talvez por isso —, Eanes retirou-se bastante mais cedo do que a generalidade dos convivas presentes.

ONTEM

Ontem, Eanes veio cedo para a rua cumprir o programa. Pouco depois das nove estava à frente da numerosa comitiva visitando a exposição de arte infantil e juvenil no jardim público. Depois, uma mostra de tapeçaria e cartão.

Começaram, entretanto, lançamento de para-quedistas no estádio. O Presidente passou por lá a caminho duma visita interessante: ao Bairro dos Assentos, iniciativa da responsabilidade autárquica local para resolver o problema habitacional de alguns portalegrenses. Dos Assentos, Eanes iria à casa que José Régio habitou, hoje museu com o nome do escritor e onde se pode ver o seu legado.

Cerca do meio-dia a esquadrilha «Asas de Portugal», da FAP, trabalhava no ar com uma destreza impressionante para todos verem. Jovens de Portalegre estavam em torneios desportivos que tinham começado na véspera à tarde. Eanes ia almoçar ao mesmo local do dia anterior: na Quinta da Saúde, foi com a comissão nacional e a subcomissão regional das celebrações. Ocasião para o Presidente trocar impressões com os responsáveis pelo programa e respectiva execução acerca de como — bem e não — as coisas todas tinham decorrido.

Aqui ficou a saber-se que dentro de dias a comissão nacional responsável pelas celebrações do 10 de Junho vai adquirir estatuto de comissão permanente com responsabilidades estabelecidas a distância maior. Vai sair dentro de dias uma resolução de Belém acerca disso — anunciou Eanes.

Em tempo: é provável que as celebrações do ano que vem sejam no Funchal.

Ainda em Portalegre, há a registar uma visita que o Presidente fez a uma fábrica de lanifícios da cidade — a única, aliás, que na cidade existe. Importante unidade — disseram-nos. Tem 750 trabalhadores e produz 80 por cento para a exportação.

Foi o último acto de Eanes antes de levantar voo no helicóptero para Santarém, aonde iria à corrida de touros.

SOARES

Se o programa de ontem foi dominado pela presença fundamental de Eanes, o que houve na sexta-feira foi evidentemente assinalado pela presença de Soares.

Acompanhado de João Lima, entre outros, Soares chegou pouco depois do meio-dia a um certo pessimismo local quanto ao estado do tempo e às perspectivas: pensava-se que a chuva, por exemplo, ia estragar tudo. Afinal, não.

Dia de trabalho, pouco propício a uma recepção envolvente — fosse ao chefe do Executivo, fosse ao secretário-geral do PS, partido de mais larga força política no distrito e na cidade. Soares chegou e foi para uma sessão de boas vindas na câmara. O presidente do município, Fernando Soares, saudou-o numa alocução preparada por escrito. O chefe do Governo agradeceu com um improviso alargado a considerações de circunstância: a cidade, a região, o dia, o significado deste.

Uma excursão numerosa partiu a seguir para um almoço em Castelo de Vide. Almoço-convívio: Soares, comitiva, elementos da comissão nacional e da subcomissão regional das comemorações, os 40 casais de emigrantes convidados para as festas, mais representantes e representantes autárquicos dos concelhos do distrito. Centenas de pessoas, foi no asilo dos cegos. Depois, Soares e os mais próximos iriam repousar na estalagem da sossegada vila de Marvão.

O resto do programa do dia em que o primeiro-ministro chegou preencheu-se em Portalegre. Coube ao chefe do Executivo inaugurar a exposição de tapeçaria e cartão que Eanes visitaria dois dias depois. Mostra importante — notámos. No catálogo, nomes de peso como Almada Negreiros, António Lino, Lurçat, Eduardo Nery, Carlos Botelho, Vieira da Silva, Cargaleiro, Figueiredo Sobral, Cruzeiro Seixas, Maria Keil. Abriria ainda nessa tarde uma exposição de pintura tematicamente restrita ao Alentejo. À noite, um recital de poesia camoniana pelos alunos do liceu e uma actuação do Orfeão Tomaz Alcaide, de Extremoz.

AS CELEBRAÇÕES DO DIA DE PORTUGAL E DAS COMUNIDADES

FERNANDO NAMORA:

"Se Camões fosse de hoje, decerto bater-se-ia por um ideal democrático"

O mais importante do dia 10 foi talvez a sessão da Avenida das Forças Armadas, e o mais importante desta sessão pode ter sido a alocução que o escritor Fernando Namora fez – lendo um texto extenso, muito reflectido e elaborado para uma multidão que talvez, mas compreensivelmente, não o ouviu com a atenção que noutra situação a alocução despertaria.

«A pretexto de Camões», Namora falou de três perspectivas complementares: «como português que se sente ao mesmo tempo cidadão do mundo», «como escritor que preza a sua independência», e da razão de me achar aqui, entre vós, gente de Portalegre, cidade do Alto Alentejo, cercada de serras, ventos, penhascos, oliveiras e sobreiros» – diria, citando Régio.

«Sou português, sou escritor e encontro-me aqui porque foi esse o vosso desejo. Uma razão para mim decisiva, já que o Alentejo fez parte do meu tirocínio de homem para quem viver tem sido comunhão com os outros homens» – começou ele por dizer.

«Ser português, vitalmente português, pertencer a um padrão humano específico mas que não se fecha em si próprio, investindo a sua inquietude numa insaciada e quase desesperada mobilidade, é, quanto a mim, ser universalista, ou, pelo menos, favorecer as formas mais activas da universalidade» – diria – «Tal como, aliás, a gesta lusa nos ensina, pois essa gesta, para lá das leituras muito dispares que se possam fazer das suas motivações e dos seus comportamentos, foi acima de tudo um ecumenismo em acção. Por outras palavras: Não fizémos apenas a nossa história; fomos dos povos que fizeram também a história do mundo. Por outras palavras ainda: para nós, Pátria não foi um reduto insulado, nem uma alienação, nem uma mitologia demagógica sujeita a duradouras e malignas depravações. Se as houve – e todos os povos as têm sofrido – creio que não corromperam os tecidos vitais da nossa organicidade ou que não atravessaram a nossa biografia com aquela insistência que, por fim, gera estigmas profundos no pensamento, de sentimento e de actuação. Foi antes um vínculo existencial, uma maneira de nos situarmos, uma condição simultaneamente de sobrevivência e de dar um sentido ao nosso ardor».

Argumentação a favor: os dados da Renascença olhados em atenção também aos trabalhos que nesse tempo de mudanças fizeram os naturais deste pequeno território da Europa, a Renascença que fizeram eles, os portugueses. Camões para aqui chamado – por razões de evidência. Para aqui e para hoje, para uma reflexão sobre o tempo que nos é dado viver: «Se Camões fosse de hoje decerto se bateria por um ideal democrático» – disse Namora, na linha de Sena o ano passado na Guarda.

INTELECTUAIS

Falou depois dos intelectuais e da sua condição de «casta marginalizada» regimes e sistemas, da «tragédia» que essa espécie de fatalidade representa.

«Acontece (...) que as mais das vezes os intelectuais constituem uma casta marginalizada, mesmo se artificiosamente posta num pedestal para que ninguém olha, e essa marginalização condena-os ao susceptibilizado desencanto; daí que as oportunidades de escaparem a este **gueto** sejam frequentemente viciadas pelo complexo existente e os intelectuais nos apareçem então insinceros, sobranceiros ou desistentes. O que representa uma tragédia, já que essas oportunidades coincidem quase sempre com momentos críticos da vida dos povos, quando eles mais precisariam do que eu tenho chamado as «consciências nacionais» – disse. – «No momento actual, em que já não se prevê que mais lastros serão lançados às vagas altas da insatisfação, e no momento português em particular, seria este o ensejo de os intelectuais retomarem o seu papel no interior da sociedade, em lugar de dela se afastarem. O ensejo de servirem de mediadores entre a sociedade civil, que pressagia e intui mas nem sempre clarifica esse presságio e essa intuição, e a sociedade política, que clarifica sem algumas vezes ter em conta a realidade profunda do que pretende clarificar».

Certo que «os intelectuais, porque lhes sangra o agravo dessa tal marginalidade, têm preferido o recolhimento ou o desfrute dos jogos do mundanismo politiqueiro a serena e humilde captação das ideias que pulsam em seu redor» – diria o escritor. – «O mais grave, talvez, é que, quando intervêm, o fazem algumas vezes em nome e em favor de um povo que não conhecem tão bem como se esperaria que conhecessem e com o qual nem sempre sentem um laço autenticamente vinculador».

Eram «deambulações aparentemente sem nexo» – inflectiria Namora, a certa altura. «Mas todas as coisas se prendem umas com as outras» e o que o escritor queria era falar da mudança que houve em Portugal e das exigências que daí decorrem e estão hoje actuais, pondo-se à consciência daqueles que têm obrigação de tê-la assumidamente. Os intelectuais, novamente, ainda.

REVOLUÇÃO

«Não nos podemos alhear de que vivemos um tempo português que consente múltiplas decifrações, consoante os abalos repercutiram no nosso modo de ver, de ser, de confiar. Uma revolução é como o sol fogoso que põe luz onde havia sombra, que põe vida onde havia marasmo, que reanima as coisas mesmo sob o risco de as abrasar. Mas que, se a uns exalta, a outros perturba ou traumatiza, sem que se possa honestamente afirmar que apenas a uma das partes cabem razões para a exaltação, ou para o traumatismo, ou para a dor da ilusão perdida. O que importaria, creio eu, é que, com os seus excessos, erros, debilidades, logros, a revolução fosse assumida como a convergência de um povo numa mentalidade nova, em novos interesses, novos desígnios, numa purificada malha social; fosse sentida como o ensejo da reformulação de um destino histórico e da consciência de ele existir; como a recusa do vencidismo, do snobíssimo e deletério autoachincalhamento; como o antídoto a um declínio manifestado sob a forma de uma transferência das nossas responsabilidades para a mitificação do que nos é alheio, de que nos acusava Fernando Pessoa; fosse orientada para a rejeição de um Portugal sem portugueses, de que se lamentava Almada Negreiros; fosse, em suma, o desmentido destas palavras de Manuel Laranjeira: «Em Portugal, a única crença ainda digna de respeito é a crença na morte libertadora», o que levou Unamuno a definir-nos como «um povo suicida».

Dois dos condecorados: Henrique de Barros e Maria Amélia Rey Colaço

Saudaçoes de todo o mundo para o Presidente português

«A festa nacional proporciona-nos grato desejo para fazermos votos de crescentes prosperidades para o querido povo português no seu estar no Mundo e caminhar na História em fidelidade e no culto dos valores culturais e espirituais que são apanágio e tradição dessa grei patria», diz o Papa Paulo VI na mensagem anteontem enviada ao general Ramalho Eanes.

Esta é uma das muitas missivas que o Presidente da República Portuguesa recebeu de mais diversas partes do Mundo. Não temos notícia de todas: umas são mais significativas pelo que dizem, outras por quem as envia..

De Bissau e da Roménia, ou seja, dos presidentes Luís Cabral e Ceaucescu, chegam votos de reforço da cooperação e da amizade com o povo português. O mesmo em relação a Erich Honecker, secretário-geral do PSUA e presidente do Conselho de Estado da República Democrática Alemã, e a Josip Broz Tito, presidente jugoslavo.

«Felicitações e votos de prosperidade» para o Presidente português formulam telegramas do rei Juan Carlos (Espanha), da rainha Juliana (Holanda), e dos presidentes do Iraque, Egipto, África do Sul, Suiça, Tunísia, Mauritânia, Polónia, Birmânia e do xá da Pérsia.

Finalmente, uma nota invulgar, no rol das mensagens mais tradicionais, vem do presidente da Assembleia Popular da Albânia. Assina-a Haxhi Ilesshi e diz assim: «É para mim um prazer dirigir-lhe votos sinceros pela felicidade do povo português e pela prosperidade do vosso país».

FEIRA POPULAR FUNDÃO

Reunir fundos para a construção de um pavilhão desportivo é o objectivo da Feira Popular do Fundão, ontem inaugurada na importante vila da Beira Baixa, e organizada pela associação desportiba local.

O recinto da feira vai servir durante otdo este mês e até final de Julho de palco a acontecimentos de ordem cultural, desportiva e recreativa. Para além disso, as mais importantes firmas locais e os organismos de diversas actividades económicas abriram na feira «stands» de propaganda aos seus produtos.

Paco Bandeira é o primeiro artista convidado para animar as noites da Feira Popular do Fundão, seguindo-se na noite do dia 17 um acto de variedades com o conjunto «Gemini» e a artista Manuela Navarro.

EANES:

"É urgente alertar a consciência nacional para os problemas da emigração"

O general Ramalho Eanes falaria a seguir a Fernando Namora, no decorrer da sessão de ontem à tarde.

«Estamos unidos a milhões de portugueses por um dever tão forte como intangível que se chama amor da pátria. Através dele é perfeita a consonância entre Portalegre e dezenas de cidades nos vários continentes, onde outras assembleias igualmente celebram, pela primeira vez conjuntamente, o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Os casais de emigrantes que temos aqui connosco vieram sobretudo tornar sensível a união efectiva do nosso povo, que estamos determinados a manter e a desenvolver, seja qual for a dispersão que as circunstâncias nos imponham. Queremos construir um País verdadeiramente democrático, em que a terra conte pouco e o homem conte muito» – prosseguiu.

«Não devemos porém iludirnos quanto à dureza da luta que os emigrantes enfrentam – contrapôs-se. – O emigrante, porque teve a coragem de procurar realizar-se em terra estranha, é, por natureza, um homem destinado a vencer. Mas é também um homem desenraizado, vivendo na saudade do chão distante, a quem se antepõe, com frequência a barreira da língua, que chega a ter que superar preconceitos sociais, e ao qual faltam muitas vezes as condições para se sentir e ser solidário».

«É por isso urgente aumentar a consciência nacional para os problemas da emigração – asseverou. – O País não pode continuar a ignorar as ansiedades dos emigrantes, supondo erradamente diluídas no bem-estar material as carências inalienáveis de milhares de portugueses «ausentes» do solo pátrio. Também entre portugueses viveremos melhor se vivermos juntos, se a fraternidade bem entendida nos permitir manter uma união constante entre «a Grande Comunidade» do Continente e das Ilhas e as outras comunidades portuguesas».

CONDECORAÇÕES

No decurso da sessão foram tornadas públicas as diversas condecorações atribuídas este ano a alguns portugueses que se distinguiram pelo «esforço desenvolvido em prol de Portugal» segundo o brigadeiro Garcia dos Santos, chefe da Casa Militar do PR, que leu um texto introduzindo a breve cerimónia que depois se realizou.

Os três primeiros nomes da lista dos condecorados são os professores Henrique de Barros, Vitorino Nemécio e Jorge de Sena. A condecoração destes dois é a título póstumo. O anúncio de cada um destes dois últimos nomes levantou as cerca de duzentas pessoas que estavam na tribuna e deixou-as de pé durante muito tempo, a aplaudirem.

O prof. Henrique de Barros estava presente, e haveria de falar depois em nome dos condecorados. Dos demais destaca-se Amélia Rei Colaço, também presente, que receberia a Grã-Cruz de Santiago de Espada – distinção a mesma para os falecidos Jorge de Sena e Vitorino Nemésio. A condecoração de Henrique de Barros é a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo.

"Já não nos ilude o mito guerreiro"

«Compete-nos a todos ajudar a recuperação da nossa terra, para que Portugal seja cada vez mais um país onde se possa viver e a que mereça a pena voltar. Temos que oferecer aos nossos filhos um futuro de esperança e não um lugar de exílio» – disse o Presidente da República, general Ramalho Eanes, na sua mensagem dirigida às Comunidades portuguesas dispersas pelo mundo, pela passagem celebrada do último «10 de Junho». A mensagem, que foi difundida para todo o mundo onde existe comunicação em língua portuguesa, assinala o significado da festa no apontar de referências e pretextos, e é uma ponderada reflexão sobre um certo sentido a impor-se muito forte no momento actual da vida colectiva portuguesa. «Já não nos ilude o mito guerreiro da raça» – diz Eanes, no texto que leu aos microfones da rádio e frente às câmaras da televisão para os portugueses residindo em Portugal e em numerosos países dos cinco continentes.

VINDO DOS EUA E DO FMI

Constâncio admite continuação da queda "deslizante" do escudo

A queda «deslizante» do escudo, – «ajustamentos mensais à volta de um por cento» – vai continuar, segundo palavras do ministro Vítor Constâncio, ontem regressado de uma viagem aos EUA, onde contactou com representantes do FMI, do Banco Mundial e do Governo americano.

Considerando, nas suas declarações à chegada, que «não se justifica mais nenhuma desvalorização brusca», o titular das Finanças e Plano referiu a «abertura» que o acordo com FMI proporcionou ao Governo «junto dos grandes centros financeiros internacionsia» e acrescentou que « a nossa economia tem recuperado, e inclusive ultrapassado o grau de competitividade que tinha em 1973».

Constâncio que terá sido portador, ao FMI, da «carta de intenções» que assinala a concordância do Governo português com as condições exigidas por aquela organização internacional, informou que os contactos com o Fundo foram «puramente formais», ja que pela parte portuguesa o acordo sobre o crédito pedido estava rubricado.

Segundo o ministro do Plano e Finanças os créditos agora em negociação junto dos bancos alemães e americanos são a médio prazo –sete anos – e são «muito importantes» para asfinanças portuguesas, quer pelo seu volume, quer pelos objectivos que vão permitir atingir: cobrir o défice de pagamentos e «assegurar uma maior liquidez e disponibilidade de reservas».

Recordou, por outro lado, que o chamado grande empreéstimo «não é suficiente para compensar o défice previsto para este ano da balança de pagamentos de Portugal. Com as duas operações financeiras em curso, este objectivo urgente ficará atingido, assegurando-se ao mesmo tempo um maior desafogo nas reservas imediatamente disponíveis do Banco Central».

Autocarro na vala

Para não atropelar um jovem ciclista, o motorista de um autocarro de dois andares guinou a direcção e foi entrar com o pesado veículo numa vala das obras do Metropolitano,ontem em Lisboa.

Imediatamente após o acidente o menor pôs-se «a salvo» com a sua bicicleta, enquanto os passageiros, também ilesos, abandonavam o autocarro.

Em consequência do desastre (autocarro 682,odivelas-Rossio) o trânsito esteve ontem interrompido na Av. Fontes Pereira de Melo entre as 17 e as 17.10 horas.

NA CABOUCA DE CORROIOS

Nonagenário estreia parque infantil

A historia é simples e nela só entram personagens simples. Tudo gente do povo: algumas comissões de moradores, uma junta de freguesia, várias dezenas de crianças e um velho trabalhador de 94 anos, conhecido pelo Zé da Cabouca.

Podemos começar assim.

Era uma vez uma terra – a Cabouca, ali à beirinha de Corroios, na outra margem do Tejo – que, pese embora a ter muitas crianças não tinha (como acontece a tantas outras terras deste País), um parque infantil. Para as crianças «era um deserto», como nos disse alguém lá do sítio.

Um dia, porém, a Comissão de Moradores da Cabouca resolveu ir falar do assunto com as comissões de moradores vizinhas: a da Quinta do Marialva, a da Anisa e, por último, a de Vale de Milhaços. Era preciso um parque para as crianças igual ou parecido aos que o povo tinha construído em Corroios e noutros sítios da zona.

E foi assim. Juntaram-se homens e mulheres, juntaram-se fundos para o material com a ajuda da Junta de Freguesia de Corroios e todos se puseram a trabalhar. Abriram-se caboucos, começaram a fazer-se baloiços e escorregas e o recinto infantil ficou pronto num mês, como símbolo do que pode a unidade e a vontade popular quando devidamente estimuladas. Sim, porque foi o povo e mais ninguém quem ergueu o Parque Infantil da Cabouca. Inauguraram-no há dias, com grande animação e uma exposição de pintura de crianças.

E talvez o caso nem merecesse notícia, se não fosse um pormenor que cabe bem entre o insólito e a ternura: quem julgam que estreou os baloiços, os escorregas, as caixas de areia, etc., do parque de excelentes dimensões? Um pequenote de mal saber andar? Naõ, senhor.

Ti Zé da Cabouca, com 94 anos, mas que apesar da idade também dera o seu braço de velho ainda rijo para a construção do parque, cismou que havia de ser o estreante de tud aquilo. E se bem o magicou melhor o pôs em prática, posto que no dia da inauguração apareceu cedinho e lançou-se, contente e feliz como um ganapo de troca-o-passo, para os escorregas e para os baloiços. E quando lhe perguntaram porque quis ser ele o primeiro a gozar as delícias duma propriedade de todos os meninos da terra, ti Zé da Cabouca, de lágrimas nos olhos e um sorriso de saudade ainda viva, respondeu:

– Deixem-me cá. Eu, em pequeno, nunca tive nada disto. E não queria morrer sem ser feliz como os garotos.

Ti Zé da Cabouca começou a trabalhar aos dez anos de idade.

um andar nosso

com espaço para viver

QUELUZ (ocidental), PAREDE, BENFICA.

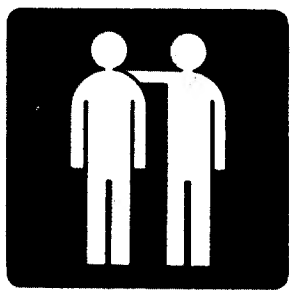
Em zonas residenciais
onde é cómodo e fácil
viver um dia a dia perto de tudo,
você dispõe de andares
de 2 a 5 assoalhadas
concebidos com muito espaço.
Se preferir pode comprar um andar para alugar
e receber um bom rendimento.

Construções
António Guerreiro, Lda.
Para viver e conviver

Av José Elias Garcia, 226 — QUELUZ. Telefone 95 25 38

Informe-se
para combinarmos uma solução pessoal,
de acordo com os seus planos.

OS AMIGOS SÃO PARA AS OCASIÕES



QUANDO OCORRE O SINISTRO NÓS ESTAMOS MAIS PERTO* PARA LHE VALER A SI, À SUA FAMÍLIA, À SUA EMPRESA. É NESSAS OCASIÕES QUE O SEGURO MOSTRA A SUA UTILIDADE. É TAMBÉM A ALTURA DE NÓS PODERMOS AJUDAR.

COMPANHIAS DE SEGUROS
MUNDIAL CONFIANÇA

* 45 DEPENDENCIAS EM TODO O PAÍS

ABRANTES — Av. Dr. António A. Silva Martins **ROSSIO AO SUL DO TEJO** — Largo Avelar Machado, 10 **ALMADA** — Av. 25 de Abril de 1974, 59-B **AMADORA** — Rua Elias Garcia, 372-F **AVEIRO** — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 119-A **BARCELOS** — Av. Liberdade, 55 **BEJA** — R. Portas Mértola, 7 **BRAGA** — R. Francisco Sanches, 85/9 **CALDAS DA RAINHA** — R. Almirante Cândido dos Reis, 83 **CASCAIS** — Av. Marginal, Lt. 8 **CASTELO BRANCO** — Av. Gen. Humberto Delgado, 81-87 **COIMBRA** — Av. Fernão Magalhães, 219-1.° **CORUCHE** — R. Misericórdia, 10 **COVILHÃ** — R. Visconde Coriscada, 114 **ESPINHO** — R. 19, 274 **ÉVORA** — R. Romão Ramalho, 5 **FARO** — Lg. Terreiro do Bispo, 2-r/c Dt.° **FUNCHAL** — R. João Gago, 10 **GUARDA** — R. Marquês de Pombal, 7-1.° **GUIMARÃES** — Al. Resistência ao Fascismo, 73-1.°, Sala 7 **LEIRIA** — R. Eng.° Duarte Pacheco **LISBOA** — Av. Guerra Junqueiro, 228 — Av. 5 de Outubro, 35-A — Estr. Benfica, 680-D — R. Saraiva de Carvalho, 288-B — Av. Comb. G. Guerra, 136-A, Algés — Av. Joaquim D. S. Ribeiro, 66-B, Moscavide **LOUSÃ** — R. Dr. Pires Carvalho **PORTALEGRE** — Av. 5 de Outubro, 5-A **PORTIMÃO** — R. Direita, 4 **PORTO** — Av. República, 634, Vila Nova de Gaia — **RÉGUA** — R. Camilos, 15-1.° **RIO MAIOR** — R. D. Afonso Henriques, 34 **SANTARÉM** — R. Serpa Pinto, 41/3 **S. JOÃO DA MADEIRA** — R. Visconde, 2442 **SETÚBAL** — Av. Luisa Todi, 33-2.° Esq. Letra D **SINES** — R. Teófilo Braga, 35 **SINTRA** — R. Ulisses Alves, 6-1.° **TOMAR** — Av. Gen. Norton de Matos, 20 **TORRES VEDRAS** — Pç. 25 de Abril, 6 **VALENÇA** — Av. Dr. Tito Fontes **VIANA DO CASTELO** — R. Sacadura Cabral, 64/8 **VILA FRANCA DE XIRA** — R. Alves Redol, 27 **VILA REAL** — R. Dr. Roque Silveira, 45 **VISEU** — Rossio, 5, 1.° Dt.°

DC 3 — PUBLICIDADE

pensamos

plm

Pensamos que a nossa experiência lhe pode ser útil.
Em 1959, nasceu a ADRETA PLÁSTICOS, em Portugal,
baseada em conhecimentos acumulados desde 1925.
Em 1977, exportámos para 71 mercados internacionais.
Hoje, pensamos poder servir ainda melhor.
Os nossos laboratórios estão aptos a pesquisar novas fórmul
os compostos. Novas telas calandradas a partir do PVC
as fórmulas, para novos produtos, em telas calandradas.
Eis o que temos para lhe oferecer.
Pensamos em si. Procure-nos.

ADRETA

FÁBRICA
P. O. BOX 3 — Mem Martins
Tel. 2910691
Telex 13806 Plasto P
VENDAS
Estrada Benfica, 420 — Lisboa 4

M...UNDO EM TELAS PLÁSTICAS

NA GUARDA

Mário Soares e Almeida Santos tentam justificar governadores CDS

Mais difícil do que parece...

Falando a dirigentes e militantes do PS, reunidos no salão de festas da Escola do Magistério Primário da Guarda, o secretário-geral do PS, Mário Soares, disse que o Governo, a despeito de ser integrado por alguns elementos do CDS «está a seguir uma política ainda mais à esquerda do que o anterior». Soares apresentou como prova «a acalmia que actualmente se observa no sector laboral».

O secretário-geral do PS incentivou os militantes do seu partido a ter confiança nas decições dos responsáveis nacionais e a redobrar de esforços para reforçar e engrandecer o PS, frisando que «as eleições estão à porta» e «temos que as ganhar». Lembrou porém que isso só será possível, sublinhou Mário Soares aos militantes, «se as bases se unirem e mantiverem permanentemente mobilizadas».

Sobre a questão dos governadores civis Soares disse que «uma vez que agora faz parte do Governo, ao CDS «assiste o direito, legítimo, de ter, também, os seus governadores civis». Salientou que são «apenas dois» nos distritos em que está mais implantado. «Temos de o compreender e aceitar».

Por sua vez Almeida Santos, que é presidente da Assembleia Municipal da Guarda, abordou também o problema, dizendo que «o CDS não deve ser encarado pelos socialistas como um inimigo, mas tão só como um adversário político». Apelou para que os seus camaradas da Guarda «aceitem sem agastamentos» a nomeação do governador civil centrista e não sigam uma política de oposição sistemática ao seu trabalho, «pois trata-se de um representante da confiança do Governo que é de maioria socialista».

ENCONTRO EM CASCAIS

Em Cascais realizou-se ontem o 3° Encontro Municipal do Grupo de Representantes do Partido Socialista do Município de Cascais.

No encontro participou João Cravinho, que usou da palavra antes do encerramento, para abordar diversos aspectos da situação económica do País, tendo afirmado a determinada altura que a situação da balança de pagamentos não resulta nem do 25 de Abril nem do exagerado consumo interno de bens importados. João Cravinho salientou que ao contrário do que à vezes se afirma as importações, em termos físicos, diminuiram cerca de dez por cento de 1974 a 1976.

RELAÇÕES LUSO-ESPANHOLAS

"Improvisação" parece marcar viagem de Horta a Espanha

Numa viagem curta, de dois dias, que o correspondente da ANOP em Madrid sugere ser marcada pela «improvisação», partiu hoje para Espanha o ministro do Comércio e Turismo, Basílio Horta, que manterá contactos na capital do país vizinho com o seu homólogo espanhol sobre temas de intercâmbio comercial, económico e turístico.

Embora refira a importância que nos meios governamentais espanhóis se dá a esta visita, aquele correspondente considera que se prevê apenas um acordo «em algumas linhas gerais», dada, ainda, a «complexidade» dos temas a tratar.

Até agora, as relações comerciais entre os dois países ibéricos têm estado fundamentalmente regidas pelo Acordo de Cooperação Económica e de Comércio assinado em 22 de Maio de 1970. Apesar de ser um acordo que, para o tempo, estava bem, hoje contém desactualizações e, a mais grave que se deve assinalar, que nunca se puseram em prática, na sua totalidade, as comissões que deveriam dinamizá-lo e concretizá-lo. Não só não se reuniram como nem sequer chegaram a ser nomeadas. De modo que o comércio entre os dois países se tem realizado mais à base da improvisação e da desorganização.

Em 1977, a Espanha vendeu a Portugal produtos no valor de 230 milhões de dólares, enquanto importou apenas 45 milhões de dólares.

Portugal exporta para a Espanha sobretudo, por ordem decrescente de valores, pasta de papel (150.000 contos em 1977) papel, mármores, óleos vegetais, embalagens metálicas, mariscos, motores, tecidos sintéticos e tubos de ferro e aço. Em cada um destes sectores verificaram-se vendas superiores a 30 mil contos.

A Espanha exporta para Portugal produtos químicos, máquinas em geral e máquinas ferramentas, electrodomésticos, automóveis, medicamentos, produtos alimentares (animais vivos, peixe, arroz e trigo principalmente) tecidos e, em 1977, cimento.

No contexto das relações entre a Espanha e Portugal, ocupa um papel importante o turismo, já que a Espanha é para Portugal o principal mercado fornecedor de visitantes, com uma cota habitual superior a 50 por cento das entradas. Em 1977, por exemplo, entraram em Portugal 1.600.000 espanhóis. Deste modo, a Espanha se não é o primeiro mercado em dormidas, economicamente é importante, dado o nível de gastos que o espanhol faz.

Lisboa sem luz durante meia hora

Entre as 6.36 e as 7.30 da manhã de hoje, faltou a energia eléctrica em toda a cidade de Lisboa.

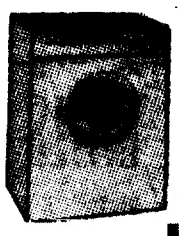
O facto ficou a dever-se a uma avaria na subestação de Pereiros, ao sul de Coimbra, que viria a afectar as linhas primárias. Substituido o transformador avariado, as ligações por zonas começaram a fazer-se a partir das 7.02, supondo-se que por volta das 7.30 estava a situação normalizada.

PASSAGENS
AVIÃO · COMBOIO · BARCO · PULLMAN
Preços das companhias
consulte-nos
agência abreu
LISBOA — Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341

CURSOS
• MECANOGRAFIA
PERFURAÇAO-VERIFICACAO
Sistemas IBM e UNIVAC
Início dos cursos [illegible]
DACTILOGRAFIA
Este curso tem início todos os dias
Informações e inscrições
EXTERNATO CONTINENTAL
Telef. [illegible]
Rua do Arsenal [illegible]

FÉRIAS NA MADEIRA
1 SEMANA
Partidas às 2.as, 5.as e Domingos
Preços excepcionais desde 3.700$
INCLUINDO:
• Viagem em avião a jacto TAP
• Estadia no Hotel
• Transportes em terra
• Visita turística
• Assistência de delegado
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO
LISBOA Av da Liberdade 160 Telef 371341
PORTO Av dos Aliados, 207 Telef 317921
COIMBRA Rua da Sota, 2 Telefs 27011/2
FARO Rua Cons Bivar, 65 Telefs 25035/6
FUNCHAL Rua do Gorgulho, 1 Telefs 31077/8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

ELECTRO ALEGRA
REPARAÇÕES



FRIGORÍFICOS
MAQUINAS DE LAVAR
TODAS AS MARCAS
REPARAÇÕES COM GARANTIA
BOBINAGENS
R. da Junqueira, 200 — Porta 36-36-A
Tel. 63 96 66 — LISBOA - 3

Em ALVERCA o
Diário de Lisboa
vende-se na
TABACARIA FERREIRA
R. Manuel Maria Vieira, 7

HABITAÇÃO...
PROBLEMA? JÁ NÃO É!
CONTACTE-NOS AINDA HOJE
predial delma
— compra e venda de propriedades todos os géneros, todos os locais, nas melhores condições e preços.
— terrenos para todos os fins.
tel. 578231

PELO ACTV

Petroquímica paralisa 24 horas

Os trabalhadores da Empresa Pública de Petroquímica e Gás fazem greve de 24 horas no próximo dia 15, como forma de luta pelo seu ACTV, em negociações há sete meses.

Trata-se do primeiro acordo vertical que substituirá mais de uma dezena de contratos por sectores profissionais. Os Sindicatos sustentam que o novo ACTV não será um somatório dos melhores regimes actuais, mas não pode ser no seu conjunto pior que os contratos colectivos em vigor desde 75.

A empresa por seu lado propõe regimes para o ACTV que significariam uma diminuição efectiva da retribuição real para 70 por cento dos trabalhadores.

Contra um aumento de 15 por cento da tabela salarial, o Conselho de Gerência propõe «subrepticiamente» como afirma a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Industriais Químicas em comunicado, diminuição de subsídios de turno, agravamento de horário de trabalho, de condições de prestação de trabalho em dias de descanso e feriados, «de tal forma que em vez dos 15 por cento de aumento, em média, a maioria dos trabalhadores passaria a receber menos 34$00 mensais».

Ao longo dos sete meses de negociações a Comissão Negociadora Sindical tem apresentado alternativas para a resolução dos problemas mas o Conselho de Gerência persiste em posições autoritárias.

Os trabalhadores viram-se portanto forçados a recorrer à greve, mantendo no entanto a esperança de que os ministérios de tutela venham dialogar, «encontrando plataformas que permitam a saída negociada do ACTV, sem os aspectos gravosos que os trabalhadores denunciam» afirma a Federação Sindical.

Sector de frio (conservas) pára três dias

O sector do frio na industria conserveira será atingido por uma paralisação total, durante três dias, a partir de amanha, em consequência da posiçao assumida pelo patronato nas negociações do CCT respectivo

Segundo um comunicado distribuido pelos Sindicatos dos Trabalhadores de Conservas de Peixe de Matosinhos, Peniche e Setúbal, o «patronato, provocatoriamente, pretende conceder aumentos de 250 escudos a trabalhadores que não vêem os seus vencimentos alterados desde Dezembro de 1976»

Ou seja, seguindo o mesmo documento, o patronato pretende conceder aumentos de 3.5 por cento quando os salários foram reduzidos em 35 por cento, como consequencia da inflação

Uma outra greve, pelos mesmos motivos se registou, recentemente no sector

EM ENCONTRO NACIONAL

Autogestionadas defendem alterações a Proposta de Lei

'ONDE SE METEU O APOIO DO ESTADO? NÃO O VEMOS'

Os trabalhadores das empresas em autogestão e cooperativas, que no sábado realizaram, na «Voz do Operário», em Lisboa, um encontro nacional, decidiram reforçar «a nossa oposição total a qualquer legislação que não contemple as justas posições que desde o início vimos defendendo».

O encontro nacional das EAG-COOPS contou com a participação de 350 delegados representando cerca de 10 mil trabalhadores do sector, elementos de 75 empresas em autogestão ou cooperativas e representantes da CGTP-IN, Uniões de Sindicatos do Porto, de Lisboa e de Setúbal, Cintura Industrial de Lisboa e de 12 sindicatos.

Das conclusões do encontro resultaram reivindicacações que respeitam à Lei, em elaboraçaõ na Assembleia da República, nomeadamente quanto à participaçaõ dos trabalhadores no Instituto Nacional das empresas em autogestão, através das estruturas que os venham a eleger para o efeito, numa percentagem não inferior a 50 por cento em relação aos órgãos deliberativos do Instituto.

Duas outras exigências contidas no documento final: que não sejam desviados das empresas quaisquer lucros que estas venham a obter devendo estes ser reinvestidos ou constituir fundos de reservas; que o INEA não possa intervir nos contratos que as empresas venham a negociar, desde que os representantes dos trabalhadores no Instituto se mostrem contrários a essa intervenção.

Além disso, é recusada ainda a interferência do INEA na constituição e funcionamento dos órgãos de gestão das empresas, devendo aquele reconhecer sempre as eleições democráticas destes órgãos.

Quanto às normas de funcionamento das empresas em autogestão foram defendidas alterações à proposta de Lei a discutir na AR, devendo «ser fixada a presunção de legitimidade da autogestão e imposto às entidades patronais que eventualmente contestem, o ónus da prova da sua ilegitimidade».

«Dado que já decorreu tempo mais do que suficiente para as entidades patronais contestarem ou reaverem judicialmente a gestão na posse dos trabalhadores, todas as situações existentes não contestadas, passem de imediato à situação de definitivas fixando-se para os casos de contestação anterior, o prazo limite de um mês para interposição das acções» – exige o documento.

Outros pontos em questão referem-se à hipótese de restituição de empresas aos patrões: «Apenas lhes serão entregues os bens existentes à data da assumpção da gestão pelos trabalhadores, exceptuados aqueles que foram onerados pela gestão e pelo passivo anterior à gestão dos trabalhadores – devendo em todos os casos ser garantido a estes o direito ao trabalho»; e «no que diz respeito a justificação da autogestão, esta deverá sempre presumir-se justificada».

As conclusões do encontro deverão ser entregues à Comissão de Trabalho da Assembleia da República e aos órgãos do Poder.

O QUE PRETENDEM OS TRABALHADORES?

«E tempo de travar a ofensiva contra os legítimos direitos dos trabalhadores, não calaremos mais o nosso descontentamento pela marginalização de que vimos sendo alvo» – assinala o documento final do encontro.

Nas conclusões do encontro acusa-se os poderes constituidos porque «desde que tomou posse o VI Governo Provisório (...) não existe uma única lei que proteja integralmente uma empresa em autogestão».

Em contrapartida, «as empresas continuam a ser devolvidas ao patronato, as acções de penhora por dívidas do patronato continuam a levar máquinas e equipamentos que limitam a laboração das empresas e as conduzem à inviabilidade».

«Nós trabalhadores das EAG-COOPS, perguntamos, onde se meteu o apoio do Estado que não o vemos?» lê-se no documento.

ESTABELECIMENTOS DAS FORÇAS ARMADAS

Sem direitos sindicais 16 mil civis

O Secretariado das Comissões de Trabalhadores dos Estabelecimentos Fabris das Forças Armadas propõe-se desenvolver uma acção conjunta entre as organizações respectivas e o movimento sindical a fim de ser finalmente reconhecido pelas entidades competentes o direito à sindicalização dos 16 mil trabalhadores civis.

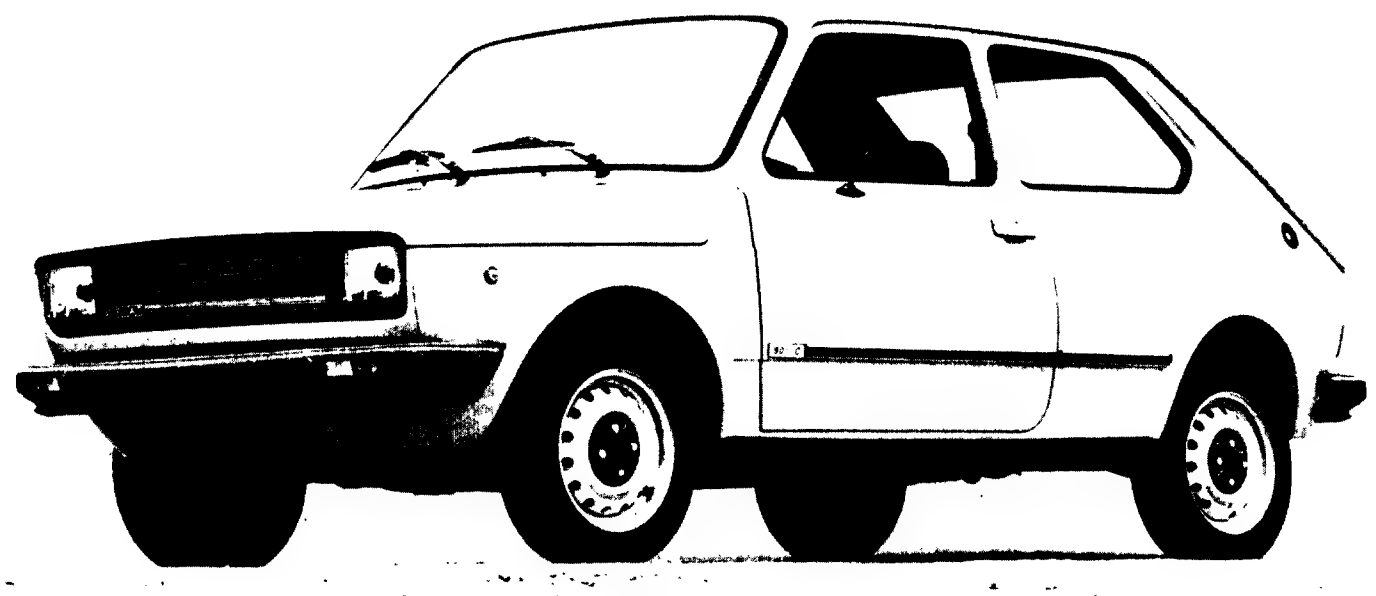
Estes trabalhadores, que no antigo regime não tiveram estrutura sindical própria, encetaram diligências logo após o 25 de Abril para conseguir a sua sindicalização.

Foram eleitas comissões pró-sindicais e nalguns desses estabelecimentos os trabalhadores chegaram a fazer as suas opções sindicais

Mas o tempo passou sem que constasse qualquer decisão superior. Até, que, em Novembro de 76, o Gabinete do Estado Maior General das Forças Armadas comunicou ao Conselho Director dos EFFA que por decisão da CM/CR, de 14 de Junho, do mesmo ano, enquanto não fosse publicada legislação que contemplasse especificamente a sindicalização dos trabalhadores civis do Estado, o pessoal civil nao podia sindicalizar-se.

UM GRANDE CARRO

PARA CONSUMO MUITO PEQUENO



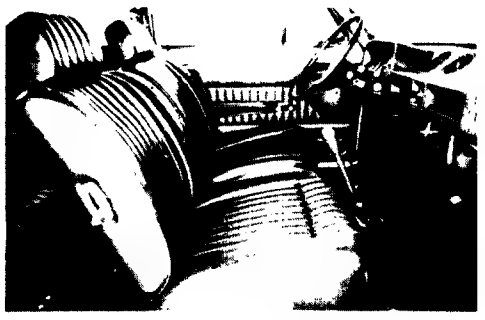
A carroçaria do novo Fiat 127 foi redesenhada. Esteticamente é agora mais bonita. Funcionalmente mais eficiente, mais completa.

Mais confortável

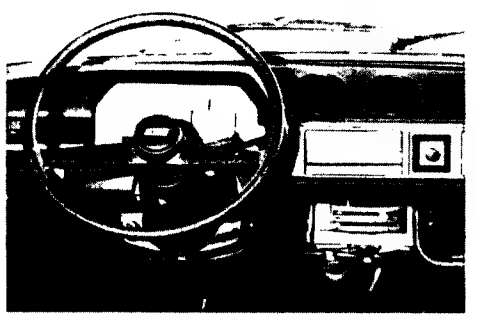
Os bancos do novo 127 são reclináveis, maiores e mais envolventes. Muito mais confortáveis.
Os encostos de cabeça, além de maior segurança proporcionam mais conforto.
O revestimento do piso interior é todo alcatifado.

Mais funcional

O tablier, agora mais completo, foi totalmente redesenhado para mais fácil leitura dos instrumentos.
A alavanca de mudanças, revestida de borracha e com feitio anatómico, é mais fácil de manejar, graças também à nova sincronização da caixa



A 3.ª porta abre mais abaixo, articulando se com uma prateleira ao nível dos bancos e que oculta o porta bagagem
Os pára choques de resina elástica absorvem pequenos choques



As janelas posteriores, de tracado horizontal, são mais amplas e abrem a compasso. O vidro traseiro tem também maiores dimensões

A todo o comprimento do carro foi aplicado um friso de borracha que protege das pequenas pancadas laterais.
Os grupos ópticos traseiros são mais visíveis pois foram consideravelmente aumentados, incorporando agora luzes de marcha atrás.

Maior economia

Com a nova relação de diferencial verifica-se uma redução no consumo, entre 7 e 10 %.
Isto significa que se pode ir de Lisboa ao Porto com pouco mais de meio depósito, à velocidade média de 80 km/h

Novo Fiat 127
um grande carro, para consumo muito pequeno.

NOVO 127 a responsabilidade de ser FIAT

COMPANHIA DE SEGUROS "A NACIONAL"

RELATÓRIO DO EXERCÍCIO DE 1977

1. INTRODUÇÃO

Durante o exercício de 1977 mantiveram-se praticamente inalteráveis os factores estruturais que condicionam negativamente a actividade seguradora desde muito antes da nacionalização, e que a imediata mobilização dos trabalhadores em múltiplos grupos de trabalho registada após aquela data bem como a acção de reestruturação e coordenação prevista desenvolver pelo INS permitia admitir fossem superados com brevidade.

Permanece a contínua expectativa da imediata promulgação da «legislação sobre mediação de seguros», condição imprescindível de correcta comercialização do seguro, assistência aos segurados e expansão da actividade em geral, seguro obrigatório Automóvel, revisão da legislação do seguro de Acidentes de Trabalho, seguro Agrícola, seguro de Bens do Estado entre outras questões de urgente e inadiável decisãogovernamental. Expectativa tanto mais evidente quando em muitos casos estão elaborados os respectivos projectos de decreto-lei.

Quanto à reestruturação da Indústria de Seguros, em especial o sector nacionalizado, a longa discussão havida em 1977 do ante-projecto elaborado pelo INS por parte dos trabalhadores de Seguros e do Conselho Nacional de Seguros e já entregue ao Governo permite também ciar a expectativa que sejam iniciados em breve com firmeza e determinação o desenvolvimento e planificação das suas linhas mestras.

E sobre este assunto, parece pertinente referir se considera correctos os objectivos do projecto de melhoria de prestação de serviços, redução de custos e aproveitamento racional dos recursos humanos entendendo-se que os mesmos deverão ainda ser mais desenvolvidos conduzindo necessariamente à criação de centros de apoio técnico à actividade seguradora. Considera-se também admissíveis os critérios que conduziram à criação de grupos propostos pelo INS, com o desaparecimento da imagem de marca das Companhias.

Entretanto, cada Companhia defronta uma estratégia (?) de acções conjunturais procurando obter o seu equilíbrio possível enquanto os estrangulamentos estruturais, muito diferentes de Companhia para Companhia o permitirem. Acresce a ausência de concertação e discussão dos objectivos globais do sector nacionalizado bem como o desconhecimento recíproco de cada Companhia sobre os seus próprios objectivos (?). Trata-se de uma questão de decisiva importância num sistema de «mercado» e no caso concreto dos seguros basta recordar a estratégia de conquista de mercado «a qualquer preço» com o desenvolvimento dos inerentes mecanismos subjacentes à actuação de algumas seguradoras nos últimos anos e que por «inércia» ou por capacidade disponível ainda se mantêm.

No caso concreto desta Companhia procurou-se desenvolver a orientação defenida desde o início do mandato do Conselho de Gestão de procurar obter o equilíbrio técnico e económico da empresa com simultânea cooperação nas acções globais empreendidas pelo INS em particular quanto à solução dos problemas pendentes em Angola e Moçambique.

É com satisfação que se constata a positividade das acções desenvolvidas, que se traduz no resultado positivo do exercício de 8.111.661$32, na melhoria dos serviços prestados aos segurados e maior satisfação profissional da generalidade dos trabalhadores da empresa.

2. A ACTIVIDADE DE A NACIONAL EM 1977

2.1 Objectivos essenciais

As limitações internas que a empresa defronta e largamente caracterizada nos relatórios dos exercícios de 1975 e 1976 impôs a adopção de simultânea realização de objectivos de difícil compatibilização e concertação. Assim importa referir:

- obtenção de condições estáveis de equilíbrio técnico e económico, susceptíveis de inverterem a produção sistemática de resultados negativos de exploração;
- recuperação económica da empresa em particular quanto à adopção de uma estratégia de investimento de forma a permitir a curto prazo o caucionamento de elevado montante de reservas a descoberto;
- melhoria da qualidade de serviços prestados;
- melhoria da satisfação profissional dos trabalhadores e dos colaboradores da empresa;
- clarificação e apoio técnico e financeiro da actividade da Companhia de Seguros A Nacional de Angola e Delegação em Moçambique.

O que implicou uma actuação firme e eficaz nas seguintes áreas, com sua quantificação prévia sempre que possível, conforme orçamento elaborado para 1977:

- crescimento equilibrado da carteira de prémios com melhoria da qualidade de riscos aceites
- redução do montante de prémios em cobrança
- estabilização das despesas gerais, procurando preencher o alargamento de novas funções com ganhos de produtividade
- melhoria das instalações, equipamento e mobiliário
- revisão da organização dos serviços com acrescida produtividade e melhoria de qualidade dos mesmos e satisfação profissional dos trabalhadores e colaboradores
- criação duma atitude de gestão previsional com a implantação dos inerentes suportes técnicos e estatísticos
- recuperação do parque de imóveis, manifestamente degradado

No essencial pode-se concluir ter-se registado uma positividade de resultados na generalidade destes objectivos.

2.2 Política de Pessoal

Embora o objectivo de contenção de despesas gerais, de que a rubrica pessoal é uma componente dominante, seja prioritário, a necessidade de reajustar os serviços da empresa com uma capacidade de resposta adequada exigiu a admissão de alguns trabalhadores, do quadro das delegações, serviços gerais e para preenchimento de funções específicas nos sectores de Informática, dactilografia e Peritagens de Automóveis. Durante o exercício registaram-se três demissões por reforma, abandono de lugar e demissão.

A empresa apresenta uma taxa elevada de absentismo por doença, no essencial decorrente da existência de alguns colegas com longos períodos de baixa, alguns anos em certos casos por doenças graves, situação que certamente continuará.

No campo da formação não foi possível desenvolver uma sistemática acção generalizada de formação, área em que terá de ser no essencial do âmbito do INS. No entanto adquiriram-se dez cursos ao exterior para formação específica além da intensa e sistemática formação dos trabalhadores do sector de Informática ministrada pela Univac.

2.3 Organização e Métodos

Efectuou-se a ampliação da área da Reprografia estendendo-se à actividade de racionalização de serviços através de um embrião de Organização e Métodos que se prevê desenvolver no próximo ano. Na sua muito curta existência pode desde já considerar-se meritória a intervenção deste novo órgão no campo da reacionalização de serviços e de impressos em diversos sectores da empresa.

Entretanto e em paralelo com o alargamento da intervenção da Informática na empresa, na generalidade das secções estão em curso amplas revisões de rotinas, simplificação de circuitos e clarificação das funções de cada posto de trabalho.

2.4 Informática

Procedeu-se no início do ano à instalação do novo equipamento de Informática, conforme planificação previamente elaborada.

Como consequência das exigências do equipamento e no seguimento de acções tomadas já no final do exercício anterior desenvolveram-se cursos de formação específica e alargou-se os seus serviços a diversos sectores da Companhia, no sentido de obter o melhor rendimento do equipamento e melhoria de qualidade de serviços com simultâneo ganho de produtividade dos sectores e produção e tratamento de dados estatísticos para a gestão técnica e financeira da empresa.

Salienta-se a excepcional resposta do Centro quer na conversão de rotinas anteriores quer no estudo e alargamento de novas aplicações bem como da generalidade dos trabalhadores da empresa que permitiu num tão curto espaço de tempo a operacionalidade mínima sem repercussões no conjunto da empresa.

2.5 Gestão do Património Imobiliário

As linhas de força da actividade nesta área foram as seguintes:

Recuperação do edifício Sede

A acentuada deterioração do imóvel, que em alguns aspectos colocava mesmo em causa a segurança dos trabalhadores e utentes da Companhia (estabilidade do edifício, mau estado de conservação geral das instalações eléctricas, precário funcionamento do elevador de acesso aos andares, etc.), projectaram-nos no campo de investimento na recuperação do edifício, pelo que se planeou uma primeira fase de obras cuja concretização orçou em 4.987 contos.

Em paralelo, e dentro duma política de adequação racional do espaço a dispôr, para dotar os sectores da funcionabilidade necessária e reforçar a capacidade qualitativa dos serviços a prestar, encetaram-se negociações com inquilinos instalados em áreas dos 3º e 4º pisos, tendo-se chegado a bom termo quanto à desocupação das mesmas, por valores de retribuição inferiores aos níveis médios de mercado.

Recuperação de algumas unidades do parque imóvel

Por imposição do elevado estado de degradação da maior parte das unidades do parque imóvel, houve que proceder ao investimento de 1.455 contos em obras de recuperação de alguns edifícios considerados com necessidade de intervenção prioritária.

Gastos de conservação

Os gastos de conservação em despesas de reparação emergentes de situações críticas detectadas na maioria das vezes por reclamação dos inquilinos, atingiram o montante de 1510 contos.

Rentabilidade do parque imóvel

O peso dos arrendamentos habitacionais no conjunto dos rendimentos dos imóveis situa-se à volta de 1/4, e constitui um valor com acentuada desactualização pela grande antiguidade da maioria das rendas.

Quanto aos arrendamentos comerciais, recuperaram-se algumas situações de atrazo de actualização em paralelo com acções de reajustamento do valor das rendas possíveis de alterar no quadro da legislação existente.

A variação positiva do aumento dos rendimentos dos imóveis situou-se na ordem dos 384 contos (76 diferidos no processamento).

A taxa média de rendimento dos imóveis na ordem dos 4%, revela a fraqueza desta área.

As despesas que afectaram o rendimento ilíquido dos imóveis, situadas em 4,8% desse rendimento, foram influenciadas pelo processamento na anuidade das contribuições relativas ao exercício de 1976 conjuntamente com as da anuidade de 1977.

2.6 Mobiliário, material e equipamento

Aliado à péssimas condições de instalação em que funcionavam os serviços da Sede, as carências de material de escritório, designadamente a nível de equipamento e mobiliário eram muito significativas, situação que com menor incidência afectava os escritórios da província.

Como reflexo dessa realidade resultam elevados custos improdutivos no desenvolvimento da actividade dos trabalhadores, que apesar do empenho e esforço abnegado para atingirem um nível de produtividade minimamente indispensável, eram ultrapassados pelo absoletismo do material existente e raridade do mesmo.

Houve pois que desenvolver um esforço de investimento dentro desta importante área, que se traduziu em 8697 contos, dos quais 7028 respeitam ao sector de Informática.

2.7 Investimentos

Conforme se detalha a propósito da gestão do Património Imobiliário, Mobiliário e Equipamento e Caucionamento de Reservas defrontou-se uma difícil e delicada decisão nesta área de relevante importância na empresa. No essencial verifica-se a premência de satisfação simultânea de elevados investimentos nestas áreas com limitadas disponibilidades financeiras. Nota-se a propósito a difícil situação financeira em que a Companhia Administrativa caracterizou no seu relatório relativo ao exercício de 1975.

Assim houve que fazer uma orientação ponderada dos escassos meios financeiros disponíveis de forma a satisfazer os seguintes objectivos:

- obtenção de valores para caucionamento de reservas
- melhoria da taxa de rendimento do património imobiliário e de títulos
- adequação satisfatória do equipamento e instalações da empresa conducentes à melhoria dos serviços prestados e ao aumento da produtividade

A aplicação realizada foi a seguinte:

- aquisição de 17.000 obrigações FIP no montante de 17.000 contos sendo 3.213.319$10 por numerário afecto às reservas
- obras de beneficiação nos imóveis no montante de 6443 contos além de 1500 contos em obras de conservação
- aquisição de mobiliário e equipamento no montante de 8697 contos, sendo 7028 respeitante ao computador incluindo os respectivos encargos financeiros com a sua amortização em 5 anos.

2.8 Serviços Comerciais

Os «Serviços Comerciais» foi uma das áreas de acção privilegiada neste exercício, no seguimento duma política iniciada em 1976, que visava criar condições próprias de actuação no mercado superando definitivamente a tradicional situação de dependência da Companhia relativamente a alguns agentes com condições leoninas de retribuição sem contrapartida no equilíbrio da carteira e sua rentabilidade.

A produção de seguros novos registou um aumento de 30,2% atingindo o montante de 62,927 contos com a seguinte distribuição: delegações 30.105 contos/47,8%, escritórios e empregados serviços externos – província 4999 contos/7,9%, Redes de Lisboa 7207 contos/11,5% e as restantes agências com 20.616 contos/32,8%.

Teve influência preponderante nos resultados obtidos a estratégia planificada, e desenvolvida a título experimental com as delegações, quanto a objectivos de produção, globais e por riscos que face à positividade dos resultados obtidos se poderá considerar com alguns reajustamentos pontuais como estratégia comercial definitiva que importa desenvolver.

Como acções preponderantes tomadas cita-se, além da já referida planificação de actuação comercial, o reajustamento de quadros de pessoal das dependências, a melhoria das instalações e equipamento a instituição de uma informação e comunicação correcta e detalhada, o reajustamento de zonas de trabalho e a reactivação de cursos de reciclagem e dinamização de agentes, efectuados em diversas regiões do País com excepcional acolhimento.

Também se considera de extrema importância, a assistência dada a nível de coordenação do Pelouro a todas as dependências da província com visitas periódicas às delegações e escritórios e reuniões na Sede, tanto para planeamento de trabalho como para análise da sua evolução.

Entretanto e contrariamente ao que se esperava o «Estatuto de Mediador» não foi ainda promulgado, mantendo-se em relação à agenciação a mesma situação indefinida que caracteriza várias facetas da Indústria seguradora. Impeditivo de nomeações, o sistema vigente provoca dificuldades de ordem vária essencialmente quanto à substituição de agentes criando a nível regional graves lacunas nos aspectos de angariação e cobranças, nem sempre de fácil solução.

Importa ainda salientar que decorrente em parte desta ausência de normalização da actividade de agenciação se estão gradualmente a retomar por parte de agentes e de seguradoras práticas incorrectas de concorrência em particular quanto a transferências de seguros e infracção de tarifas.

2.9 Exploração técnica

2.9.1 Seguro Directo

O crescimento global do volume de prémios foi de 21,9% o que representa significativo acréscimo ao registado no último exercício e de acordo com os valores orçamentados para 1977. No entanto é ligeiramente mais baixo que o registado no conjunto da Indústria em especial nos Ramos Vida, Fogo e Diversos.

Importa salientar que decorrente da necessidade de equilibrar a composição da carteira por ramos e qualidade de riscos, o que exige adopção de medidas selectivas delicadas, os resultados se podem considerar bons. Acresce as limitações que a rede agenciária da Companhia apresenta, fortemente dependente de um único agente, bem como os estrangulamentos de alguns serviços quanto à capacidade de resposta no normal tratamento dos assuntos e disponibilidade no estudo de novas modalidades. Entretanto a positividade das acções desenvolvidas quanto à superação dos efeitos negativos e destes dois últimos aspectos permitem perspectivar para 1978 uma mais forte expansão com simultânea exigência qualitativa, admitindo-se níveis de crescimento idênticos, ou até mesmo superiores ao nível da Indústria

As indemnizações incluindo os reajustamentos de exercícios anteriores cresceram 11% valor muito inferior ao crescimento do volume de prémios. Contribui significativamente neste facto a melhoria sensível registada na exploração do Ramo Automóvel.

Salienta-se que o indicador sinistros/prémios foi de 48,5% enquanto as médias dos anos 1971/75, 1973/75 e 1976 foram respectivamente 65,9%, 69,7%, 53,7% respectivamente, o que se situa em 1977 ao nível médio da Indústria e se admite seja o reflexo das acções correctoras desenvolvidas após a nacionalização quanto à melhoria da qualidade da carteira e correcta regularização dos sinistros. Nota-se que embora seja corrente a utilização deste indicador com base nos valores unicamente registados na rúbrica Indemnizações o mesmo se mostra pouco sensível por não reflectir as variações de reservas em particular do Ramo Acidentes de Trabalho que apresentou crescimento elevado neste exercício.

Ramo Vida

O volume de prémios cresceu 4,5%, o que sendo inferior ao crescimento médio registado no conjunto da Indústria é no entanto satisfatório e ainda muito superior ao previamente previsto. Importa ter presente que a carteira de A Nacional é uma carteira muito antiga afectada com peso significativo de vencimentos e sinistros.

Entretanto apresenta-se fortemente negativa a decisão governamental de aumentar a taxa de juro dos empréstimos sobre apólices de 6,5% para 15,5% pelo elevado número de resgates que origina, em particular de apólices antigas, na medida em que o juro chega a ser frequentemente superior ao prémio do seguro. Acresce que sob o ponto de vista conceptual é controversa a identificação de «empréstimos sobre apólices» a uma operação de crédito na medida em que o segurado mobiliza a sua «própria reserva» e deverá «compensar» a Companhia pela perda do rendimento que a reserva previa produzir o que é em qualquer caso inferior a 15,5%.

Regista-se como factor positivo um acréscimo de seguros novos em modalidades da previdência, rendas certas em especial, que se admite seja já o resultado de acções de inovação e dinamização comercial ainda em curso de implantação.

Note-se que ao nível da Indústria há que melhorar a informação do Seguro de Vida junto do público, simplificar os contratos e clarificar (padronizar) as respectivas condições gerais. Por outro lado e face à elevada taxa de inflacção, há que estudar e implantar sistemas de indexação permitindo a valorização dos valores seguros e atribuição de participação nos resultados. Importa ainda melhorar a ligação ao sistema bancário com efectivação de garantias em caso de morte dos beneficiários de empréstimos.

Ramo Acidentes Pessoais

Verifica-se um ligeiro abrandamento no crescimento deste ramo relativamente aos últimos exercícios, porém superior à média da Companhia o que melhora a sua posição no computo dos ramos. Como explicação deste facto encontra-se a reduzida produção de agentes importantes, e reduzida implantação no «mercado» de seguros colectivos que importa desenvolver.

Quanto à sinistralidade apresenta uma redução em valor absoluto de 16,2% com o índice de sinistralidade relativamente aos prémios de 26,2% que é manifestamente excepcional e mais baixo que a média da Indústria.

Ramo Fogo

O volume de prémios cresceu 17,5% o que representa uma taxa muito superior à registada nos últimos exercícios embora inferior à taxa média de crescimento da Indústria. Admite-se por atrazo na revisão dos valores dos seguros da carteira existente e no início da exploração de multi-riscos. Quanto à sinistralidade embora superior à do ano anterior apresenta uma taxa muito reduzida em relação aos prémios 14,8%.

Os resultados registados neste Ramo reflectem já as medidas técnicas adoptadas de maior selectividade na aceitação e tarifação de riscos e mais correcta regularização de sinistros e ainda o resultado das acções de reorganização dos serviços ainda em curso de implantação.

Entretanto importa ao nível da Indústria, rever a tarifa de incêndio, manifestamente desactualizada, institucionalizando um sistema de «bónus» e acréscimos de acordo com as características tecnológicas de cada risco em especial dos dispositivos de segurança e prevenção existentes. É importante ainda esclarecer e precisar as condições da actualização de valores seguros, em particular da cláusula do «valor de substituição» de grande acuidade na presente conjuntura em que se regista elevada taxa de inflação.

Ramo Acidentes de Trabalho

Os prémios cresceram 26,7% o que representa um ritmo mais elevado que o conjunto da Indústria, pese as condições desfavoráveis que se apresentaram ao longo do ano à exploração do Ramo nomeadamente o quase congelamento das contratações Colectivas de Trabalho. Na base deste crescimento está no essencial a pronta capacidade de resposta evidenciada pela Companhia quanto à revisão e actualização dos seguros em carteira.

Quanto à sinistralidade situou-se a taxas relativamente baixas embora o reflexo do aumento de salários que se registou a partir de 1974 se comece a fazer sentir no caso de incapacidades definitivas no elevado montante de reservas matemáticas a constituir neste exercício.

Mantiveram-se os condicionalismos no que respeita à assistência médica que entendemos apenas serem superáveis numa reestruturação global ao nível da Indústria.

Ramos Marítimo e Transportes

A carteira de prémios apresenta uma taxa de crescimento elevada porém permanecem os factores de instabilidade já referidos no relatório anterior, em particular quanto à predominância de um único segurado no ramo Transportes Terrestres.

Quanto à sinistralidade apresenta-se muito elevada no ramo Transportes Terrestres por elevada frequência de sinistros e elevação do seu custo médio por efeito no essencial da conjugação do mau estado das estradas e da inflacção.

Ramo Automóveis

O volume de prémios cresceu 22,8% idêntico ao valor médio da Indústria, o que corresponde ao objectivo da Companhia de equilíbrio na composição da sua carteira.

Quanto à sinistralidade apresenta uma descida acentuada relativamente aos prémios processados situando-se em 67,3% o que revela uma diminuição de frequência de sinistros embora o seu custo médio tenha subido. Importa referir que se procedeu à admissão de trabalhadores para o serviço de peritagens de acordo com o Contrato Colectivo de Trabalho e permitindo ainda admitir uma mais adequada capacidade de resposta futura deste sector com evidentes repercussões positivas junto dos segurados e terceiros e ainda nos próprios resultados do Ramo. Procedeu-se igualmente a uma sistematização e tratamento de dados estatísticos sobre a carteira e sinistralidade que se admite se venha a revelar no futuro breve óptimo suporte de gestão do Ramo.

Ramos Diversos

O crescimento de prémios foi no conjunto dos Ramos abrangidos de 22,2% muito inferior ao registado na Indústria. Admite-se que na origem deste facto se encontra um menor desenvolvimento da exploração dos Riscos de Responsabilidade Civil Geral e de Engenharia, além duma porventura desactualização das tarifas de Roubo para determinados riscos em carteira de forte sinistralidade.

Quanto à sinistralidade apresenta uma elevada taxa de cerca de 90% com forte progressividade relativamente ao exercício anterior, por agravamento do Ramo Roubo e dos riscos de Responsabilidade Civil Geral.

2.9.2 Resseguro Aceite

O Resseguro Aceite do antecedente dominado pelos negócios aceites à A Nacional de Angola apresenta neste exercício valores negativos quanto aos prémios provenientes da clarificação da sua carteira de anos anteriores com significativas anulações de prémios nos Ramos Vida e Acidentes Pessoais. Clarificação que deverá ser completada no próximo exercício em particular quanto a indemnizações e seguros vencidos.

Entretanto manteve-se alguns contratos existentes e alargou-se a nossa participação noutros negócios em particular coberturas facultativas às congéneres União e Ourique além da aceitação na cobertura «Property Damage and Pecuniary Loss» com a Companhia de Seguros Império numa orientação de alargamento da nossa comparticipação no resseguro de negócio nacional em particular proveniente do sector nacionalizado.

2.9.3 Resseguro Cedido

A melhoria de sinistralidade registada neste exercício reflectiu-se igualmente nos resultados em particular quanto às comissões processadas. Por outro lado este facto permitiu negociar alguns tratados em condições mais favoráveis em particular com o restabelecimento da cláusula de participação dos lucros nos tratados de Incêndio e Transportes

COMPANHIA DE SEGUROS "A NACIONAL"

Quanto ao Tratado do Ramo Vida foi o mesmo integralmente substituído apresentando sensíveis melhorias no clausulado e condições de comissionamento

Importa referir que por reflexo da clarificação da carteira aceite de A Nacional de Angola se registaram movimentos contabilísticos significativos devido às retrocessoes da mesma

3. CAUCIONAMENTO DE RESERVAS

3.1 Caracterização genérica

A Companhia apresentava em 15 6.77 uam elevada posição a descoberto no montante de 111.644 contos relativa às responsabilidades de 1976, incluindo as reservas de seguros vencidos em 15 6 77. Situação oportunamente analisada no Plano de Caucionamento Diferido apresentedo em 12 8.77 e que nos parece pertinente adiantar novamente alguns elementos caracterizadores sobre a mesma.

Assim:

Existe uma crescente acumulaçao das posições a descoberto

Anos	Posição final em Abril	Variação Res. Seg. Vencidos	Total
1973	+17.174	962	+16 212
1974	−36.874	6.424	−43 298
1975	−58.695	44.863	−103.558
1976	−111.644 (a)	—	−111.644

(a) Inclui já a variação da Reserva de Seguros Vencidos

A insuficiência de valores oferecidos declara-se no essencial em 1974 e 1975 por dois motivos dominantes:

(1) em 1974 como resultado da aplicação dos novos valores de inventário dos títulos de crétido estes decrescem em cerca de 50.000 contos

(2) em 1975 como resultado da mais correcta avaliação de reservas (em particular no Ramo Automóvel) tradicionalmente sub-avaliadas, estas sofrem um aumento de cerca de 50.000 contos de que cerca de 35.000 respeitam a exercícios anteriores

O elevado peso de «consolidados» na carteira de títulos da Companhia origina em 1976, por forte descida de cotações, acrescida de variação que no conjunto da carteira de obrigações não permite, mesmo com a aplicação da norma nº 3 do INS, valorização global positiva.

Entretanto, acresce a difícil mobilização de outros valores do activo para caucionamento de reservas, pela sua própria natureza e em particular pelos seguintes motivos:

(1) valor elevado, cerca de 40.000 contos, dos saldos de Vitalícia e de A Nacional de Angola de impossível realização imediata;

(2) retenção de fundos por parte de algumas agências com predominância do agente Leonel Andrade, decorrente das suas capacidades económicas perante as normas de comissionamento em vigor; esta retenção atinge cerca de 20.000 contos e a sua regularização apesar dos esforços desenvolvidos ultrapassa a Companhia;

(3) amortização e liquidação de créditos bancários concedidos à data da nacionalização à A Nacional e Vitalícia no montante de cerca de 10.000 contos;

(4) constituição de um fundo de maneiro adequado ao normal funcionamento da Companhia, que não existia à data da nacionalização;

(5) realização de obras de conservação nos imóveis da Companhia, que de há muito se impunham e eram insistentemente reclamadas, no montante de alguns milhares de contos.

No entanto, no contexto acima referido, ainda se obtiveram em 1975 e 1976 alguns resultados positivos, embora de reduzido significado:

– aumento do rendimento colectável dos imóveis, por actualização de rendas, originando um acréscimo de valor de caucionamento em cerca de 10.000 contos;

– aquisição de obrigações do Tesouro no montante de 1036 contos além da efectuada por aplicação dos valores obtidos por sorteio de obrigações, no montante de 9717 contos.

Importa salientar que os elementos caracterizadores sobre as situações apontadas deverão ser confrontadas com o Relatório da Comissão Administrativa relativo ao exercício de 1975, que os situa na prática seguida pela Companhia nos últimos exercícios anteriores à data da nacionalização com sobre-avaliação do activo e sub-avaliação do passivo, resultando a acentuada descapitalização que a Companhia vinha sofrendo. É pertinente e actual a afirmação conclusiva do citado Relatório:

«É previsível que ainda no futuro pese de forma decisiva as dificuldades estruturais que a Companhia vem acumulando nos últimos anos, nomeadamente no que se refere à descapitalização, à ausência de um fundo de maneio, à composição da sua carteira de prémios e à difícil liquefacção do seu activo em particular, no realizável a curto prazo».

3.2 Situação em 31.12.77

Como resultado das acções desenvolvidas quanto à melhoria do rendimento dos imóveis e consequente acréscimo de valor para efeito de caucionamento, aquisição de títulos do Tesouro e mobilização dos valores livres disponíveis a posição final a descoberto foi reduzida situando-se em 92.199 contos.

3.3. Plano de Caucionamento de Reservas Diferido

Conforme tem sido detalhado no Plano apresentado e documentos subsequentes entregues na Inspecção de Seguros existem, relativamente à posição final a descoberto em 15.6.77, perspectivas favoráveis de concretizar a curto prazo, a oferta de valores no montante estimado em 70.000 contos, de que a redução apresentada em 31.12.77 é indício concludente, admitindo-se a sua completa recuperação nos próximos exercícios.

O cumprimento do Plano apresentado sobre o caucionamento do valor a descoberto em 15.6.77, bem como o caucionamento das elevadas variações de reservas registadas em 1977, sensivelmente agravadas pela desvalorização do escudo e contínua baixa dos títulos do Tesouro consolidados, será possível apesar de ambicioso face às condições concretas da empresa, com a articulação dos seguintes meios.

– redução do montante de prémios em cobrança e realização de saldos devedores

– gestão racional do parque de imóveis com aumento do seu rendimento o que exige a aplicação selectiva de investimentos em obras de beneficiação e conservação

– alienação de alguns imóveis, com a realização de mais valias, no seguimento do estudo económico exaustivo que se está a proceder sobre o património da empresa

– obtenção nos próximos exercícios de saldos positivos de exploração.

Importa sublinhar que estamos conscientes que os excepcionais resultados obtidos nos dois últimos exercícios quanto ao equilíbrio técnico e económico da empresa, redução do saldo de Prémios em Cobrança gestao do património imobilizado exigirão continuado e por ventura mais exigente esforço espírito criador e responsável de todos os trabalhadores, que certamente o não regatearão e naturalmente a não existência de excepcionais condicionalismos desfavoráveis a empresa de impossível superação ao nosso nível

4. ACTIVIDADES NAS EX-COLÓNIAS

4.1 Angola

No seguimento do despacho do Senhor Ministro das Finanças da República Popular de Angola cancelando o alvará e coordenação da Companhia de Seguros A Nacional de Angola com efeito a partir de 31 12.76 foi realizada uma Assembleia Geral Extraordinária daquela Companhia em Luanda, no dia 18 2 77 com segunda sessão um mês depois destinada a analisar a situação financeira da empresa e admitindo-se a eventualidade da Comissão Administrativa nomeada em 2 8 75 poder vir a ser extinta, eleger os órgãos sociais da empresa com tomada de posse logo após o término do mandato da Comissão Administrativa.

Quanto à situação financeira concluiu-se que a Companhia teria de fazer face até final do ano de 1977 a pagamentos que ascendem a cerca de 23 milhões de kwanzas Para o efeito foi decidido concretizar um empréstimo junto da Companhia de Seguros Tranquilidade até ao montante de 22 mil contos, dando-se como garantia o imóvel pertencente à A Nacional de Angola situado em Luanda

Quanto ao preenchimento dos orgãos sociais foi deliberado eleger para o Conselho de Administração os accionistas Companhia de Seguros A Nacional e Companhia de Seguros Vitalícia com representação nos Snrs Batista da Costa e Helder Sacramento, representação que posteriormente teve que ser revista perante o impedimento verificado do Snr. Batista da Costa de representar a A Nacional situação ainda nao completamente regularizada Por despacho de 29 7 77 publicado em 10 9 77 no Diario da Republica de Angola é extinta a Comissão Administrativa

Durante o exercício em estreito contacto com os elementos designados como representantes de A Nacional e da Vitalícia no Conselho de Administraçao procurou-se planificar as acções conducentes ao encerramento dos balanços de 1975 e 1976 e 1977 bem como clarificar a situação das contas de Resseguro Aceite e Cedido por aquela congénere. Assim os trabalhos com esforçado empenho dos poucos trabalhadores portugueses ainda residentes em Angola desenvolveram-se a bom ritmo prevendo-se para breve apresentação dos competentes balanços à assembleia dos accionistas

4.2 Moçambique

Caracterização genérica

Com a promulgaçao do Decreto-Lei 3/77 de 13 1.77 da Republica de Moçambique foram estabelecidas as condiçoes e prazos de encerramento definitivo das Delegações das Companhias Portuguesas naquele estado O citado decreto reporta-se a um conjunto de pontos constantes dum protocolo de acordo assinado entre delegações dos dois países em Outubro ds1976 e que até à data ainda não foi ratificado pelos respectivos governos. Por este facto criam-se delicadas situações de difícil solução quanto a aspectos técnicos e financeiros que estavam previstos ser apreciados no âmbito duma comissão mista que nunca chegou a funcionar

Acresce a esta delicada situação de impasse o regresso para Portugal de trabalhadores portugueses em especial por ausência de clarificação da sua futura situação profissional e condiçoes de remuneração enquanto permanecem em Moçambique Esta situação acabou por ser resolvida a contento por despacho conjunto dos Ministérios das Finanças e dos Negócios Estrangeiros de Portugal de 17 5 77

No caso concreto de A Nacional a situação apresentou-se particularmente difícil pela grave situação financeira proveniente do antecedente caracterizada pela existência de empréstimos bancarios em 31 12 76 no montante de cerca de 8 200 contos que acresceram os encargos com a manutenção da delegação, liquidação de sinistros pendentes e juros dos empréstimos sem que as receitas tivessem significado Por outro lado mantiveram-se as precárias e deficientes condições de funcionamento da delegação de que a difícil conjuntura explica em certa medida não tivessem sido porventura tomadas em tempo e localmente as medidas mais adequadas quanto à solução de diversos problemas técnicos e financeiros existentes

Situação financeira

Decorrente da necessidade de satisfazer encargos com a manutenção da delegação e liquidação de sinistros foi celebrado um empréstimo com o Estado Português no montante de 4.639.747$00 a liquidar em Moçambique por o prazo de um ano.

Assim no final do presente exercício os encargos bancários em Moçambique e com o Estado Português totalizavam 12.839.493$00, prevendo-se a sua redução no início do próximo exercício para 9.849.493$04.

Entretanto acresce àquelas responsabilidades os encargos com a transferência para a Emose até 31.3 78 das reservas matemáticas dos segurados de Vida que optaram por manter os seus contratos em Moçambique, as reservas matemáticas dos pensionistas de Acidentes de Trabalho residentes naquele país e as reservas de seguros vencidos em 31.12.77. Estes encargos totalizam 2.520.268$75 existindo cerca de 1.000 contos de valores susceptíveis de serem aceites pela Emose como meios de pagamento.

Resultados de Exploração

A delegação apresenta um resultado negativo de 1.315.248$31 em larga medida devido aos encargos financeiros com empréstimos existentes, manutenção da delegação e reajustamento de um sinistro de 1972 liquidado neste exercício por sentença do Supremo Tribunal.

5 ANÁLISE SUMÁRIA DAS CONTAS DE 1977

5.1 Saldo da conta de Ganhos e Perdas

Os resultados do exercício em apreciação, já deduzido do prejuízo da delegação de Moçambique de 1.315 248$31 foram positivos em 8 111.661$32. Assim, o saldo de exercícios anteriores no montante de 84.486.633$52 transita para o exercício seguinte por 76.374 972$20.

Contribuiu decisivamente nestes resultados a redução da sinistralidade na generalidade dos ramos, pese no entanto o crescimento elevado das reservas matemáticas do Ramo Acidentes de Trabalho. Entretanto em sentido inverso regista-se um elevado crescimento das despesas gerais no essencial decorrentes da entrada em vigor do novo Contrato Colectivo de Trabalho que se admite apresente na Companhia aspectos mais gravosos que na generalidade da Indústria pelo elevado tempo de serviço médio dos trabalhadores da Companhia

5.2 Análise de algumas Contas de Encargos e Proveitos

Reservas Matemáticas

Regista-se um elevado aumento das reservas de seguros directos nos ramos Vida e Acidentes de Trabalho. Quanto ao primeiro a antiguidade da carteira onde predominam os seguros de modalidades mistos e dotais explicam o seu comportamento; **relativamente ao ramo Acidentes de Trabalho o seu aumento reflecte o crescimento das pensões decorrentes dos aumentos salariais registados após 1974.**

Provisão para Prémios em Cobrança

Apresenta um aumento de Esc. 1.646.468$40 o que face ao aumento da carteira se poderia admitir como aceitável. Porém face ao decrescimento global do montante de recibos com mais de 90 dias sobre o qual incide o cálculo da provisão importa adiantar alguns esclarecimentos. Pelas normas em vigor sobre o cálculo do seu montante o peso é diferente consoante os ramos e no essencial dependem dos encargos de resseguro e das comissões registadas no exercício anterior, valores que se apresentaram no ano transacto excepcionalmente favoráveis. Assim como no ramo Acidentes de Trabalho o peso da provisão é mais elevado que a generalidade dos outros ramos o facto de ser neste ramo que se teve de aceitar mais atrazo no pagamento de prémios por dificuldades de algumas empresas explica,em parte o aumento Por outro lado quanto à agência Leonel Andrade, não se obteve a positividade do esforço de recuperação o de cobranças registada no conjunto da Companhia em particular nos ramos Marítimo e Transportes.

Amortizaçoes

O acréscimo elevado que esta conta apresenta relativamente a exercícios anteriores reflecte além das insuficientes amortizações que eram efectuadas antes da nacionalizaçao o peso das aquisiçoes efectuadas em equipamento e mobiliário, em particular com o novo Centro de Informática

Despesas Gerais

Regista um agravamento de 30,1°₀ relativamente ao exercício anterior, como resultado do agravamento das despesas com pessoal e encargos parafiscais e sofreram crescimentos ainda mais elevados e representam no seu conjunto 75,9°₀ das despesas totais Nota-se que da aplicaço do Contrato Colectivo de Trabalho resultaram fortes encargos por promoções obrigatórias e antiguidade que se admite sejam mais gravosas nesta empresa pelo elevado numero de anos de serviço que em média os seus funcionários apresentam

Assim, a taxa de Despesas Gerais relativamente aos prémios processados subiu de 29,4°₀ para 31 4°₀ o que se apresenta excessivamente elevada e importará dominar nos próximos exercícios por simultânea expansão da carteira e contenção severa de todas as suas componentes

Rendimentos

Embora se registe um ligeiro aumento dos rendimentos no essencial provenientes dos imóveis, importa salientar que o mesmo foi influenciado negativamente pelo peso elevado de obras de conservação que tiveram de ser efectuadas pela degradação que o parque há muito vinha sofrendo e ainda pelo processamento neste exercício das contribuições relativas a 1976 e 1977 Estas componentes negativas vieram ocultar a positividade da organização do sector de património e das medidas já concretizadas quanto a uma mais eficaz actuaçao na revisao de contrataçao de arrendamentos comerciais

Receitas Diversas

O montante relativamente elevado que apresenta explica-se pelas mais valias realizadas com a amortizaç[illegible] de Obrigações do Tesouro BNU

5.3 Análise de algumas Contas do Balanço

Activo Disponivel

Verifica-se a existência de disponibilidades em 31 12 77 em depósitos em Bancos e Caixa no montante de [illegible] que representa um acréscimo muito significativo relativamente aos anos anteriores o que permite manter um fundo de maneio adequado e realizar alguns investimentos para [illegible]namento de reservas e continuação de recuperaçao dos imoveis

Títulos de Crédito

A aquisiçao de cerca de [illegible] contos de Obrigaçoes do Tesouro 18 [illegible] permitiu melhorar sensivelmente a composiçao global da carteira de títulos e simultâneamente já no próximo exercício uma melhoria da taxa de remuneração dos valores afectos às reservas

Prémios em Cobrança

Esta conta regista um aumento de 9.408 contos, 10.7°₀ relativamente ao exercício anterior No entanto este aumento é muito inferior ao crescimento da carteira de prémios Assim o seu montante expresso em percentagem total da carteira é de 31,9°₀ contra 35,2°₀ em 1976 e de cerca de 42°₀ em media nos anos anteriores à nacionalização e que reflecte a positividade do esforço de cobrança desenvolvida pela Companhia em especial na sede e delegações Sob este aspecto salienta-se que a rede agenciária com cobrança, onde a agência Leonel Andrade é dominante os resultados não foram igualmente satisfatórios

Devedores e Credores Gerais

Regista-se um acréscimo das posições devedoras relativamente aos valores já elevados dos exercícios anteriores. Na base desta situação está quanto aos correspondentes a continuada retenção de fundos de algumas agências, em especial da agência Leonel Andrade por incumprimento das normas sobre comissionamento, e quanto aos resseguradores o financiamento de a Vitalícia para as suas despesas correntes e amortização dos encargos bancários que esta Companhia tinha a data da nacionalização.

Importa salientar que esta situação se apresenta gravemente desfavorável no equilíbrio económico e financeiro da empresa, pelo que se deverá em breve tomar as medidas adequadas ao nosso alcance pelo menos quanto à sua contenção.

Reservas Matemáticas

O aumento de reservas matemáticas dos Ramos Vida e Acidentes de Trabalho foi de cerca de 25.000 contos, tendo contribuído para este valor muito elevado em particular no Ramo Vida a variação negativa da flutuação de câmbios de cerca de 3.300 contos nos seguros em moeda estrangeira pela desvalorização do escudo, e da transferência da carteira de Moçambique no montante de cerca de 4.000 contos.

Situação líquida Passiva

Importa salientar o aumento registado na flutuação de valores em cerca de 7.300 contos decorrentes da desvalorização do escudo, 3.338 contos, e da contínua descida da cotação de Títulos do Tesouro, 3.940 contos.

Quanto ao saldo negativo dos exercícios anteriores continuou o mesmo a ser reduzido pela ocorrência do resultado positivo do exercício transitando por 76.374.972$20 o que reflecte a contínua recuperação registada nos dois últimos exercícios.

Situação líquida Activa

Os ganhos potenciais com imóveis apresentam um acréscimo de cerca de 2.000 contos No entanto importa referir que não chegaram a ser contabilizadas neste exercício as valorizações obtidas por acréscimo de rendimento dos imóveis e a reavaliação de alguns imóveis em que estão instalados os serviços da Companhia que se admite atinjam valor superior a 40 000 contos

6. PERSPECTIVAS PARA 1978

Como consequência das múltiplas acções de recuperação em todos os domínios da empresa empreendidas desde a nacionalização admite-se que em 1978 os resultados sejam nitidamente favoráveis, pese a difícil conjuntura económica que o país atravessa e a permanência de indefinição quanto à reestruturação do sector nacionalizado, além de ainda se verificarem estrangulamentos internos significativos em especial quanto a aspectos económicos, financeiros, estrutura de custos e parque de imóveis.

Concretamente quanto à A Nacional admite-se que no próximo exercício estejam reunidas minimamente as condições objectivas (organização interna, Centro de Informática, recuperação de atrasos, indicadores de gestão e elementos estatísticos correctos e em tempo) e subjectivas (capacidade de decisão descentralizada, iniciativa, atitude previsional a todos os níveis, disciplina de serviço) susceptíveis de se permitir a implantação de modo sistemático e generalizado de uma estrutura orçamental e de planeamento e de descentralização regional, condições imprescindíveis para a definitiva recuperação e expansão da empresa a médio prazo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amplo e detalhado relatório agora apresentado parece-nos traduzir o esforço desenvolvido na recuperação da empresa com simultânea e coerente identificação nos objectivos visados com a nacionalização dos seguros. Porém, estamos certos, somente a promulgação de legislação e normas disciplinadoras sobre o conjunto da actividade seguradora, bem como a reestruturação do sector nacionalizado permitirá no futuro a esta e às outras Companhias de Seguros uma exploração rentável com orientação das suas «poupanças» para investimentos sociais e económicos relevantes e a satisfação de necessidades de coberturas de seguro que o desenvolvimento tecnológico e o interesse social exigem, e neste sentido salienta-se os seguros de Engenharia, o seguro Agrícola, o seguro obrigatório de Automóveis e a revisão do seguro de Acidentes de Trabalho

Temos a consciência de termos dedicado à empresa todo o esforço e empenho possíveis e estimulados com a disponibilidade que a acumulação permanente de múltiplos problemas nos permitiu uma atitude de diálogo e iniciativa responsável de parte da generalidade dos trabalhadores e colaboradores da empresa inteiramente correspondida.

Lisboa 15 de Março de 1978

O CONSELHO DE GESTÃO
Armando Vieira dos Santos Caeiro (Presidente)
Rui de Sousa Pacheco
João Fernandes Sarandeses
Silvino dos Santos Lopes
Herlander Henrique Cantinho da Silva

ANEXO

EVOLUÇÃO DAS DESPESAS GERAIS E DE COMERCIALIZAÇÃO-EM % DA RECEITA (CONTINENTE E ILHAS)

DESCRIÇÃO	1973 %	1974 %	197[illegible] %	197[illegible] %	197[illegible] %
1 – DESPESAS GERAIS / Pr. Seg. Directos	24,0	2[illegible],5	[illegible]	[illegible] (a)	31,[illegible]
2 – DESPESAS GERAIS / Pr. SD+Pr. RA	22,2	25,2	23,3	28,6 (b)	[illegible] (c)
3 – DESPESAS GERAIS / Pr. SD+Pr. RA–Pr.RC	27,8	[illegible]	[illegible]	[illegible] (a)	[illegible]
4 – DESPESAS AQ.+COM.SD / Pr. Seg. Dir.	[illegible]	19,[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
5 – DESP.AQ.+COM.SD+COM.RA / Pr. SD + Pr. RA	[illegible]	19,[illegible]	[illegible]	10,1 ([illegible])	[illegible]
[illegible] – DESP.AQ.+COM.(SD+RA–RC) / Pr.SD+Pr.RA–Pr.RC	19,0	1[illegible]	[illegible]	[illegible],1 (b)	[illegible] (c)
7 – (1) + (4)	[illegible]	[illegible],9	[illegible]	[illegible] (b)	41,[illegible] (c)
8 – (3) + (6)	[illegible],8	[illegible],1	[illegible]	[illegible]	[illegible]

a) Em 1976 as Despesas Gerais [illegible] vencimentos [illegible] Empregados de Serviço Externo, do [illegible] contabilizado em Despesas de Aquisição.

b) Reflecte a não clarificação do R.A. proveniente da "A NACIONAL DE ANGOLA" em particular por se terem processado essêncialmente prémios do Ramo Vida de que não origina praticamente comissões.

c) Influênciado pela correcção feita [illegible] exercício do movimento de "A NACIONAL DE ANGOLA" respeitante ao R.A. de anos anteriores.

COMPANHIA DE SEGU

BALANÇO — SEDE

ACTIVO	VIDA	ACIDENTES DE TRABALHO	RESTANTES RAMOS	CONTAS GERAIS	SUB-TOTAIS	TOTAIS
RESERVA MATEMATICA						
De Resseguros Cedidos	38:827.040$30	-$-	-$-	-S	-S-	38:827.040$30
RESERVA DE GARANTIA						
De Resseguros Cedidos	-$-	-$-	9:971.073$30	-$-	-$-	9:971.073$30
RESERVA DE SEGUROS VENCIDOS						
De Resseguros Cedidos	8.468$00	-$-	74 720$75	-$-	-$-	83 188$75
VALORES DE EMPREGO DAS RESERVAS						
Titulos de Crédito e Numerário						
Próprios	46:045.432$00	12.166 427$00	11:537 095$00	-$-	69:748.954$00	
De Resseguradores	9:449.050$00	-$-	-$-	-$-	9:449.050$00	
Imóveis	187:443.876$00	-$-	-$-	-$-	187:443 876$00	
Empréstimos s/Apólices	5:018.029$20	-$-	-$-	-$-	5:018 029$20	
Empréstimos Hipotecários	7:873 750$00	-$-	-$-	-$-	7:873.750$00	279:533.659$20
VALORES EM DEPÓSITO						
De Vários	-$-	-$-	-$-	16:218 401$00	16:218.401$00	
De Resseguradores	975$00	-$-	-$-	-$-	975$00	16:219.376$00
DEVEDORES POR VALORES EM DEPÓSITO						
Vários	-$-	-$-	-$-	22:304.490$00	22:304.490$00	
Ressegurados	25:695.533$71	-$-	452 959$00	-$-	26:148.492$71	48:452.982$71
IMOVEIS	-$-	-$-	-$-	701.860$00	-$-	701 860$00
MOBILIARIO E MATERIAL	-$-	-$-	-$-	16:374.917$00	16:374.917$00	
AMORTIZAÇÕES DE MOBILIÁRIO E MATERIAL	-$-	-$-	-$-	(-) 4.941 317$40	(-) 4:941.317$40	11:433.599$60
EMPRESTIMOS HIPOTECARIOS	-$-	-$-	-$-	925.000$00	-$-	925.000$00
EMPRESTIMOS SOBRE TITULOS	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-
AGÊNCIAS NAS EX-COLÓNIAS						
Saldo das Agências	-$-	-$-	-$-	(-) 11.360.177$68	(-)11 360 177$68	
Reservas Técnicas de Resseguros Cedidos	-$-	-$-	57 899$90	-$-	57 899$90	(-) 11 302.277$78
DEVEDORES GERAIS						
Segurados, Correspondentes e Angariadores	-$-	-$-	-$-	47 625 247$65	47.625.247$65	
Ressegurados	2.226.377$13	-$-	9.769 877$85	892 122$39	12.928.377$37	
Resseguradores	1.566.918$06	10 262.287$48	21 487.065$98	31 442 425$30	64.758.696$82	
Outros	-$-	-$-	-$-	10.431 673$61	10.431.673$61	135 743.995$45
QUOTAS PARTES DE INDEMNIZAÇÕES A RECEBER	1.353.346$66	1.996.534$70	27 806.379$59	-$-	-$-	31 156.228$95
PRÉMIOS EM COBRANÇA						
Na Sede	1.681.007$40	5 233.753$90	5 254.490$80	-$-	12 169.252$10	
Nos Correspondentes	3 358 543$24	34 163 337$10	47 564 869$96	-$-	85.086.750$30	97.256 002$40
LETRAS A RECEBER	-$-	-$-	-$-	346.774$00	-$-	346 774$00
TITULOS DE CRÉDITO	-$-	-$-	-$-	10 047 340$00	-S-	10.047.340$00
DEPÓSITOS EM BANCOS	-$-	-$-	-$-	38 276 541$56	-$-	38.276.541$56
CAIXA	-$-	-$-	-$-	66 165$20	-$-	66.165$20
SITUAÇÃO LIQUIDA PASSIVA						
FLUTUAÇÃO DE VALORES						
De Titulos	-$-	-$-	-$-	31 563.708$55	31.563.708$55	
De Câmbios	-$-	-$-	-$-	4.547.537$63	4.547.537$63	36 111.246$18
GANHOS E PERDAS						
De Exercícios Anteriores	-$-	-$-	-$-	+ 84 486 633$52	+ 84.486 633$52	
Do Exercício	-$-	-$-	-$-	(-) 8 111.661$32	(-) 8 111.661$32	76.374.972$20
TOTAIS	330.588.314$70	63.822 340$18	133 976 432$13	291.83768l$01		820.224.768$02
CONTAS DE ORDEM						
Letras Descontadas	-$-	-$-	-$-	12 744.060$60	-$-	12.744.060$60

PASSIVO	VIDA	ACIDENTES DE TRABALHO	RESTANTES RAMOS	CONTAS GERAIS	SUB-TOTAIS	TOTAIS
RESERVA MATEMÁTICA						
De Seguros Directos	181:943.937$20	87:759.802$40	-$-	-$-	269:703.739$60	
De Resseguros Aceites	21:999.388$40	-$-	-$-	-$-	21:999.388$40	291:703.128$00
RESERVA DE GARANTIA						
De Seguros Directos	-$-	-$-	58:915.424$10	-$-	58:915.424$10	
De Seguros Aceites	-$-	-$-	426.483$10	-$-	426.483$10	59:341 907$20
RESERVA DE SEGUROS VENCIDOS						
De Seguros Directos	106.086$90	-$-	90.319$10	-$-	196.406$00	
De Resseguros Aceites	15.109$59	-$-	5.856$51	-$-	20.966$10	217 372$10
CREDORES POR VALORES EM DEPÓSITO						
Vários	-$-	-$-	-$-	16:596.116$75	16:596.116$75	
Resseguradores	38:457.804$29	14.886$18	20:558.063$51	-$-	59:030.753$98	75:626.870$73
CREDORES GERAIS						
Segurados, Correspondentes e Angariadores	-$-	-$-	-$-	13:609.077$97	13:609.077$97	
Ressegurados	742.734$25	203.972$20	1:984.097$45	2:439.202$31	5:370.006$21	
Resseguradores	4:569.708$90	3:255.010$20	20:925.957$94	13:877.454$54	42:628.131$58	
Outros	-$-	-$-	-$-	14:058.824$70	14:058 824$70	75:666.040$46
INDEMNIZAÇÕES A PAGAR						
De Seguros Directos	1:894.929$42	634.516$93	114:001.614$50	-$-	116:531.060$85	
De Resseguros Aceites	4:178.792$18	-$-	3:602.092$99	-$-	7:780.885$17	124:311 946$02
COMISSÕES A PAGAR	431.940$47	4:317.710$60	5:887.764$03	-$-	-$-	10:637.415$10
PROVISÕES						
Para Incapacidades Temporárias de Acidentes de Trabalho	-$-	9:902.163$20	-$-	-$-	9:902.163$20	
Para Prémios em Cobrança	1:650.277$40	9:841.142$90	8:097.341$40	-$-	19:588.761$70	
Diversos	-$-	-$-	-$-	9.481.631$45	9:481.631$45	38:972.556$35
SITUAÇÃO LÍQUIDA ACTIVA						
CAPITAL	-$-	-$-	-$-	27:500.000$00	27:500.000$00	
FUNDO DE RESERVA LEGAL	-$-	-$-	-$-	5:600.000$00	5:600.000$00	
FUNDO DE RESERVA LIVRES	-$-	-$-	-$-	65:270.405$01	65.270.405$01	
FLUTUAÇÃO DE VALORES						
De Imóveis	-$-	-$-	-$-	45:377.127$05	45:377 127$05	143:747.532$06
TOTAIS	255:990.709$00	115:929.204$61	234:495.014$63	213:809.839$78		820:224.768$02
CONTAS DE ORDEM						
Responsabilidades por Letras Descontadas	-$-	-$-	-$-	12:744.060$60	-$-	12:744.060$60

DÉBITO	VIDA	AC. TRAB
Saldo do Exercício Anterior	-$-	
RESERVA MATEMÁTICA		
De Seguros Directos	4.532.529$40	12.87
De Resseguros Aceites	-$-	
De Resseguros Cedidos	4.332.334$80	
RESERVA DE GARANTIA		
De Seguros Directos	-$-	
De Resseguros Aceites	-$-	
De Resseguros Cedidos	-$-	
PROVISÕES		
Para Inc. Temporárias de Ac Trabalho	-$-	2.08
Para Prémios em Cobrança	-$-	1.00
AMORTIZAÇÕES	-$-	
COMISSÕES		
De Seguros Directos	1.658.079$50	8.85
De Resseguros Aceites	(-) 383.767$59	
Despesas de Aquisição	137.810$00	3
INDEMNIZAÇÕES		
De Seguros Directos		
Do Exercício	14.926.414$64	30.17
De Exer. Anteriores (Reajustamentos)	-$-	
	14.926.414$64	30.17
De Resseguros Aceites	6.400.456$51	
ENCARGOS DE RESSEGUROS CEDIDOS		
Prémios	2.660.293$15	3.93
Juros	1.486.600$38	
DESPESAS GERAIS		
Órgãos Sociais	-$-	
Pessoal	2.021.236$30	2.94
Publicidade	-$-	
Outras Despesas de Administração	64.202$36	46
Encargos Fiscais	655.561$60	2.83
Encargos Parafiscais	453.192$70	88
ENCARGOS DIVERSOS	-$-	
RESULTADOS DE AGÊNCIAS NAS EX-COLÓNIAS		
Transferido das Contas das Agências	578.260$15	34
De Resseguros Colocados pela Sede	161.767$37	
TOTAIS	39.684.971$27	66 43

CRÉDITO	VIDA	
RESERVA MATEMÁTICA		
De Seguros Directos	-$-	
De Resseguros Aceites	8.552.640$10	
De Resseguros Cedidos	-$-	
RESERVA DE GARANTIA		
De Seguros Directos	-$-	
De Resseguros Aceites	-$-	
De Resseguros Cedidos	-$-	
PROVISÕES		
Para Incapacidades Temporárias de Ac. Trabalho	-$-	
Para Prémios em Cobrança	265.835$50	
PRÉMIOS E SEUS ADICIONAIS		
De Seguros Directos	21.261.282$70	99.02
De Resseguros Aceites	(-) 1.601.684$23	
RECEITA DE RESSEGUROS CEDIDOS		
Comissões	395.230$34	
Indemnizações	5.214.486$50	7.15
RENDIMENTOS		
Das Reservas Técnicas de Seguros Directos	6.101.270$90	2.51
Das Reservas Técnicas de Resseguros Aceites	1 388.903$96	
Dos Valores Livres	-$-	
RECEITAS DIVERSAS		
Cargos em Outras Sociedades	-$-	
Outras	-$-	
RESULTADOS DE AGÊNCIAS DAS EX-COLÓNIAS		
Transferido das Contas das Agências	1.166.952$20	29
De Resseguros Colocados pela Sede	49.873$73	
SALDO		
TOTAIS	42 794.791$70	

Lisboa, 31 Dezembro 1977 — O Chefe da Contabilidade — Conselho de Gestão

Lisboa, 31 DE Dezembro de 1977

GUROS "A NACIONAL"

CONTA DE GANHOS E PERDAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1977

AC. TRABALHO	AC. PESSOAIS	FOGO	AGRÍCOLA E PECUÁRIO	AUTOMÓVEIS E RESP. CIVIL	MARÍTIMO	TRANSPORTES TERRESTRES	AÉREO	DIVERSOS	CONTAS GERAIS	SUBTOTAIS	TOTAIS
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	84.486.633$52	-$-	84 486 633$52
12.877.578$60	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	17.410.108$00	
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	4.332 334$80	21 742 442$80
-$-	786.769$70	1.510 738$20	-$-	7.637.255$30	164.185$40	66.315$40	4.707$90	435.113$00	-$-	10.605.084$90	
-$-	-$-	91.124$80	-$-	-$-	-$-	-$-	7$80	70.327$50	-$-	161.460$10	
-$-	201.118$90	-$-	75.793$60	63.169$30	24.451$70	-$-	-$-	2.380$20	-$-	366.913$70	11.133 458$70
2.086.325$60	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	2.086.325$60	
1.003.080$70	143.704$50	517.821$50	-$-	-$-	655.614$80	203 772$80	824$50	91.702$00	-$-	2.616.520$80	4 702 646$40
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	2.456.237$60	2.456 237$60	2 456.237$60
8.853.511$00	1.129.581$50	4.443.571$60	148.958$20	10 926.602$40	809.077$30	315.683$70	17.154$10	902.538$60	-$-	29.204 757$90	
-$-	(-) 706.073$10	175.105$70	-$-	-$-	45.349$80	192$90	7$90	143.281$40	-$-	(-) 725 902$99	
30.599$60	3.222$20	93.548$50	1.200$00	99.533$30	6.990$60	206$80	151$00	998$30	-$-	374 260$30	28 853 115$21
30.176.386$26	2.743.419$40	4.586.847$40	418.100$00	85.993.022$30	2.196.826$80	2.908.608$50	80.544$90	6.375.874$10	-$-	150.406.044$30	
-$-	(+) 384 019$80	(-) 79.000$50	-$-	(-) 2.525.574$60 (-)	433 448$80	+57 605$60	-$-	+15.002$70	-$-	(-) 2.581 395$80	
30.176.386$26	3.127.439$20	4.507.846$90	418.100$00	83.467.447$70	1 763.378$00	2 966 211$10	80 544$90	6.390.876$80	-$-	147 824 648$50	
-$-	1.512$40	27.309$44	-$-	4.110$90	433.018$25	7 716$50	20.492$38	84.841$90	-$-	6 979 458$28	154 804 106$78
3.933.173$00	4.421.604$50	16 696.334$60	856.408$30	2.429 995$10	5 305 457$20	1.888.857$00	78.213$00	3.830.238$70	-$-	42 100 574$55	
-$-	51.398$50	238 361$94	-$-	407 707$19	73.324$79	154$80	-$-	-$-	-$-	2 257 547$60	44 358 122$15
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	
2.942.285$80	1.146.142$10	3.294.243$40	-$-	6.371.114$90	723.095$00	-$-	-$-	-$-	44.420.445$10	60 919 362$60	
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	69.437$50	69.437$50	
469.214$30	59.610$20	88.618$70	43.913$50	290.248$80	12.381$60	2.897$20	84$90	58.839$90	8.089.350$80	9 179 362$26	
2.831.624$80	391.966$80	2 800.663$20	48.432$80	5.172.943$40	215.978$50	66.002$40	4.054$10	192.676$20	1.359.378$20	13 739 282$00	
884 910$80	248.297$90	700.099$90	2.207$60	1 465 665$80	167.239$30	2 662$70	154$30	8.684$40	7 751 012$20	11 684 127$60	95 591 571$96
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	17.063$76	17 063$76	17 063$76
344.769$40	(-) 34.097$70	930.159$40	-$-	83 764$30	(-) 155 757$50	-$-	-$-	(-) 17.240$00	2 693.085$82	4 422.943$87	
-$-	6.243$80	167.455$77	-$-	(-) 59 308$20	-$-	-$-	-$-	(-) 239$70	-$-	275 919$04	4 698 862$91
66 433.459$86	10.978.441$40	36.283.003$55	1.595.014$00	118.360.250$19	10.244.584$74	5.520.676$30	206.396$78	12.195.019$20	151.342.644$50		452.844 461$79
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	8 552 640$10	
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	8 552 640$10
-$-	-$-	-$-	53.938$20	-$-	-$-	-$-	-$-	10.539$40	-$-	64.477$60	
-$-	394.959$50	-$-	43.651$70	20$60	52.366$30	13$80	32.969$10	10.205$00	-$-	534 186$00	
-$-	-$-	1.047.951$30	-$-	-$-	114 982$20	42.328$80	2.760$90	298.644$30	-$-	1 506.667$50	2 105 331$10
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	
-$-	-$-	-$-	161.417$40	542 799$50	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	970 052$40	970 052$40
99.021.631$70	11.933.640$20	30.409.466$70	932.397$30	124.097 066$90	7 177.088$50	2.438 273$60	149.899$30	7.075.062$50	-$-	304 495 809$40	
-$-	(-)2.355.577$80	516.189$80	804 133$80	-$-	211.690$40	1 285$80	77$40	394.302$20	-$-	(-) 2.029.582$63	302 466 226$77
-$-	2.135.401$69	8.266.985$20	312$20	-$-	1 594.194$30	566.676$30	23.463$80	1.258.012$15	-$-	14.240.275$98	
7.151.234$50	1.755.996$90	3.254.245$70	-$-	4 149 953$00	1 575.259$21	2 891 476$60	5.522$20	3.341.674$80	-$-	29.339 849$49	43 580.125$47
2.513.171$90	147.095$00	352.167$80	4.978.$10	3.341.417$30	67.989$60	20.515$80	344$90	131.911$90	-$-	12 680 863$20	
-$-	-$-	406$30	-$-	893$40	1.372$70	641$40	-$-	283$20	-$-	1.392 500$96	
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	132.257$43	132 257$43	1 205 877$56
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	26.250$00	26 250$00	
-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	1.179.627$56	1.179 627$56	
298.475$30	8.446$10	386.525$70	-$-	69 164$20	121 180$90	-$-	6.435$40	-$-	604.259$39	2.661 439$19	
-$-	(-) 6.639$00	812.369$10	-$-	(-) 46.423$92	(-) 69.222$30	-$-	-$-	(-) 17.782$20	-$-	722 175$41	3 383 614$60
									76.374.972$20		76 374.972$20
109.984.513$48	14.013.322$59	45.046.307$60	2.000.828$70	132.154.890$98	10.846.901$81	5.961.212$10	221.473$00	12.502.853$25	78.317.366$58		452 844 461$79

O Chefe da Contabilidade

António Francisco Teixeira Escudero

CONSELHO DE GESTÃO

Armando Vieira dos Santos Caeiro (Presidente)

Rui de Sousa Pacheco

João Fernandes Sarandeses

Silvino dos Santos Lopes

Herlander Henrique Cantinho da Silva

COMPANHIA DE SEGUROS "A NACIONAL"

ANEXOS

ANÁLISE DAS CONTAS DE RESULTADOS (CONTINENTE E ILHAS)

(CONTOS)

± DISCRIMINAÇÃO	1973	1974	1975	1976	1977
+ Prémios Seguros Directos	144.113	175.607	215.967	249.867	304.496
– Comissões	18.678	22.145	23.686 (a)	23.879	29.205
– Despesas de Aquisição	10.825	11.952	12.427	1.203	374
Prémios Líquidos SD	114.610	141.510	179.852	224.785	274.917
– Indemnizações					
De Exercício	87.083	104.026	136.859	138.607	150.406
De Exercícios Anteriores	4.339	9.944	+31.032 (a)	-4.438	-2.581
Margem Bruta Seg. Dir.	23.188	27.540	11.961	90.616	127.092
+ Prémios Resseguro Aceite	11.656	13.694	12.579	6.675	-2.030
– Comissões Resseg. Aceite	2.964	3.269	2.899	949	+ 726
Prémios Líquidos RA	8.692	10.425	9.680	5.726	-1.304
– Indemnizações Res. Aceites	7.821	5.468	2.851	2.430	6.979
MARGEM BRUTA RA :	871	4.957	6.829 (b)	3.296 (c)	-8.283 (d)
– Encargos Res. Cedido (Prs.)	31.433	37.604	40.719	36.571	42.101
+ Receita Resseg. Cedidos					
Comissões	8.892	11.157	11.310	10.479	14.240
Indemnizações	31.415	37.402	38.343 (a)	14.847	29.340
MARGEM BRUTA RC	-8.874	-10.955	-8.934 (b)	11.245	-1.479
+ Margem Bruta SD	23.188	27.540	11.961	90.616	127.092
+ Margem Bruta RA	871	4.957	6.829	3.296	-8.283
– Margem Bruta RC	-8.874	-10.955	-8.934	+11.245	-1.479
CASH FLOW Seg.Dir.Res.Ac.	32.933	43.452	27.724	82.567	120.288
– Despesas Gerais	34.615	48.266	55.213 (a)	73.481	95.592
– Encargos Diversos	6	44 (a)	2.474 (b)	65	17
+ Rendimentos	12.856	14.088	13.197 (b)	13.564	14.206
– Juros Resseg. Cedido	1.581	1.480	1.466	1.485	2.258
+ Receitas Diversas	14.644	1.004	275 (b)	35	1.206
CASH FLOW LÍQUIDO	24.231	8.754	-17.954	21.265	37.833
– Amortizações	404	–	597	1.484	2.456
– Prov. Pr. em Cobrança	784	621	39.747 (a)	-24.530	1.647
– Prov. Incap. Ac.Trabalho	76	899	1.614	1.800	2.086
– Res. Mat. Seg. Directo	11.549	17.841	22.192 (a)	11.522	17.410
– Res. Mat. Resseg. Aceite	119	1.805	1.475	1.309	-8.553 (d)
+ Res. Mat. Resseg. Cedido	1.243	1.296	– 1.119	– 346	-4.332
– Res. Garantia Seg.Directo	4.773	6.407	8.182	4.961	10.541
– Res. Garantia RA	142	609	166	– 2.086	+ 373
+ Res. Garantia RC	-4.170	1.817	1.103	– 1.415	1.140
SALDO	3.457	-16.315	-91.942	25.934	9.427
+ Res. Deleg. Moçambique	-1.010	– 3.028	+ 413	– 1.035	-1.315
SALDO GLOBAL	2.447	-19.343	-91.529	24.899	8.112
Res. do Ex. Ant.	+ 760	+ 1.488	-17.857	-109.386	-84.487
SALDO BALANÇO	3.207	-17.855	-109.386	– 84.487	-76.375

a) – Inclui valores respeitantes a exercícios anteriores.

b) – Rúbricas em que foram (ou não) relevados movimentos patrimoniais de forma discutível e que têm repercussões económicas significativas.

c) – Tratam-se de valores que por ausência de elementos recebidos de Angola poderão estar contabilizados por excesso.

d) – Reflecte movimentos de exercícios anteriores provenientes de "A NACIONAL DE ANGOLA".

DISTRIBUIÇÃO E CRESCIMENTO DA CARTEIRA [illegible]

[illegible] DIRECTO [illegible]

RAMOS	1973	% Aumento % Total	1974	% Aumento % Total	1975	% Aumento % Total	1976	% Aumento % Total	1977	% Aumento % Total
VIDA	[illegible]	8,5 11,3	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]		[illegible]		[illegible]
AC. TRABALHO	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]		[illegible]	[illegible]	[illegible]
AC. PESSOAIS	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
FOGO	[illegible]	[illegible] 12,4	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
AGRÍCOLA	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	4,9 [illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	-36,5 0,3
AUTOMÓVEIS E RESP. CIVIL	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible] 40,8
MARÍTIMO	2.869	14,7 1,9	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
TRANSPORTES TERRESTRES	290	[illegible] 0,2	477	[illegible] 0,2	1.668	[illegible]	1.775	[illegible]	2.438	[illegible] 0,8
AÉREO	113	59,1 0,08	[illegible]	[illegible] 0,1	127	[illegible]	103	-18,7 [illegible]	150	45,6 0,05
DIVERSOS	2.233	35 1,5	3.792	69,8 2,1	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	22,2 2,3
TOTAL	144.113	[illegible]	175.607	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible] 100

EVOLUÇÃO DAS DESPESAS GERAIS (CONTINENTE E ILHAS)

– CONTOS –

RÚBRICAS	1973	% Aumento % Total	1974	% Aumento % Total	1975	% Aumento % Total	1976	% Aumento % Total	1977	% Aumento % Total
1. Orgãos Sociais	1.552	35,4 4,5	1.397	-10,5 2,9	229	-83,6 0,4	–	-100 –	–	–
2. Pessoal	[illegible] (1)	13,1 [illegible]	27.259 (1)	50,6 57,5	31.787 (1)	14,5 57,6	45.940	44,5 62,5	60.919	32,6 63,7
3. Publicidade	640	31 1,8	544	-15 1,1	258	-52,5 0,5	59	– 77,1 0,08	70	18,6 0,07
4. Outras Desp.Adm.	4.708	46,8 13,6	6.233	32,4 12,9	7.868 (2)	26,2 14,2	8.572	8,9 11,7	9.179	7,1 9,6
5. Encargos Fiscais	6.039	9,4 17,4	7.348	21,6 15,2	8.959	21,9 16,2	11.006	22,8 15	13.739	24,8 14,4
6. Enc. Parafiscais	3.229	15,4 9,3	4.984	54,3 10,3	6.108	22,5 11	7.904	29,3 10,8	11.684	47,8 12,2
T O T A L	34.615	18,2	48.266	39,4	55.209	14,4	73.481	33,1	95.598	30,1 100

a) – (1) Não inclui os vencimentos dos E.S.E.
(2) Inclui os encargos com os Reformados

b) – Em 1975 é afectada por regularizações imputáveis a Exercícios Anteriores

EVOLUÇÃO DAS CONTAS DEVEDORES E CREDORES (CONTINENTE E ILHAS)

DEVEDORES GERAIS	1973	1974	1975	1976	1977
1-Segurados, Corresp., Ang.	30.904	40.085	15.411	33.423	47.624
(Segurados)	3.422	3.256	5.074	13.180	9.492
(Correspondentes)	26.407	35.596	9.365	19.308	37.694
(Angariadores)	1.074	1.133	973	435	438
2-Ressegurados	13.692	9.037	15.672	19.604	12.928
(A Nacional de Angola)	10.462	6.147	13.803	17.536	9.240
3-Resseguradores	37.713	39.100	46.965	50.224	64.758
(Vitalícia)	28.787	31.265	32.691	34.127	32.554
(A Nacional de Angola)	188	183	315	505	809
4-Outros	8.199	8.170	6.510	7.057	10.431
Total (1)+(2)+(3)+(4)	90.508	97.292	84.558	110.308	135.741
CREDORES GERAIS					
1-Segurados, Corresp., Ang.	4.562	6.113	10.864	9.506	13.608
(Segurados)	843	1.159	2.248	1.184	2.882
(Correspondentes)	478	715	3.558	2.649	4.067
(Angariadores)	3.240	4.238	4.257	5.673	6.659
2-Ressegurados	11.757	5.588	4.893	5.873	5.370
(A Nacional de Angola)	9.239	3.960	3.603	3.509	3.508
3-Resseguradores	12.385	21.854	33.051	30.454	42.628
(Vitalícia)	492	9.053	8.552	5.881	2.780
(A Nacional de Angola)	934	1.146	1.631	1.501	1.496
4-Outros	9.145	10.010	4.911	8.165	14.058
Total (1)+(2)+(3)+(4)	37.849	43.565	53.719	53.908	75.664
DIFERENÇA	52.659	53.727	30.839	56.400	60.077
Retirando os Saldos:					
Correspondentes ( )	25.929	35.881	1.516	–	–
Nac. Ang. Ressegurados ( )	1.223	2.187	10.200	14.027	5.732
Nac. Ang. Resseguradores ( )	740	963	1.316	996	687
Vitalícia ( )	28.295	22.232	24.139	28.246	29.774
	2.042	5.610	3.700	15.123	25.188

( ) Saldo proveniente da prática de debitar em Conta Efectivo recibos com mais de 90 dias, no período anterior à Nacionalização.

( ) Saldos não realizáveis a curto prazo.

( ) Decréscimo aparente, proveniente da entrega à "A NACIONAL" dum empréstimo contraído no Banco Fonsecas & Burnay de 7.000 contos.

INVENTÁRIO DAS PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS E OUTRAS APLICAÇÕES EM VALORES MOBILIÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1977

DESIGNAÇÃO	QUANTIDADE	VALOR NOMINAL	PREÇO MÉDIO DE COMPRA	COTAÇÃO	VALOR DE BALANÇO UNITÁRIO	VALOR DE BALANÇO TOTAL	VALOR TOTAL DE AQUISIÇÃO	FLUTUAÇÃO DE VALORES
PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS:								
Quotas		-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-
Acções								
Companhia de Seguros «Vitalícia»	24.922	100$00	100$00	100$00	100$00	2:492 200$00	2:492.200$00	-$-
Companhia de Seguros «a Nacional de Angola»	10.755	1.000$00	1.002$40	1.000$00	1.000$00	10:755.000$00	10:803.705$20	(–) 48.705$20
	44.677	-$-	-$-	-$-	-$-	22:247.200$00	22:205.005$20	(–) 48.705$20
OUTRAS APLICAÇÕES:								
Títulos Nacionais:								
Títulos da Dívida Pública e Obrigações com Garantia do Estado:								
Obrig. Tesouro – 3,5% – 1963	1.010	1.000$00	1.011$12	600$00	600$00	606.000$00	1:021.235$80	(–) 415.235$80
Obrig. Tesouro – 5% – 1967–2.ª Fase	673	1.000$00	1.000$37	750$00	750$00	504.750$00	673.253$50	(–) 168.503$50
Obrig. Tesouro – 5% – 1971	3.875	1.000$00	1.005$57	750$00	750$00	2:906.250$00	3:896.595$90	(–) 990.345$90
Obrig. Tesouro – 15,5% – 1975	3.008	500$00	500$00	480$00	480$00	1:443.840$00	1:504.000$00	(–) 60.160$00
Obrig. Tesouro – 6% – 1976	1.228	500$00	500$00	620$00	620$00	761.360$00	614.000$00	147.360$00
Obrig. Tesouro 15,5% – 1976	6.140	1.000$00	1.000$00	870$00	870$00	5:341.800$00	6:140.000$00	(–) 798.200$00
Obrig. Tesouro – 18% – 1977	17.000	1.000$00	1.000$00	1.000$00	1.000$00	17:000.000$00	17:000.000$00	-$-
Obrig. Tesouro – Nacional–B.Nac.Ult.(Nominat.)	1.299	3.370$00	1.318$28	1.000$00	1.000$00	1:299.000$00	1:712.452$30	(–) 413.452$30
Obrig. Emprést. Consol. – 4% –1940 (centenários)	3.693	2.000$00	1.873$66	570$00	570$00	2:105.010$00	6:919.436$50	(–) 4:814.426$50
Obrig. Emprést. Consol. – 3/2%–1941	2.859	1.000$00	929$13	250$00	250$00	714.750$00	2:656.389$50	(–) 1:941.639$50
Obrig. Emprést. Consol. – 3% – 1942	15.219	1.000$00	885$73	200$00	200$00	3:043.800$00	13:479.972$60	(–) 10:436.172$60
Obrig. Emprést. Consol. – 23/4% – 1943	7.696	1.000$00	877$91	195$00	195$00	1:500.720$00	6:756.400$60	(–) 5:255.680$60
Obrig. Tesouro de Angola – 5% – 1965	349	1.000$00	910$75	840$00	840$00	293.160$00	317.853$10	(–) 24.693$10
Obrig. Tesouro de Moçambique – 5% – 1965	670	1.000$00	1.011$16	840$00	840$00	562 800$00	677.481$80	(–) 114.681$80
Obrig. Câmara Munic. Lisboa – 53/4% – 1969	744	1.000$00	1 003$05	690$00	690$00	513.360$00	746.269$90	(–) 232.909$90
Obrig. Fomento Ultram. – 6% – 1969 – Angola	275	1.000$00	1.000$00	840$00	840$00	231.000$00	275.000$00	(–) 44.000$00
Obrig. Fomento Ultram. – 6% – 1969 – Moçamb.	1.500	1.000$00	835$00	840$00	840$00	1:260.000$00	1:252.500$00	7.500$00
Obrig. Fundo Especial Transp. Terrest. – 4,5%	628	1.000$00	1 000$00	670$00	670$00	420 760$00	628.000$00	(–) 207.240$00
Obrig. Fundo Turismo – 53/4% – 1969/70	2.155	1.000$00	997$82	710$00	710$00	1:530.050$00	2:150.315$90	(–) 620.265$90
Obrig. Banco Fomento Nacional – 61/2% – 1973	5	1.000$00	1.000$00	680$00	680$00	3.400$00	5.000$00	(–) 1.600$00
Obrig. EPAL–Emp. Pública Águas Lx–6%–1968/9	30	1.000$00	919$48	655$00	655$00	19.650$00	27.584$40	(–) 7.934$40
Obrig. C.ª Caminhos Ferro Port.–51/2%–1968	4.006	1.000$00	1 001$19	675$00	675$00	2:704 050$00	4:010.787$30	(–) 1:306.737$30
Obrig. C.ª Caminhos Ferro Port.–51/2%–1969	6.930	1.000$00	1.001$92	675$00	675$00	4:677.750$00	6:943.309$30	(–) 2:265.559$30
Obrig. C.ª Caminhos Ferro Port.–63/4%–1970/71	20	1.000$00	1 021$27	640$00	640$00	12.800$00	20.425$50	(–) 7.625$50
Obrig. C.ª Geral Créd. Predial Port.–31/2%–1944	1.000	90$00	89$38	30$00	30$00	30.000$00	89.382$90	(–) 59.382$90
Obrig. Metropolitano Lisboa–53/4%–1968/69	71	1.000$00	961$20	810$00	810$00	57 510$00	68.245$20	(–) 10 735$20
Obrig. Metropolitano Lisboa–63/4%–1973	293	1.000$00	1 000$00	715$00	715$00	209 495$00	293.000$00	(–) 83 505$00
Obrig. Telefones de Lisboa e Porto – 5%	60	1.000$00	999$82	605$00	605$00	36.300$00	59.989$50	(–) 23.689$50
Acções								
Acções C.ª Seguro de Créditos	610	1.000$00	1.000$27	1.000$00	1.000$00	610.000$00	610.165$00	(–) 165$00
OUTRAS OBRIGAÇÕES:								
Obrig. C.ª Nacional de Electricidade – 5%	9	1 000$00	801$00	580$00	580$00	5.220$00	7.209$00	(–) 1.989$00
Obrig. C.ª Reunidas Gás e Elect. – 4% – 1948	10	1.000$00	893$68	850$00	850$00	8.500$00	8.936$70	(–) 436$70
Obrig. Hidro Eléctrica do Cávado – 5%	230	1.000$00	994$66	640$00	640$00	147 200$00	228.773$60	(–) 81 573$60
Obrig. União Eléctrica Portuguesa – 7% – 1972	115	1.000$00	1.000$00	620$00	620$00	71.300$00	115.000$00	(–) 43.700$00
Acções								
Acções Banco da Agricultura	4	500$00	4.400$00	1.559$00	1.559$00	6.236$00	17.600$00	(–) 11.364$00
Acções Celulose do Guadiana	160	1.000$00	5.408$91	4.106$00	4.106$00	656.960$00	879.827$00	(–) 222.867$00
Acções C.ª Diamantes Angola (títulos 10)	30	500$00	2.507$65	1.707$00	1.707$00	51.210$00	75.229$70	(–) 24.019$70
Acções C.ª Diamantes Angola (Títulos 50)	150	500$00	2.199$41	1.707$00	1.707$00	256.050$00	329.911$90	(–) 73.861$90
Acções C.ª Diamantes Angola (Títulos 100)	1.400	500$00	1.984$31	1.698$00	1.698$00	2:377.200$00	2:778 045$30	(–) 400.845$30
Acções C.ª das Lezírias do Tejo e Sado	155	20.000$00	63.826$99	65.000$00	65.000$00	10:075.000$00	9:893.184$40	181.815$60
Acções C.ª Nacional de Naveg. (Port. Regist.)	10	1.000$00	3.500$00	2.800$00	2.800$00	28.000$00	35 000$00	(–) 7.000$00
Acções C.ª Port. Electricidade (Portador)	330	1.000$00	1.000$00	1.173$00	1.173$00	387.090$00	330.000$00	57.090$00
Acções C.ª Port. Electricidade (Port. Regist.)	7.895	1.000$00	1.261$11	1.173$00	1.173$00	9:260.835$00	9:956.478$00	(–) 695.643$00
Acções C.ª Port. Electricidade (Nominativas)	1.302	1.000$00	1.187$91	1.173$00	1.173$00	1:527.246$00	1 546.668$70	(–) 19.422$70
Acções Sacor (Portador)	3	1.000$00	2 429$20	4.405$00	4.405$00	13.215$00	7.287$60	5.927$40
Acções Sacor (Nominativas)	262	1.000$00	3.375$32	4.017$00	4.017$00	1:052.454$00	884 336$10	168 117$90
Acções Safari	25	1.000$00	1 000$00	1.000$00	1.000$00	25.000$00	25.000$00	-$-
Acções Silo-Auto	87	500$00	500$00	500$00	500$00	43 500$00	43.500$00	-$-
Acções Sonefe	523	500$00	500$00	378$00	378$00	197 694$00	261.500$00	(–) 63.806$00
Acções TAP–Transportes Aéreos Portugueses	276	1.000$00	1.439$62	1 393$00	1 393$00	384.468$00	397.336$65	(–) 12 868$65
Acções Tellus	1.200	1.000$00	1.009$92	900$00	900$00	1:080.000$00	1:211.910$00	(–) 131.910$00
Acções União Eléctrica Portuguesa	151	100$00	104$67	191$00	191$00	28.841$00	15.806$20	13 034$80
TOTAL	97.373	-$-	-$-	-$-	-$-	78.082.584$00	109:597.587$35	(–) 31:515.003$35
Títulos Estrangeiros								
Bilhetes do Tesouro e Outras Obrigações emitidos por Estados Estrangeiros	–	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-
Outras Obrigações	–	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-
Acções	–	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-
TOTAL	–	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-
TOTAL GERAL	142.050	-$-	-$-	-$-	-$-	100:329.784$00	131:893 492$55	(–) 31.563.708$55

Lisboa, 31 de Dezembro de 1977

O Chefe da Contabilidade

Conselho de Gestão

PUB.

CONSELHO PORTUGUÊS PARA A PAZ E COOPERAÇÃO

III ASSEMBLEIA DA PAZ

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 19.º dos Estatutos do CPPC, convoca-se a III Assembleia da Paz, órgão máximo do movimento, para reunir no *Sábado 17 de Junho de 1978, das 10.30 h às 19.30 h no Salão Nobre do Palácio da Independência (Associação dos Deficientes das Forças Armadas), Largo de S. Domingos, em Lisboa*, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Saudação pelo General Francisco da Costa Gomes
2. a) Relatórios de actividades das Comissões de Paz
b) Apreciação e aprovação do Relatório e Contas apresentado pelo Secretariado Nacional
3. Alterações aos Estatutos e aprovação de Regulamentos do CPPC
4. Saudações internacionais e de convidados estrangeiros
5. Definição das linhas gerais de acção do CPPC. Debate geral precedido de intervenções indrodutórias sobre:
a) A situação nacional e internacional e a acção do CPPC — Silas Cerqueira
b) A luta por uma paz justa no Médio Oriente e a Conferência Internacional de Solidariedade com o Povo da Palestina — Fernando Loureiro
c) A luta contra o racismo, o colonialismo e o neo colonialismo na África Austral e o Ano Internacional contra o Apartheid — Rio Grácio
d) A acção contra a corrida aos armamentos e pelo Desarmamento e a Sessão Especial da Assembleia Geral da ONU — General Francisco da Costa Gomes e Manuela Leal
e) A acção da opinião pública pelo Desenvolvimento, a Cooperação e a Independência Nacional e a Nova Ordem Económica Internacional — Avelãs Nunes
No final, discussão geral.
6. Eleição dos órgãos nacionais do CPPC — Presidência, Direcção Nacional, Secretariado Nacional e Comissão Fiscalizadora

SECRETARIADO NACIONAL DO CPPC

PUB.

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS QUIMICAS

PRÉ-AVISO DE GREVE

Ao conselho de gerência da Empresa Petroquímica e Gás, E. P.
Ao Ministro do Trabalho

De acordo com o disposto do art.º 5.º da lei 65/77 as organizações sindicais no cumprimento de resolussão da reunião geral de trabalhadores da Petroquímica de 8/6/78, declaram uma greve de 24 horas com início 00.00 h do 15/6/78 no caso da empresa não apresentar uma contraproposta que venha ao encontro das pretensões dos trabalhadores na negociação do A.C.T.V.

Durante a paralisação serão observadas as normas de segurança das instalações com vista ao reenício da produção.

Lisboa, 12 de Junho de 1978

Pelos Sindicatos
Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro e Sul e Ilhas Adjacentes e das Margens do Centro e Sul

Pub.

"1.º Encontro da Federação Nacional dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras, dia 17/6/78 na Voz do Operário".

PELO REFORÇO DA ORGANIZAÇÃO!

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Para onde vão as cooperativas

No próximo dia 1 de Julho, terá lugar a realização do Dia Mundial da Cooperação estando a ser desenvolvidas várias realizações que têm como objectivo definir a actual situação do cooperativismo em Portugal.

Os cooperativistas sentem a necessidade de se interrogarem sobre os objectivos para que caminha o movimento. Preocupados com o fundamental, com o imediato, com o inadiável, cada cooperativa, cada cooperante, vive hoje sobretudo preocupado com problemas de subsistência.

De acordo com os objectivos constitucionais, o Estado deverá garantir a liberdade de constituição das cooperativas, garantindo simultaneamente o verdadeiro espírito de cooperação através de uma política de protecção do cooperativismo que evite aproveitamentos oportunistas. Os objectivos de luta visam ainda contribuir para a isenção do sector, de maneira a que este se transforme num sector próprio de propriedade e posse de meios de produção participativo no processo económico nacional.

De acordo com os aspectos de uma política definida para um melhor funcionamento do movimento cooperativista, deverá ser elaborada uma lei base que inclua o código cooperativo, estatuto orgânico, onde se definam as condições mínimas de constituição, funcionamento, benefícios fiscais e financeiros e ainda outros em que apareça a distinção entre cooperativas e sociedades especificamente comerciais.

A nível da fiscalização, preconiza-se a definição de um estatuto fiscal próprio com base nas condições especiais das cooperativas. Quanto à formação, salienta-se a necessidade de definir uma nova doutrina, dado que a actualmente existente não corresponde aos problemas reais. As linhas em torno das quais se deverá desenvolver a nova teoria cooperativista deverão ter em linha de conta com a condução do processo através dos trabalhadores produtivos; ligação entre trabalhadores directamente produtivos e indirectamente produtivos teorização a partir da prática actual; aproveitamento das estruturas cooperativas de grau superior na óptica do reforço da intercooperação.

Está à vista a obra de António Barreto

Por Silva Falcão

Estão dramaticamente à vista os resultados da passagem de António Barreto pelo domínio das pescas.

Depois de ter sido anunciada uma Reforma Agrária, e esta designação não é nossa, eis que se exprime em termos claros o caos em que vive o sector.

A Resolução n.º 78/78 do Conselho de Ministros de 17 de Maio, publicada no Suplemento do «Diário da República» de 24 do mesmo mês, determina a atribuição de subsídios não reembolsáveis a empresas públicas, parte dos quais destinados aos encargos resultantes das operações de saneamento financeiro de que as citadas empresas públicas venham a beneficiar. O quinhão não destinado a saneamento financeiro visa a cobertura de prejuízos de exploração previstos para o corrente ano, podendo admitir-se que tal quinhão seja insuficiente para o fim em vista, pelo menos em alguns casos.

Os montantes dos subsídios a empresas ligadas ao sector das pescas, algumas aberrativamente subordinadas ao Ministério do Comércio e Turismo, como bem salientou Conceição Parente (Gelmar) em recente entrevista radiofónica, são os seguintes, em milhares de contos: Sociedade Nacional dos Armadores da Pesca do Arrasto — 265; Companhia Portuguesa de Pesca — 43; Docapesca — 107; Sociedade Nacional de Armadores de Pesca do Bacalhau — 107; Pescrul — 4; Gelmar — 41; Friantarticus — 1; Serviço de Abastecimento de Peixe ao País — 50.

Vale a pena referir que é a primeira vez que se efectua a atribuição de subsídios a estas empresas. Portanto, ou o Estado se encontra agora em posição financeira mais favorável, e todos sabemos que não se encontra nessa posição mais favorável, ou, a hipótese certa, essas empresas públicas se encontram em situação pior. É estranha-se o critério de atribuição de subsídios, com a Gelmar a receber somente 41 mil contos, quando a Docapesca receberá 107 mil contos e o S.A.P.P., empresa a liquidar (se até possui uma Comissão Liquidatária) irá receber 50 mil contos.

Dos montantes referidos são consagrados a saneamento financeiro os valores seguintes: SNAPA 53; CPP 7; Docapesca 0,6; Gelmar 8,2; Pescrul — 0,6; Gelmar — 8,2; Friantarticus — 0,2 e SAPP — 10. A este propósito uma pergunta se formula; que se passa com a moratória concedida à Gelmar, que já há longo tempo atingiu o seu termo? Repita-se o quantitativo destinado ao saneamento financeiro da Gelmar, de 8.200 contos. Entretanto intenta-se o saneamento de uma empresa, o SAPP, que irá ser liquidada.

Estas considerações não pretendem beliscar a acção dos gestores do sector, embora alguns deles tivessem sido designados com objectivos de ser favorecida uma prática de recuperação capitalista. O que tem falhado rotundamente tem sido a actividade governativa, inerte ou aparentemente votada ao descrédito das nacionalizações no sector, designadamente o trabalho do pai da Reforma Marítima (!), que já passou pelo vexame de ser louvado por pasquins reaccionários.

Se há empresas que não podem ser recuperadas a curto prazo, e estamos a pensar nas empresas produtoras que carecem de um esforço no domínio dos investimentos, há outras que poderiam (e deveriam) ser hoje auto-suficientes. No entanto, as empresas produtoras, SNAPA e CPP estariam muito menos estranguladas se não se verificassem sucessivos atropelos à política de preços conforme mencionámos em artigo de 25 de Novembro de 1977, sob o título «A Reforma Marítima de Antóno Barreto. Reconstitui-se o Império Tenreiro».

Vejamos casos concretos. A Docapesca apresentou em princípios de 1977 um projecto de reestruturação da empresa. Esse projecto possibilitava a cobrança de receitas superiores às despesas e era absolutamente viável (e é viável a menos que se demonstre o contrário). O projecto foi ignorado (ou talvez não!) e os resultados estão à vista: a previsão de um prejuízo que ronda os 100 mil contos. Só!

O sacrifício do projecto mencionado resulta da aliança de António Barreto com grupos de interesses do «antigamente»: dos grandes armazenistas e das mais reaccionárias esferas da Marinha. Os problemas da Docapesca, a sua resolução, foram imolados à política de recuperação capitalista empreendida por Barreto. Os armadores pagam taxas à Docapesca que são insuficientes para cobrir os custos dos serviços prestados por essa empresa aos utentes armadores, não obstante ser mencionado no Decreto-Lei n.º 255/77 que as taxas cobradas correspondem ao valor dos serviços prestados. O QUE NÃO É VERDADE! Desta forma o Estado está a atribuir, através do seu Orçamento-Geral, subsídios indirectos aos armadores. Assim, todos nós, os contribuintes estamos a esvaziar os bolsos, e, em alguns, apenas se encontra cotão, transferindo verbas para as contas bancárias de quem vive em pleno desafogo financeiro.

Entrementes, a Gelmar vive situação idêntica. Há um silêncio sepulcral em redor do projecto apresentado um ano atrás, enquanto a empresa é bloqueada por práticas inconcebíveis a cargo da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, onde pontifica uma figura do fascismo, aliás apadrinhada por Escaja Gonçalves. O inacreditável existe: um organismo estatal intenta medidas de estrangulamento de uma empresa nacionalizada, por forma impune. A CRCB, conforme se lê no «Diário», está a vender o peixe congelado a preços inferiores aos tabelados e contidos no cabaz de compras. Quanto à pescada, o fornecimento aos retalhistas está a ser feito a menos dois escudos por quilo. Por outro lado, a CRCB não abastece de pescada a Gelmar, como a Friantarcticus. Estes são pormenores de uma situação geral: a guerra movida há mais de um ano pelo CRCB à Gelmar sem que ninguém ponha termo à situação. A dupla Escaja-Albuquerque faz o que muito bem entende, pondo em sérios riscos uma empresa, a Gelmar, com os seus 1.200 postos de trabalho colocados sob impiedoso cutelo.

Para além do fracasso na (des) orientação do sector, Barreto entregou-se a insólitos procedimentos administrativos. Pretendendo substituir directores-gerais discricionariamente afastados, Mário Ruivo e Ulpiano Nascimento, foram remetidos ao Tribunal de Contas processos de nomeação de novos directores-gerais, tendo tais processos sido devolvidos: não poderia haver dois directores-gerais numa mesma direcção-geral!

Talvez que a sanha destrutiva possa favorecer teses presidencialistas, teses com que alguns julgam subir as escadas de uma ambição desmedida, e totalmente injustificada porque os méritos pessoais não assentam em demagogias fáceis, mas em obra feita. Porém, uma verdade é certa: chegará o dia em que António Barreto será chamada à responsabilidade pelos incalculáveis prejuízos causados ao País. A sangria aos cofres estatais constitui um argumento irrespondível.

TÉCNICO DA OCDE PREVÊ PARA BREVE

Elevados níveis piscatórios nos nossos rios e albufeiras

O fomento das pescas nas águas interiores portuguesas poderá atingir elevados níveis de desenvolvimento, segundo a opinião de um especialista da OCDE que visitou largas áreas do nosso país durante dez dias.

Aquele técnico o francês Pierre Laurent, director da Estação de Hidrobiologia Lacustre de Thonon-les-Bains, acrescentou que esses elevados níveis poderiam ser conseguidos a curto prazo se for levado a efeito o programa que se encontra projectado e actualmente em fase de arranque.

Pierre Laurent, durante a sua permanência em Portugal, apreciou o local onde está a ser instalado o posto de reprodução Pluripiscicologia da Azambuja, tendo igualmente observado algumas das albufeiras criadas para aproveitamentos hidroeléctricos e hidroagrícolas e certas lagoas naturais do Centro de Portugal. No Norte visitou em Miranda do Douro as condições naturais para a produção de lagostins de água doce, designadamente no rio Angueira, tendo ainda visitado várias albufeiras do Douro e do Cávado.

O especialista francês alvitrou que se procedesse ao estudo de novas espécies cuja introdução no País poderia ter alto interesse para a exploração aquícola das águas interiores.

MARN de Lamego apoia alteração á lei do Arrendamento

Na delegação do MARN (Movimento de Agricultores e Rendeiros do Norte), em Lamego, foram discutidos diversos problemas relacionados com a Lei do Arrendamento Rural sobre a qual entrou, na Assembleia da República, um projecto de alteração apresentado pelo Partido Comunista Português.

Nessa reunião que decorreu no passado dia 4 os rendeiros aprovaram moções exigindo a revogação dos artigos 17.º, 18.º e 19.º da Lei do Arrendamento Rural e se manifesta apoio à proposta de alteraçao do PCP. Foi ainda aprovada uma moção contra os despedimentos.

Em OLHÃO o Diário de Lisboa vende-se na PAPELARIA FARRACHA

O DIA A DIA NAS SEARAS NOVAS DA REFORMA AGRÁRIA

Ceifeiras-debulhadoras da RDA não engasgam no trigo verde de Beja

Representantes dos secretariados concelhios e distritais da zona da Reforma Agrária assistiram, na UCP «Seara Nova», em Beja, a uma demonstração feita com uma máquina ceifeira-debulhadora importada da República Democrática Alemã. Apetrechada com uma barra de corte de 5 metros e 70 centímetros, a máquina desenvolve um trabalho rápido e eficaz.

Embora o trigo não estivesse em condições de ser ceifado a experiência provou que a ceifeira-debulhadora resulta favoravelmente nas terras do Alentejo. «Outra máquina já teria engasgado», comentou um trabalhador da Cooperativa referindo-se ao facto da ceifeira alemã funcionar perfeitamente, apesar de o trigo ainda estar verde.

Entretanto a firma importadora «CD» já encomendou quinze máquinas ceifeiras que irão ser comercializadas ainda este ano pela Cooperativa Reforma Agrária junto das UCPs e cooperativas agrícolas. Para já a UCP «flor do Alentejo» adquiriu uma dessas máquinas, que, segundo os técnicos alemães, «está preparada para todos os cereais de pragana podendo, no entanto, com outros equipamentos, ceifar arroz, milho e girassol».

Experiência com a máquina alemã...

Por ser a primeira vez que máquinas do género entram nas terras do Alentejo, os técnicos alemães permanecerão, ali, até ao fim das ceifas a fim de explicarem aos trabalhadores o funcionamento das mesmas.

Esta é mais uma tentativa de progresso na zona da Reforma Agrária. Sem apoio governamental os trabalhadores têm construido, ao longo de três anos, uma obra. Resultado do seu esforço: cerca de 500 UCPs e Cooperativas. Muitas delas aguentam-se no balanço apesar dos ataques traduzidos em reservas e cortes do Crédito Agrícola de Emergência. Outras mais fracas, implantadas em terras pobres, como é o caso da zona de Mértola, debatem-se com inúmeras dificuldades. Temos o exemplo da UCP «Boa União» de S. Sebastião dos Carros, no concelho de Mértola, onde os trabalhadores estão sem receber salários há mais de três meses. Alguns deles já desertaram por não poderem suportar a fome e a miséria.

Entretanto que faz o Governo? Continua a encarar a Reforma Agrária como um «acidente» político ignorando que esta conquista dos trabalhadores é uma realidade socioeconómica de grande importância para o País e como tal deve ser apoiada. Alguém pode criticar os trabalhadores por continuarem a fazer as culturas tradicionais? Não é de um dia para o outro que as mentalidades e os métodos mudam. E muito menos sem o apoio técnico e económico do Estado. Basta dizer que no distrito de Beja existem apenas oito técnicos agrícolas e um veterinário a trabalhar na Reforma Agrária, para dar ideia dos problemas com que os trabalhadores se debatem.

É verdade que as áreas semeadas triplicaram em relação à época dos agrários mas nem o tempo nem os governantes deste País mostraram estar ao lado dos trabalhadores. E com a agravante das sementes fornecidas pela EPAC, sobretudo no caso da cevada, não se ajustarem à qualidade das terras. Que faz o Governo? Nem sequer mandou os técnicos dos Serviços Regionais do MAP visitar as UCPs e cooperativas afectadas, a fim de procederem aos levantamentos das áreas semeadas de aveia e cevada nórdicas que se encontram perdidas.

Por outro lado a «Lei da Cortiça» também vem contribuir para o estrangulamento económico das UCPs e Cooperativas. Os trabalhadores exigem a sua revogação argumentando que ela só serve aos grandes comerciantes. É verdade que algumas Cooperativas têm dívidas ao CAE (Crédito Agrícola de Emergência) mas o esquema da sua concessão permite isso. Seria muito mais fácil para as UCPs e Cooperativas se o Governo determinasse a transferência do CAE para crédito a médio e longo prazo dos investimentos nelas realizados, tendo em conta o aumento pecuário e de produção. No entanto, também o Estado tem dívidas para com os trabalhadores, nomeadamente as relativas ao pagamento dos subsídios de motomecanização e de indemnizações da peste suína africana, entre outras.

UCP «Seara Nova»

Na propriedade da Diabrória, situada a cerca de quatro quilómetros de Beja, formou-se, em 22 de Junho de 1975, a UCP «Seara Nova» que emprega, neste momento, 21 trabalhadores efectivos. As terras pertenciam a Luís Vilhena, um dos maiores latifundiários do distrito de Beja.

Depois da ocupação deram-se transformações qualitativas na UCP «Seara Nova». Este facto é incontestável. Os trabalhadores construíram uma barragem com capacidade para regar 30 dos 630 hectares da área da unidade colectiva de produção. Um investimento que custou à volta de duzentos contos.

«Construímos a albufeira com a ajuda de outras Cooperativas e de um tractor oferecido pela União Soviética ao distrito» — diz Patola, dirigente da «Seara Nova».

Um estábulo em cimento para meter as trinta vacas da Unidade Colectiva foi outra das obras realizada pelos trabalhadores. Adquiriram, ainda, 19 porcas criadeiras e aumentaram o rebanho das cabras em cerca de 70 por cento. Agora os trabalhadores vão montar uma ordenha mecânica com a comparticipação do Estado. Embora se aguente a UCP «Seara Nova» debate-se com dificuldades devido ao corte do CAE, baseado no critério dos trabalhadores não terem cumprido os prazos de pagamento.

«Se transferissem o Crédito Agrícola de Emergência para médio e longo prazo, não devíamos tanto dinheiro na medida em que os empréstimos foram utilizados nos investimentos. Mas entretanto, o Governo ainda não nos pagou o subsídio de máquinas e da peste suína», sublinha Patola.

A CP «Seara Nova» deve, portanto ao Estado, uma quantia na ordem dos mil contos. Investiu e sofreu os condicionalismos impostos pelos maus anos agrícolas. Que fazer?

Na capela do agrário transformada pelos trabalhadores em sala de reuniões, os dirigentes tentam encontrar solução para muitos dos problemas. Andam às voltas com as contas, com a escrita da sua cooperativa. Aprenderam rudimentos de gestão embora precisem de contabilistas e de técnicos...

Ao meio-dia, depois do trabalho, comem juntos numa enorme mesa, na cantina improvisada. Pagam 25 escudos por refeição. Preço acessível tendo em conta os baixos salários que recebem. Ainda vão comendo, de vez em quando, um pouco de peixe e de carne...

Noutras cooperativas, porém, o caso é muito mais dramático. Há cooperativas no Alentejo, situadas em zonas pobres, onde os trabalhadores só comem acorda. E seca... sem conduto.

Lourdes Féria

O gado da UCP «Seara Nova»

VIAGENS 1978

MARROCOS * ANDORRA E BARCELONA
PARIS * NICE E FLORENÇA * ROMA
NICE, VENEZA E MILÃO * ROMA E SUL DE ITALIA
TAORMINA (SICÍLIA) * CIRCUITO DA SUICA
SUIÇA E ÁUSTRIA * HAMBURGO E BERLIM
BÉLGICA, HOLANDA E PARIS
DINAMARCA E FINLÂNDIA
SUPER LONDRES 2000 * GRÉCIA
GRÉCIA E TURQUIA * RÚSSIA
EGIPTO * JUGOSLÁVIA * DINAMARCA E POLÓNIA
SHALOM ISRAEL * CANADÁ E E.U.A.
TAILÂNDIA * MACAU E HONG KONG
LAGOS SUIÇOS * BÉLGICA, LUXEMBURGO, ALEMANHA E HOLANDA
FASCINANTE ORIENTE
(JAPÃO, HONG-KONG, TAILÂNDIA, SINGAPURA E MALASIA)
6 FABULOSOS CRUZEIROS
WINDSOR TOURS
VIAGENS INDIVIDUAIS E EM GRUPO PARA LONDRES
MADEIRA - FINS DE SEMANA E UMA SEMANA
AÇORES - Ilhas Terceira / Faial / S. Miguel
FÉRIAS NA PRAIA - ALGARVE, TRÓIA, COSTA DEL SOL, BENIDORM, PALMA DE MAIORCA, LAS PALMAS, IBIZA

INFORMAÇÕES E RESERVAS

VISA

AGÊNCIAS DE VIAGENS E TURISMO

LISBOA - R. Rodrigues Sampaio, 43 - Tel. 574512-574620-574659
PORTO - R. José Falcão, 82 - Tel. 310533
FARO - R. Conselheiro Bivar, 58 - Tel. 22908
LOULÉ - Pr. República, 24 - 26 - Tel. 62375

Pub.

FENSIQ
FEDERAÇÃO NACIONAL
DE SINDICATOS DE QUADROS

COMUNICADO

As Direcções de 20 Sindicatos e Associações Socio-profissionais em representação de 50 000 Quadros seus filiados, reunidos em 3/6/78 para analisarem a situação dos Quadros Portugueses e os fortes agravos que lhes têm sido feitos, em seguimento à deliberação tomada na reunião de 13/5/78, e analisados os resultados obtidos após aquela data em consequência das diligências efectuadas relacionadas com as conclusões então aprovadas, decidem.

Não sendo considerados positivos os resultados obtidos a nível oficial no sentido de resolver os Problemas e Agravos que se deparam aos Quadros, realizar uma Reunião em 17/6/78 pelas 10.00 h no Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, Rua da Sociedade Farmacêutica n.º 18 em Lisboa, para serem analisadas formas de luta.

Entretanto, deve o Secretariado da FENSIQ continuar as acções possíveis para defesa intransigente dos Direitos e Interesses dos Quadros.

(Aprovado por unanimidade)

O SECRETARIADO

MOBÍLIAS
DESCONTO 20%
POR MOTIVO DE OBRAS LIQUIDAMOS
GRANDE EXISTÊNCIA
MOBÍLIAS COMPLETAS DE VÁRIOS ESTILOS,
MÓVEIS SOLTOS, JOGOS DE MAPLES, SOFÁS-CAMA, ETC:
MÓVEIS SUPERCONFORTO
RUA MARIA ANDRADE, 64
(Perto Igreja dos Anjos)

AFRICA

EMBARAÇO PARA CARTER

Revelado que Fidel informara os EUA sobre o ataque da FLNC no Shaba

O presidente do Conselho de Estado e primeiro-ministro cubano, Fidel Castro, informou os Estados Unidos, o mês passado, de que tentara, sem êxito, impedir a invasão, pelas forças da Frente de Libertação Nacional do Congo, da província zairense de Shaba, anunciou a CBS, estação de rádio norte-americana.

Esta citou uma fonte do Departamento de Estado como dizendo que o líder cubano informou do seu malogro o enviado dos EUA, Lyle Lane, em Havana, em 17 de Maio – cinco dias depois do início da invasão.

O Departamento de Estado recusou-se a comentar a notícia: «Geralmente não fazemos comentários a trocas diplomáticas», declarou um porta-voz daquele Departamento.

A notícia pode ser politicamente embaraçosa para a administração Carter, porque o presidente tem acusado os cubanos de equiparem e treinarem os rebeldes.

A administração revelou a reunião de 17 de Maio entre Castro e Lyle no dia seguinte, mas declarou apenas que os cubanos desmentiram qualquer envolvimento no ataque.

A CBS citou aquela fonte do Departamento de Estado como acrescentando que a administração não deu conta da asserção de Castro de que tentara impedir a invasão porque funcionários não o acreditaram.

As asserções de Carter de que Cuba esteve envolvida, pelo menos indirectamente, na invasão, foram rejeitadas por Castro e postas em dúvida por alguns funcionários da administração e membros do Congresso.

As alegações de envolvimento cubano foram baseadas em informações da Agência Central de Informações (CIA), mas fontes do Congresso têm afirmado que essas informações foram baseadas em notícias em segunda e terceira mão.

O director da CIA, Stansfield Turner, compareceu ontem numa sessão à porta fechada do Comité de Relações Externas do Senado para defender as informações dos serviços secretos.

Fontes do Comité comunicaram mais tarde que os senadores que se haviam mostrado céptidos a respeito das acusaçoes nada ouviram que os fizesse mudar de opinião.

CUBANOS EM ANGOLA NÃO SÃO AMEAÇA

A presença cubana em Angola não constitui uma ameaça grave para a liberdade desse país, afirmou o embaixador norte-americano junto das Nações Unidas, Andrew Young, falando em Nova Orleans numa cerimónia na igreja central congregacional que frequentava na sua juventude.

Os angolanos, acrescentou Young, disseram-se que a ajuda militar que recebem de Cuba pode ser comparada com o apoio francês aos colonos durante a revolução norte-americana.

«Dizem-me: receberam as vossas armas dos franceses, mas não se tornaram franceses.

«O povo que luta em Angola, não está a combater para trocar os amos capitalistas por senhores comunistas. Está efectivamente a lutar para escolher o seu próprio destino».

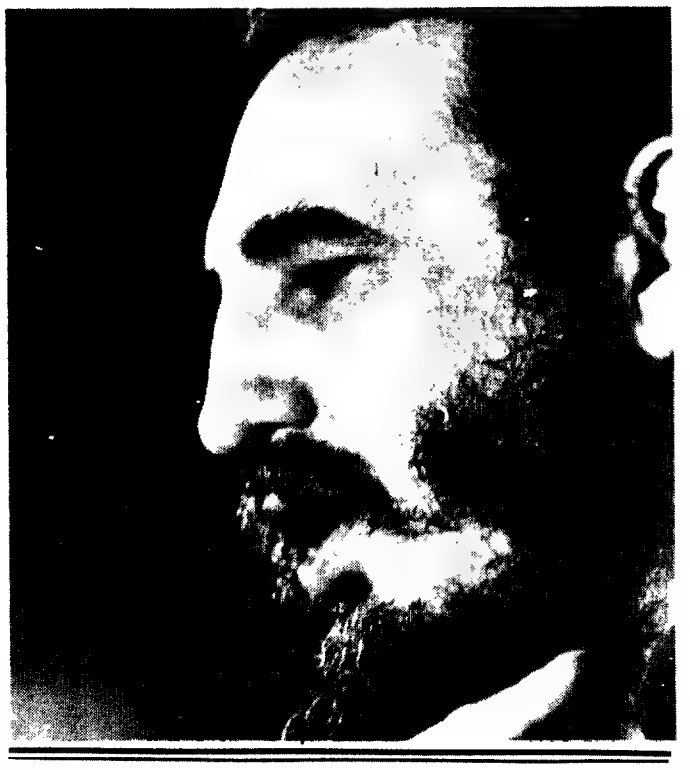
CEE CONTRA O APARTHEID

Ministros dos Negócios Estrangeiros do Mercado Comum Europeu vão hoje ver se conseguem exercer nova pressão sobre a África do Sul para que abandone a sua política de apartheid.

Mas é improvável que a reunião dos nove países membros tome quaisquer iniciativas importantes, declararam fontes do Mercado Comum.

Segundo fontes próximas da reunião de hoje afirmam que alguns ministros achariam que não era boa altura para agir contra o Governo sul-africano, cuja concordância é necessária para o êxito de tentativas para estabelecer um regime de maioria negra na Namíbia.

Por outro lado, os ministros dos países do Mercado Comum ocupar-se-ão dos problemas económicos do continente africano. A reunião ocorre na véspera das conversações de 12 nações em Bruxelas para discutir a maneira de salvar a economia zairense de bancarrota.



AMÉRICA LATINA

Esquerda alvo de discriminação no processo eleitoral peruano

A esquerda peruana considera-se discriminada no processo que antecede as eleições para a Assembleia Constituinte, marcadas para o próximo dia 18, afirmam círculos políticos de Lima.

O Partido Comunista Peruano PCP, solicitou há três dias ao júri nacional de eleições o adiamento das votações «por várias semanas», alegando que o país vive uma situação anormal, com o estado de emergência, além de dificuldades na designação de pessoas para comporem as mesas de votação.

Para completar a sua argumentação, os comunistas denunciaram então a ausência de propaganda eleitoral através de comícios, na televisão e rádio, e mesmo a suspensão da circulação de revistas independentes.

Preso dirigente da CGT da Nicarágua

Domingo Sanchez Salgado, dirigente da Confederação Geral do Trabalho da Nicarágua (CGT), foi detido ontem quando tentava entrar no país, depois de participar no IX Congresso Mundial do Trabalho, realizado em Moscovo anunciou a agência espanhola «EFE».

Sanchez Salgado, conhecido nos meios sindicais e políticos como «Chamguitillo», foi detido quando cumpria os requisitos de emigração no aeroporto internacional «Las Mercedes», em Manágua e levado para rumo desconhecido.

Sanchez Salgado esteve detido durante seis meses, em 1975, depois de regressar de uma das suas viagens pela Europa de Leste, tendo sido interrogado sobre os motivos da sua digressão e as suas atividades na União Soviética.

ASIA

FRANÇA EXPORTADORA DE ARMAS

Assinado com Arábia Saudita o "contrato do século"?

Chaim Herzog, embaixador de Israel nas Nações Unidas declarou em Nova Iorque que não «ficaria admirado» se a Arábia Saudita tivesse efectivamente assinado com a França «o contrato do século», como afirma o semanário egípcio «Octobre» na sua última edição.

Segundo «Octobre», a Arábia Saudita teria encomendado armamento á França no valor de 24 mil milhões de dólares.

Interrogado sobre esta notícia, Herzog precisou que confirmava a suas alegações na semana passada na Assembleia Geral da ONU sobre o desarmamento. O embaixador tinha asseverado nessa ocasião que a Arábia Saudita se preparava para adquirir armas à França por 24 mil milhões de dólares. «Se a informação divulgada pelo «Octobre» é verdadeira isso representa um facto novo muito sério não só para Israel mas para o Mundo inteiro.

Em Washington, um porta-voz do Departamento de Estado limitou-se no domingo a declarar que a Arábia Saudita tinha garantido ao Governo americano que não procuraria adquirir outros aviões de combate a outros países antes de 1984.

SWAPO está disposta a reatar conversações com cinco países do Ocidente

A SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano), declarou-se disposta a reatar as negociações sobre a independência da Namíbia com os cinco países do ocidente, membros do Conselho de Segurança da ONU.

Num comunicado publicado no final da cimeira de dois dias dos países africanos da Linha da Frente (Angola, Botswana, Moçambique, Tanzânia e Zâmbia), a organização precisa, contudo, que «continuará a usar de todos meios à sua disposição, incluindo a intensificação da luta armada, para obrigar a África do Sul a pôr termo à sua ocupação ilegal da Namíbia».

O documento lido pelo Julius Nyerere chefe de Estado tanzaniano e presidente da Linha da Frente, aqueles países exigiram a adopção, por parte da comunidade internacional, de uma série de medidas tendentes a uma transferência imediata de poderes do regime sul-africano para o povo da Namíbia, dirigido pela SWAPO.

Entretanto, os países da Linha da Frente alertaram para a gravidade das «últimas manobras do regime racista da África do Sul para desmenbrar a Namíbia, anexando Walvis Bay».

A propósito, aqueles países reafirmaram que «a integridade territorial da Namíbia não é negociável» e requereram que «o Conselho de Segurança tome medidas adequadas para (...) fazer uma rápida devolução de Walvis Bay a Namíbia».

Nesta reunião dos países da Linha da Frente, participaram, para além do chefe de Estado angolano, Agostinho Neto, os presidentes da Zâmbia e da Tanzânia, respectivamente Kenneth Kaunda e Julius Nyerere.

As delegações de Moçambique e do Botswana eram chefiadas, respectivamente, por Marcelino dos Santos, membro do Comité Político Permanente da Frelimo e ministro do Plano, e sir Masire, vice-presidente da Botswana.

EUROPA

Desemprego vai continuar

O desemprego vai continuar a um nível elevado na Europa durante um certo tempo, segundo as perspectivas da evolução da produção, prevê o relatório anual do Banco Internacional de Pagamentos (BRI), publicado hoje em Basileia.

Durante o ano passado, a percentagem de desempregados diminuiu nos Estados Unidos, mas não variou nem na Alemanha Federal nem no Japão, enquanto que em muitos outros países o desempego atingiu, no Outuno, níveis que ultrapassaram os de 1975 e 1976.

Segundo o Banco Internacional de Pagamentos é possível que «o aumento de desemprego na Europa seja devido em parte aos esforços de racionalização desenvolvidos pelas entidades patronais perante o forte aumento dos salários reais».

FILIPINAS

"Liberalismo" mas devagar...

O presidente Ferdinando Marcos, hoje empossado como primeiro-ministro das Filipinas, advertiu que será longa a transição da ditadura para o liberalismo. Para já, afirmou que não podia prever quando cessaria o estado de emergência, e depois de passar em revista os anos de lei marcial, não anunciou novas iniciativas, para além de uma actualização da lei do funcionalismo público.

Marcos havia entretanto assinado novas leis de amnistia. Ao que se pensa, elas destinam-se a cobrir o caso do senador Benigno Aquino, rival político do presidente, detido sob as acusações de subversão, assassínio e posse ilegal de armas. Um tribunal militar condenou-o à morte por fuzilamento em Novembro do ano passado, mas o caso foi posteriormente reaberto por ordem presidencial.

Noticiario em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter.

PINOCA

VENHA OUVIR

O NOSSO SENSACIONAL ELENCO:

Joao Casanova
Natalina Bizarro
Norberto martinho
Lucinda Gouveia
Vasco Jorge
Odete Ferreira
Armandinho (Filho)
Alfredo Costa

Norberto Martinho

Rua Senhora do Monte, 43
Telefone 87751 8

Em FARO o
Diário de Lisboa
vende-se no
CAFE BRASILEIRA

descubra a HOLANDA

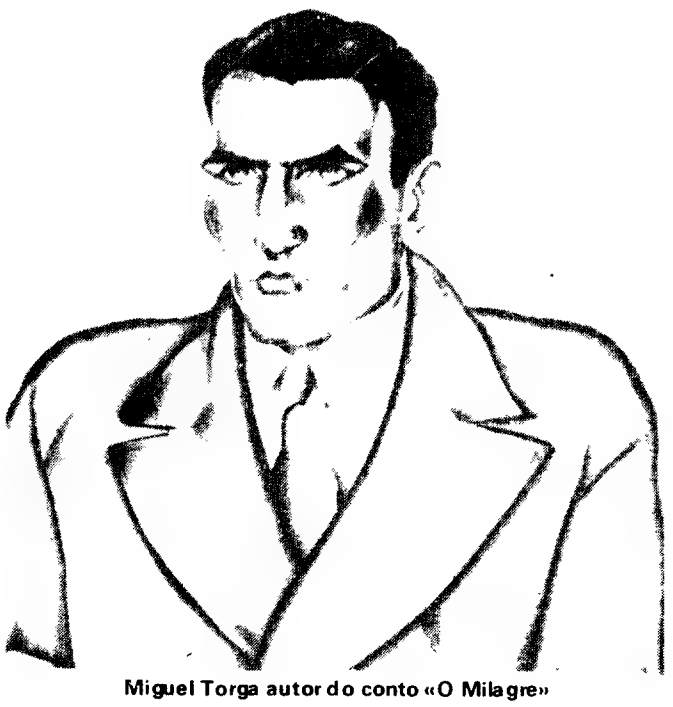
7 dias em
AMESTERDÃO
partidas semanais durante todo o ano
preços desde 7100$00
peça nos programa detalhado:
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Av da Liberdade 233 — LISBOA — Tel 536121
Rua Rosa Araujo 19 — LISBOA — Tel 561141
Av Tomaz Cabreira — Vivenda Sant Ana
Praia da Rocha — ALGARVE — Tel 23377
membro WATA em Portugal

acores
desde 5 490$
PONTA DELGADA
TERCEIRA e FAIAL
partidas semanais durante todo o Verão
os melhores preços
peça-nos programa:
Europeia
membro WATA em Portugal

viagens politur
UMA MARCA COM 8 ANOS
UMA GARANTIA PARA A SUA VIAGEM
as melhores viagens acompanhadas em AVIÃO e AUTOPULLMAN
PORTUGAL
ESPANHA
MARROCOS
TODA A EUROPA
ISRAEL
URSS e PAISES DO LESTE
EGIPTO
peça JÁ o catálogo ilustrado:
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Av da Liberdade 233 — LISBOA — Tel 536121
Rua Rosa Araujo 19 — LISBOA — Tel 561141
Av Tomaz Cabreira — Vivenda Sant Ana
Praia da Rocha — ALGARVE — Tel 23377
ou o seu agente de viagens

GRANDE CIRCUITO de ITÁLIA
maravilhosas viagens de 8 dias
ROMA - ORVIETO SIENA
S. GIMIGANO — FLORENÇA
BOLONHA — RAVENA
VENEZA — MILAO
partidas semanais de Maio a Outubro
TUDO INCLUIDO
preços sensacionais
Europeia
membro WATA em Portugal

Hoje



Miguel Torga autor do conto «O Milagre»

I PROGRAMA

18.25 **Telejornal** 1.ª Edição
18.32 **As Aventuras de Tom Sawyer** 1.º Episòdio
19.00 **O Inglès a sorrir** 17.ª Lição
19.35 **Cientificamente**
20.00 **Telejornal** 2.ª Edição
20.35 **O Casarão** Comportamentos, conflitos e problemas de cinco gerações da mesma família. Episódio 116.º da Telenovela de Lauro César Moniz. Realização de Daniel Filho. Produção da Central Globo de Televisão
21.10 **O Tempo**
21.15 Os 40 anos do Teatro Experimental da Universidade de Coimbra
22.00 **Contos Portugueses «O Milagre» de Miguel Torga.** Realizador Sinde Filipe.
22.45 **Telejornal** 4.ª Edição
22.50 Fecho

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

19.00 **Ano Propedêutico**
22.00 **Telejornal**
22.30 **Escrava Isaura** (Repetição do episódio n.º 78.º)
23.05 Fecho

GRUNDIG
QUALIDADE EM TODA A LINHA
DESTAQUES
I PROGRAMA
«O Milagre»
de Miguel Torga (22.00)
II PROGRAMA
"Escrava Isaura» (22.30)

Amanhã

I PROGRAMA

09.15: Ano Propedêutico; **12.10**: Música para o almoço; **12.40**: Escrava Isaura episódio n.º 81.º; **13.15**: Telejornal 1.ª Edição; **13.30**: Ciclo Preparatório TV; **18.25**: Telejornal 2.ª Ediçao, **18.32**: Lições de Basquetebol 4.ª lição **19.00**: Um Mundo para descobrir; **19.25**. Encontro com Lisboa Dia de Santo Antônio; **20.00**: Telejornal 3.ª Edição; **20.35**: O Casarão episódio n.º 117.º; **21.10**: O Tempo; **21.15**: Forum; **22.20**. «O Perito» episódio n.º 6 **23.05**: Telejornal 4.ª edição: **23.10**: Fecho.

II PROGRAMA

18.32: Ano Propedêutico, **22.00**: Telejornal; **23.30**: Escrava Isaura (Repetição do episódio n.º 79); **23.05**. Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B · Rua Macau, 8

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

FUTEBOL E MAIS ALGUMA COISA

Passa muito da meia-noite. Anuncia-se futebol. Ah, não, mais futebol, não Santa paciência. Nisso não vou. Chega de futebol E ainda por cima, mau.

Fiquei Por inércia, por «brio profissional», por fraqueza. O que quiserem. Afinal, bem vistas as coisas, a coscuvilhice é como a água tanto dá, até que fura. Ora vamos lá ver como foi essa jogatana nas Antas ..

Não houve imagens. Porquê, não se sabe. A RTP reserva para hoje um comunicado sobre as razões da falta delas. Não seria melhor convocar uma conferência de Imprensa, com jornalistas estrangeiros e tudo? Acho que sim. As grandes notícias devem conhecer a mais larga difusão. Aproveite-se agora, que há satélite...

Deixem passar a ironia mansa. Até gosto do pontapé na bola, palavra. Acontece ainda que as transmissões pela TV lusitana estão muito longe de se considerarem alienantes. Isto aconteceria se a dita TV vivesse exclusivamente para essa coisa e coisas como essa, se mandasse a realidadeàs urtigas.

Felizmente não é assim, confessemos honradamente.

TV: ASSIM, SIM

A Televisão portuguesa está, por exemplo, visceralmente interessada no esclarecimento do nosso povo sobre a natureza fascista do Governo do prof. Oliveira Salazar e seus discípulos. Prova-se isto pelas notícias constantes a respeito do julgamento da rede bombista e dos implicados noutros actos terroristas.

Mas o mais flagrante da atenção da RTP verificou-se na transmissão em directo da ultima sessão do **Tribunal Cívico Humberto Delgado.** A audiência de milhões de portugueses seguiram apaixonadamente os debates, as moções, as informações e o calor humano da presença de tantos verdadeiros heróis do nosso povo. Pode mesmo dizer-se que o acto da imposição das condecorações aos mártires do Tarrafal (muitas a título póstumo) foi o ponto culminante da sessao, aquela que marca uma pedra indelével na actividade da RTP.

Sim, é bom que o povo português saiba como viveu, como agiu o fascismo, quais os seus objectivos de destruição da cultura, da inteligência, da organização dos trabalhadores. É bom que o povo português saiba tudo isso do seu passado, para melhor defender o seu futuro.

Aqui fica uma sugestão muito singela: que da reportagem apresentada sejam feitas 40 cópias e remetidas estas para aqueles países onde Portugal conta com maior número de diasporados.

Sem dúvida, a preocupação da RTP na cobertura de acto tão importante absolve-a de certos pecados veniais. Televisão certa na atitude certa: defesa da democracia sem tónicas partidárias.

Assim,sim.

FORA O «REPLAY»!

Nestas condições, estando garantido o combate às forças fascistas que actuaram e actuam neste País, até dá gosto assistir a uma tourada, a uma emissão mais ou menos gozada, embora com excesso de Breyner, ou a desafios de futebol.

Neste último caso, no entanto, há que colocar algumas pequenas reservas, como seja o uso da palavra **replay** nas repetições das principais cenas do jogo, agora aliás utilizadas igualmente na transmissão das touradas – e eu recordo-me que a sugestão para o efeito partiu desta mesma coluna, há já vários anos. Enfim, a História acaba sempre por dar razão aos génios.

Mas não, meus amigos. **Replay** não. De cócoras diante de idiomas bárbaros, e ainda por cima escusadamente, não. Se acham longa a palavra repetição, ponham lá o **R** chega, a malta entende.

A menos que o «acordo» do empréstimo gigante contemple alguma cláusula sobre a obrigatoriedade do uso da língua inglesa, na sua variante americana. Mas por este andar não tardaremos a assistir a diálogos como este, no lugar da hortaliça:

– Por favor diz-me quanto custa este molho de bróculos?

– Olhe, freguesa, são três dólares, mas por ser para si faço-lhe dois dólares e oitenta cêntimos.

– Mesmo assim é muito. O meu marido ganha apenas mil e quinhentos dólares por mês... Good bye, bróculos.

Alguns países há onde nas respectivas televisões é proibida a utilização indevida de termos estrangeiros. Cá, ainda não. Devemos isso ao nosso génio universalista.

MORFEU EM PORTALEGRE

Claro que quem diz universalismo, diz Camões.

Daí o interesse com que seguimos os diversos aspectos das cerimónias em Portalegre. A nota mais saliente foi a total ausência de participação popular, de comunhão popular no conhecimento de Camões. Havia um palanque, onde até, por acaso, se falou do poeta, perdão, do vate, em palavras grandiloquentes, retiradas dos velhos sótãos mais ainda com cheiro a naftalina. O povo, esse, estava longe, arfava, assistia como quem assiste a um espectáculo em língua

Continua na pág. 26

CITAÇÕES DE AMÉRICO THOMAZ
ENRIQUEÇA A SUA BIBLIOTECA COM A MAIOR OBRA HUMORÍSTICA DE TODOS OS TEMPOS
Iniciando a colecção
OS INCRÍVEIS ORADORES
O MAIS ESPANTOSO LIVRO DE FICÇÃO
citações do eclético fundador do CONFUSIONISMO
Escola com forte implantação nos nossos meios oratórios
aonde se fala de alta vila metida num buraco, de 15 barragens que eram 14 de canários que eram piriquitos, etc., etc., etc. ...
Prefácio de MÁRIO CASTRIM

PREÇO: 100$00
Pedidos ao ATELIER BELO MARQUES,
Rua da Trindade, 5-2.º-Dt.º
— Telef. 37 12 54 — LISBOA-2
ENVIOS À COBRANÇA

TRINDADE
INATEL
Apresenta
BAILADO
Dia 17 às 21.30 e dia 18 às 16 h.
(2 únicos espectáculos)
programa
SCUOLA DI BALLO
Música de Rossini/Respighi
Coreografia de Anna Mascolo
DANÇA DOS ANIMAIS
Música de Mozart
Coreografia de Anna Mascolo
A LOJA DOS BRINQUEDOS DE COPPELIUS
(do II acto do Bailado «Coppelia»)
Música de Leo Delibes
Coreografia de Anna Mascolo
DANÇA DOS JOVENS KURDOS
Música de Kachaturian
Coreografia de Anna Mascolo
PÁSSARO AZUL (Pas de deux)
Música de Tchaikowsky
Coreografia de Petipa
FESTAS
de Debussy
Coreografia de Margarida de Abreu
CORSÁRIO
Música de Drigo
Elementos do Estúdio Escola de Dança Clássica de Anna Mascolo e do Curso Especial da Escola Superior de Danca do Conservatório Nacional.
Participação de Guilherme Dias, Miguel Lyzarro, Palmira Camargo, Teresa Valle.
PREÇOS POPULARES
BILHETES À VENDA
50 % de desconto para os socios do Inatel, dos Ccds. Cpts. e Sindicatos.

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

CINEMA PORTUGUÊS DOCUMENTAL

"O outro teatro"

de António Macedo e Manuela Moura

Um filme algo insólito cujas intenções se não conciliaram

FICHA:
Título: O outro teatro ou As coisas pertencem a quem as tornar melhores.

Realização e montagem: António Macedo e Manuela Moura (1976).

Fotografia (16 mm/cor): Elso Roque.

Som: João Diogo
Director de produção: Leonel Brito.

Produção: Cinequanon com a participação financeira do Instituto Português de Cinema.
Duração: 70 minutos.

É curioso verificar que, apesar de tudo, o cinema tem acompanhado de um modo mais ou menos regular os acontecimentos que se vão passando na sociedade portuguesa. E, pela primeira vez no nosso cinema documental, de um ponto de vista que na maioria dos casos não é coincidente com o do poder.

Tal é o caso de **O outro teatro**, um filme de 70 minutos que a Cinequanon produziu tendo como motivação próxima o conflito que opôs os Grupos Independentes de Teatro ao então secretário de Estado da Cultura, David Mourão-Ferreira. Mas o filme não se reduz a esse conflito (a vários títulos exemplares da evolução das coisas da cultura neste país já-muito-depois-de-Abril), antes procura traçar uma panorâmica que vai desde os pioneiros do «Outro Teatro» (António Pedro, no Porto, o Teatro Moderno de Lisboa...) até aos problemas, opções e perspectivas dos vários grupos e das várias concepções de política teatral.

Objectivo demasiado ambicioso para uma pequena longa metragem? É bem possível. Na realidade parece-me que este filme sofre de uma indefinição que acaba por deixar no écran pouco mais que uma evidente boa vontade. De facto nem a História dos Grupos Independentes (a maiúscula é rebarbativa, eu sei), nem a acção concreta dos grupos, nem as suas diferentes perspectivas e opções aparecem claramente expressas. Ao invés há um amalgamar de referências e de intenções muitas vezes cifrado (isto é, só perceptível para quem re-conhece), a importância dada a cada grupo é, com frequência, arbitrária e a própria tentativa de dar a ideia de um Movimento uno (mormente intercalando representações de um grupo sob declarações de outro) parece-me perigosamente mistificadora das contradições que entre os grupos existem e, do ponto de vista informativo, razoavelmente confusa.

Por outro lado a vontade de dizer que «aquilo é cinema», o uso de sinais de linguagem a cortar a unidade do filme são, as mais das vezes, óbvios e até gratuitos na sua facilidade.

António Macedo diz-me que **O Outro Teatro** se destinava a ser exibido pelos próprios grupos de teatro como forma de mostrar ao espectador menos prevenido quem eles são, donde partem, o que querem. Infelizmente e julgo que tal propósito de didactismo não é, de nenhum modo, atingido. Pelo contrário este filme, tal como está, parece-me um objecto algo insólito, o meio de uma trajectória de intenções que A. Macedo e M. Moura não conseguiram conciliar. Para já é necessário esperarmos 70 minutos para que nos seja dito (no filme) onde e quando o conflito que pontua e referencia o filme se passou. O que, em cinema documental, é imperdoável.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TELEFONE 327172

APRESENTA

BALLET NACIONAL DO SENEGAL

12, 13 e 14 de Junho
às 21.30 horas

ESPECTÁCULO INTEGRADO NAS FESTAS DA CIDADE 1978

• • •

DIA 12 — LOTAÇÃO ESGOTADA

BILHETES À VENDA PARA 13 e 14, A PARTIR DAS 14 H.

SONORO FILME

A TÁCTICA EXPLOSIVA DO MUNDIAL 1978...

"A DIAGONAL"
"O FERROLHO"

Tudo à defesa...
Tudo ao ataque!...

CICCIO INGRASSIA

FRANCO FRANCHI

OS DOIS MAGOS DA BOLA

i due maghi del pallone

Realização de MARIANO LAURENTI
Eastmancolor

A PARTIR DE AMANHÃ

ÀS 14.00 EDEN

ÀS 14,15 PATHÉ

Para Todos

TEATRO ABERTO
P de ESPANHA
metro PALHAVÃ
telef 77 09 69

grupo 4
APRESENTA

a sátira musical

de ARY DOS SANTOS, AUGUSTO SOBRAL, RUI MENDES, FERNANDO TORDO, PAULO DE CARVALHO, PEDRO OSORIO
encenação de RUI MENDES

O caso da MÃOZINHA MISTERIOSA

com subsídio da S. E. C.

espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos

hoje. às 21.45
Amanhã feriado . às 15.30 E 21.45
4./-FEIRA: DESCANSO 5./ e 6./-FEIRA: 21.45
SÁBADO: 15.30, 20.30 e 23.00
DOMINGO: 15.30 e 21.00

UM CASO SÉRIO DE MORRER A RIR COM

HENRIQUETA MAYA — PAULO DE CARVALHO — FERNANDO TORDO — RUI MENDES
MORAIS E CASTRO — LUISA BASTO — PEDRO OSORIO — HELENA ISABEL
FERNANDA COIMBRA — CARLOS GONÇALVES — ALVARO FARIA — ADELAIDE FERREIRA
PAULO GODINHO — MANUEL MENDONÇA

Grandes Festejos Populares no Teatro

ÁDÓQUE

de 12 a 2 de Julho

Preços únicos
80.00 50.00

Poderá ver a Revista

ROUPA VELHA

COM UM GRANDE ELENCO!
TODOS OS DIAS ÀS 21H. — MATINÉE NO DOMINGO, ÀS 16H.
E DEPOIS DA REVISTA TEMOS BAILARICO
NOS FINS DE SEMANA E NAS VÉSPERAS E DIAS
DOS SANTOS POPULARES
Comes-e-Bebes (Baratinhos)
• sardinhas • caldo-verde • iscas • chouriço-assado • pastelinhos de bacalhau • vinho tinto e branco • etc etc
DURANTE O ARRAIAL TEREMOS
CANTIGAS e SURPRESAS

Vá ao ÁDÓQUE Divertir-se por pouco dinheiro

LARGO MARTIM MONIZ (Metro Socorro) Tel 874476

A atleta benfiquista Nora Araújo bateu o recorde nacional do pentatlo feminino, ao totalizar 3952 pontos durante a prova de controlo realizada no Estádio Nacional. Nora Araújo conseguiu as seguintes marcas nas cinco provas do programa: 100 metros barreiras-14,7 segundos; peso-11,11 metros; altura-1,68 metros, comprimento-5,79 metros e 800 metros-2.24,7. O anterior máximo nacional pertencia a Conceição Alves, do Sporting, desde 29 de Maio do ano passado, com 3.915 pontos. A melhor marca da nova recordista, nesta especialidade, era de 3876 pontos (recorde nacional de juniores). Entretanto, nas provas do «Torneio Nacional de Iniciados», a açoriana Eugénia Lopes bateu o recorde nacional de infantis femininos dos 250 metros, com o tempo de 36,7 segundos

Modalidades em desfile

ATLETISMO

A selecção portuguesa de atletismo foi a última classificada num torneio disputado em Lille, que terminou com o triunfo da Polónia, seguida da Bélgica, França e Espanha.

Carlos Lopes, correndo os 5000 metros, obteve a melhor classificação individual dos portugueses, chegando em 4.º lugar com 13.42,6.

O tempo de Carlos Lopes dá-lhe entrada nos «Europeus»: o mínimo de qualificação foi batido.

O queniano Henry Rono estabeleceu ontem um novo «record» do Mundo, dos 10 000 metros, em Viena, ao fazer 27.22,47. O anterior pertencia desde 30 de Junho de 1977 ao seu compatriota Samson Kimombwa, com 27.30,47. Um outro «record», mas nos 100 metros-barreiras (femininos), foi estabelecido por Granzyna Rabsztyn da Polónia, com o tempo de 12,48 segundos, em Fuerth (RFA). O máximo anterior, de 12,59 segundos, pertencia a Annellie Erhardt, da Alemanha Oriental, desde as Olimpíadas de Munique.

ANDEBOL

Campo de Ourique (juniores) e Oriental (juvenis) são campeões lisboetas de andebol, na 2.ª Divisão.

BASQUETEBOL

Quartos de final da «Taça de Portugal em basquetebol: Algés-Barreirense, 69-72; F. C. do Porto-Académico, 113-61; Sporting-CDUP, 115-48; e Sangalhos-Benfica, 74-67. Ficaram apurados para as meias-finais os vencedores das partidas, estando marcadas para sábado próximo, os jogos Sporting-Barreirense e sangalhos-F. C. do Porto.

CICLISMO

José Luis Pacheco (Rio Tinto) triunfou no Lisboa-Coimbra-Malveira à frente de Manuel Martins (Coelima) e Manuel Durão (Sangalhos). Por equipas o triunfo pertenceu à Coelima.

Carlos Santos (Benfica) é o «leader» do «Grande Prémio de Torres Vedras», que entra hoje na 3.ª tirada (Torres Vedras-Santa Cruz, 147 km, a partir das 15 horas).

HÓQUEI PATINADO

Dorrotas dos clubes portugueses envolvidos nas competições de hóquei patinado: Barcelona, 8-Valongo, 0 («Taça dos Campeões»); Follonica, 3-Oeiras, 1 e Voltegrá, 9-Carvalhos, 3 («Taça das Taças»). Os jogos da 2.ª «mão» realizam-se em Portugal, daqui a duas semanas.

LUTA

Torneio «Dia Olímpico», em luta, pelas 18 e 15 de 24 do corrente, no Centro de Cultura Popular de Santa Engrácia (Calçada dos Barbadinhos, 49-A, em Lisboa).

NATAÇÃO

Liliana Santos (Benfica) estabeleceu novo máximo de natação, em juniores, na distância de 200 metros livres: 2m21 s21,4.

TÉNIS DE MESA

O Sporting enceu o torneio aberto «Cidade de Lisboa», em ténis de mesa.

"MUNDIAL" DE FUTEBOL

Argentina 78

Coordenação de NEVES DE SOUSA e JÚLIO RODRIGUES

Os jogos que televimos

ESCÓCIA, 3-HOLANDA, 2

O computador estava a gozar?

F. Assis Pacheco

Cinco golos em 90 minutos e mais um anulado, eis o brinde de ontem à noite para o telespectador antes de «O Espelho dos Acácios» do Telefutebol. Sucedeu no Escócia-Holanda de permeio com três ou quatro perdidas absolutamente inacreditáveis, daquelas em que até o gato da vizinha era capaz de fazer o gosto à pata. Total: os escocesses ganharam com justiça, mas foram eliminados; os holandeses disfarçaram pelo pé de Rep uma inépcia gritante e (coisas do «goal-average») lá seguem para a fase intermédia, menos crentes do que estavam, isso tenho eu a certeza, na previsão do tal computador que os dá na final contra a Alemanha – ou a Argentina, já me não lembro bem.

Os golos, aos 35 m 1-0 por Rensenbrink, de «penalty», a castigar uma prisão de pé a Rep na grande área escocesa (e Gemmill ainda levou cartão amarelo por cima); aos 44,5 m o empate «made in Scotland» por Dalglish, à meia volta sobre centro da direita; no segundo tempo os escoceses a porem o marcador sucessivamente em 2-1 e 3-1, de ambas as vezes por Gemmill, primeiro ao primeiro minuto, de «penaly» (feito sobre Sounness), e depois a coroar um «solalom», como agora se diz, impressionante de genica e habilidade; finalmente o 3-2 da tranquilidade neerlandesa, com a assinatura, e o «sprint», de Rep.

Neeskens, o «patrão» dos vice-campeões do mundo, saíra lesionado com escassos 10 m de jogo. Mas não terá sido a sua falta que emperrou a máquina destes favoritos cor-de-laranja. Afinal não há máquina nenhuma sob as ordens de Ernst Happel, o austríaco que acumula as direcções do C. S. Bruges e do «onze» nacional holandês. Rensenbrink e Rep brilham breves lampejos na dianteira, Kraal e Portvliet tentam organizar o défice ofensivo cá atrás – e é tudo. O resto, mesmo com Neekens, adivinha-se frouxo. Passou o tempo em que o Ajax era o músculo principal desse ímpeto chamado Holanda. À equipa entrosada de 1974 sucedeu a mal disfarçada desorganização, fruto de uma diáspora que levou Cruyff e Neeskens a Barcelona, Pep a Valência e depois a Bastia, Rensenbrink e mais uns quantos à Bélgica, mais uns quantos à Alemanha Federal, etc.. O balão esvaziou-se.

É também por aí que os escoceses pecam. A equipa reúne-se tarde e a más horas, já que os jogadores têm compromissos em dois campeonatos, o escocês e o inglês, aliás compromissos longos e fatigantes. Teremnos dado ontem 90 minutos de futebol entreajudado foi sobremaneira notável. Eles fazem o que podem, e em 1974 também patinaram na primeira fase por défice de «goal-average». Segundo as crónicas, carregam para o Norte da sua ilha um saco de bons momentos passados na Argentina: farra crioula foi coisa que não desperdiçaram ... Valha-lhes isso.

Agora aquele computador insistindo numa final com a Holanda! ... Será possível? Os deuses permitirão? A gente habitua-se a tudo. Não passou o Brasil no tira-teimas? Não chumbou a Escócia, que é bastante mais personalizada apesar do improviso?

Quarta-feira temos outra hora e meia de raios gama em cima do focinho. Seja para desconto de todos os pecados – que eu creio que é vício de bola e mais nada.

Os últimos embates

Grupo 1: Itália, 1-Argentina, 0 (golo Bettega) e França, 3-Hungria, 1 (tentos por Lopez, Marc Berdoll, Zombori e Rocheteau).

Sob a arbitragem do brasileiro Arnaldo Coelho, as equipas alinharam:

FRANÇA: Dropsy; Janvion, Trésor, Lopez e Bracci; Michel, Bathenay e Papi (Platini, aos 45); Rocheteau (Six aos 75), Berdoll e Rouyer.

HUNGRIA: Gujdar; Martos, Balint, Kereki e Toth; Nyilasi Pinter e Zombori; Pustai, Torocsik, Nagy (Csapo, 72m).

●

Grupo 2: Tunísia, 0-Alemanha Federal, 0 e México, 1-Polónia, 3. Golos de Rangel, Boniek (2) e Deyna. Pontuação: Polónia 5; Alemanha Federal, 4; Tunísia, 3; México, 0.

Arbitrou o iraniano Jaafar Namdar e as equipas alinharam:

MÉXICO: Soto; Flores, Cisneros, Gomez e Vazques Ayala; De La Torre, Cuellar e Cardenas (Mendizabal, aos 46); Ortega, Rangel e Hugo Sanchez.

POLONIA: Tomaszewski; Szymanowski, Gorgon, Kasperczak e Rudy (Maculewixz, aos 85) Masztaler, Iwan (Lubanski, aos 75) e Zmuda; Lato, Deyna e Boniek.

Árbitro: César Orozco (peru).

ALEMANHA FEDERAL: Maier; Vogts, Russmann, Dietz e Kaltz; Bonhof, Flohe e Hans Muller; Rummeningge, Fischer e Dieter Muller.

TUNÍSIA: Naili; Dhouib, Kaabi Jebali e Labidi; Gasmi, Gommidh e Ben Rheaien, Akid, (Ben Aziza 82 m), Teminne e Dhiab. Substituições: 82 m, Akid por Ben Aziza.

No Grupo 3: Brasil, 1-Áustria, 0, com o golo a cargo de Roberto. A Espanha venceu a Suécia (1-0, tento de Asensi). Classificação: Áustria e Brasil, 4 pontos; Espanha, 3; Suécia, 1.

SUECIA: Hellstrom; Borg, Andersson, Nordqvist e Erlandsson; Larsson, Lennart Larsson e Sjoberg; Nilson, Nordin e Edstrom.

ESPANHA: Miguel Angel; Marcelino, Riosca, Olmo e San José; Uria, Asens e Leal; Cardenosa, Juanito e Santillana.

Árbitro: Ferdinand Biwersi, da Alemanha Federal.

As equipas alinharam:

BRASIL: Leão; Toninho, Óscar, Amaral e Rodriguez Neto; Baptista, Cerezo (Chicão, aos 71m) e Dirceu; Gil, Roberto e Mendonça (Zico, aos 84m).

ÁUSTRIA: Koncilia; Sara, Obermayer, Pezzey e Breittengerber; Prohaska, Hickersberger (Weber, aos 61m) e Jara; Kreuz, Krankl e Krieger (Happicho, aos 84m).

●

Grupo 4: Peru, 4-Irão, 1. Tentos por Velasquez, Cubillas (3) e Rowshan. Outro jogo: Escócia, 3-Holanda, 2. Tabela pontual: Peru, 5; Holanda e Escócia, 3; Irão, 1. A Holanda beneficia do «goal average»: 5-3 contra 5-6 da Escócia.

Sob a direcção do árbitro polaco Alojzy Jargus, as equipas alinharam:

PERU: Quiroga; Duarte, Manzo (Leguia aos 69 minutos), Chumpitaz e Diaz; Cueto, Velasquez e Cubillas; Munante, La Rosa (Sotil aos 60m) e Oblitas.

IRÃO: Hejazi; Nazari, Abdollahie, Kazerani e Allahvardi; Sadeghi, Ghasimpour e Parvin; Rowshan (Fariba, 66), Faraki (Jahani, 51) e Danalfar.

Sob a direcção o austríaco Erich Linemayer, as equipas alinharam:

Holanda: Jan Jongloed; Jan Poortvliet, Rudi Keol, Wim Jansen e Win Suurbier; Win Rijsbergen (Wildsehunt), Willy Van Der Kerkhof e Joha Neskens (Bosjamp); Rob Rensenbrink, Rene Van Der Kerkhof e Johnny Rep.

Escócia: Rough; Donachie, Bucham, Kennedy e Forsythe; Rioch, Hartford e Gemmil; Soulness, Dalglish e Jordan.

Causio: o «barão» do «calcio»

SOLTAS E LEVES

RENSENBRINK: O MILÉSIMO GOLO

O milésimo golo na fase final dos Campeonatos do Mundo foi marcado no último dia da primeira fase do Campeonato do Mundo de Futebol de 1978, pelo holandês (do Anderlecht) Rensenbrink, perante a Escócia na transformação de uma grande penalidade, aos 34 minutos. Apesar deste golo, Rensenbrink viu-se ultrapassado na lista dos melhores marcadores pelo peruano Teófilo Cubillas, que ontem marcou três tentos, dois dos quais também na marcação de grandes penalidades

Concluída a primeira fase do «Mundial», a lista dos 10 marcadores é a seguinte: Teófilo Cubillas, Peru com 5; Robbie Rensenbrink, Holanda, 4; Archie Gemmill, Escócia, 2; Paulo Rossi, Itália, 2; Leopoldo Luque, Argentina, 2; Johann Krankl, Áustria, 2; Roberto Bettega, Itália, 2; Karl-Heinz Rummenigge, RFA, 2; Heinz Flohe, RFA, 2; Zbigniew Boniek, Polónia com 2 golos.

«SELECÇÃO IDEAL»

Os jornalistas estrangeiros que se encontram na Argentina

Continua na pág. 23

Até 4.ª-feira

Balanço no final da 1.ª fase: Grupo 1 – apurados: Itália e Argentina; eliminados: França e Hungria.

Grupo 2 – apurados: Polónia e Alemanha Federal: eliminados: Tunísia e México.

Grupo 3 – apurados: Austria e Brasil; eliminados; Espanha e Suécia.

Grupo 4 – apurados: Peru e Holanda; eliminados: Escócia e Irão.

A segunda fase principia na quarta-feira, com os seguintes jogos: Itália-Alemanha, Argentina-Polónia, Áustria-Holanda e Brasil-Peru, não estando ainda escolhido o encontro a transmitir directamente pela RTP.

"24 HORAS DE LE MANS"

Alpine-Renault quebrou a tradicional superioridade dos "Porsche Turbo"

Tripulando um Alpine Renault A-442 B Turbo», a equipa francesa Pironi-Jaussaud, venceu as «24 Horas de Le Mans» impondo-se surpreendentemente aos Porsche, que nos últimos anos têm manifestado grande supremacia nesta prova.

Os vencedores colocaram-se no comando logo nas primeiras horas da corrida quando a equipa Jabouille-Depailler, também em Renault, foi obrigada a desistir por avaria no motor.

O belga Jacky Ickx, que nos treinos havia batido o recorde da pista, terminou em segundo lugar, ao volante de um Porsche 936 Turbo, formando equipa com o alemão ocidental Juergen Barth e com o francês Bob Wollek. Na terceira posição colocou-se outro Porsche, conduzido pelos norte-americanos Haywood e Peter Gregg. A volta mais rápida pertenceu ao francês Patrick Depailler em 3m34,2s.

A classificação final ficou assim estabelecida: 1. Pironi-Jaussaud (Alpine Renault A-442 b», 369 voltas, distância percorrida 5033,16 km, à média horária de 210,401 km/h; 2. Ickx-Juergen Barth (Bob Wollek, (Porsche 936 Turbo) 364 voltas; 3. Hurley-Haywood-Gregg (Porsche 936 Turbo), 362 voltas; 4. Jabouille-Frequelin-Ragnotti (Alpine Renault A-442 A Turbo) 358 voltas; 5. Brian Redman-Dick Barbour-John Paul (Porsche 936 Turbo). 337 voltas.

PASSAPORTES
Aviso Importante
Os passaportes tirados há cerca de 5 anos ou mais deverão ser-nos enviados para obtenção de novos
agencia abreu
LISBOA - Av Liberdade, 160 - Tel. 371341

"MUNDIAL" DE FUTEBOL
Coordenação de NEVES DE SOUSA e JULIO RODRIGUES

Os jogos que televimos

ITÁLIA, 1-ARGENTINA, 0

Com talento é mais fácil

Aos 22m. do segundo tempo Paolo Rossi, o miúdo de Vicenza, driblou um contrário no seu corredor esquerdo, centrou curto e raso para Causio e este deixou rápido para Bettega, que acelerou, ajeitou a bola e, no preciso instante em que dois bombardeiros argentinos faziam contas de cabeça ao dilema: desarma o italiano sem mais nada ou desarmá-lo com «recheio de pé», vulgo «souvenir», tocou sesgado e bateu Fillol, guarda-redes da casa, calando por minutos a imensa, barulhenta, orfeónica multidão bonairense, que não queria crer no que viam os seus olhos. Estava feito o 1-0, e agora os azuis e brancos de calção preto e mau perder estampado no cenho franzido saem da capital do país porque ficaram em segundo lugar da série. As noites portenhas caíram no tango triste «à la Discépolo», isto a menos que os filhos e os netos da forte emigração italiana não andem já a ajustar umas contas verbais com os sem-mistura. Pior: a Argentina não mostrou estofo de campeão mundial. Falta-lhe essa preciosidade do futebol, o talento. Sobra-lhe teatro, e é lembrar como mergulham pelo relvado os Ortiz, os Kempes, os Bertonis quando perdem a pelota em leal confronto.

Anteontem à noite a Itália, ainda que sem deslumbrar, pregou uma boa peça ao altivo onze de César Menotti, provando que o inferno está cheio de mais cozinhados e só entram na chaminé celeste as iguarias de tempero feliz. Um Benetti, em Bettega, um Causio, um Paolo Rossi, um Cabrini merecem a «toque» dos mestres cucas. Ardiles pode abrir o seu «snack-bar» em Avellaneda: freguesia não falta neste mundo de ingénuos.

Se é preciso resumir alguma coisa do que «televimos», então cá vai: 60 minutos de «pressing» formal argentino, sem a mínima chispa de imaginação; meia hora de assomo italiano, salpicado de toques belíssimos e meia dúzia de golos tentados. Os argentinos podiam ter aberto o activo, ainda antes do intervalo, aos 17 m., no rescaldo de um livre de canto que acendeu o rastilho da confusão na grande área italiana, e depois aos 28 m. e aos 32 m., respectivamente por Passarella, de cabeça, e por Kempes, com o pé e à meia volta. Na segunda parte foi o fracasso rotundo: nem uma bola com endereço à baliza!

Da banda italiana falharam golos Bettega na primeira parte, aos 25m., no seguimento de um canto; e já depois do intervalo Antognoni, aos 8m, e de novo Bettega, aos 25m, 180 segundos depois do golo, desperdiçando a oferta de bandeja feita por Causio, que previamente pusera dois argentinos KO com estonteantes fintas.

Houve substituições (que indicamos mais abaixo), um cartão amarelo para Benetti, repetidas cenas de teatro dos argentinos ávidos por um «penalty», e o apito autoritário, se bem que levemente caseiro, do sr. Abraham Klein, israelita. A decepção chama-se Mario Kempes, que joga no Valencia e me fez suspirar pelo arreganho do velho Chirola, esse sim, Yazalde de nome civil, cheio de futebol nos pés privilegiados.

A Argentina talvez ganhe o Mundial. É mais uma injustiça a somar às que conhecemos, pois isto de actuar em casa dá às vezes no que dá. (Entre parêntesis: o Brasil, comparado com italianos e argentinos, parece o time dos casados do Mar da Palha. Percebe agora o leitor e telespectador a razão por que tem ido com tanto sono para a cama?)

F. Assis Pacheco

As equipas:

ARGENTINA – Fillol; Olguím, Luís Galvan, Passarella e Tarantini; Ardiles, Gallego e Valencia; Bertoni, Kempes e Ortiz (Houseman aos 27 m. da segunda parte).

ITÁLIA – Zoff; Gentile, Bellugi (Cuccureddu aos 8m da primeira parte), Tardelli e Cabrini; Benetti, Antognoni (Zaccarelli aos 27m da segunda parte) e Scirea; Causio, Bettega e Paolo Rossi.

SOLTAS E LEVES

Continuação da pág. 22

escolheram a «selecção ideal» depois dos jogos da terceira jornada (sábado e ontem) da fase inicial. Os votos dos jornalistas deram a seguinte formação:

Guarda-redes: Hellstroem (Suécia); defesas: Gentile (Itália), Krol (Holanda), Chumpitaz (Peru) e Bossis (França); médios: Ardiles (Argentina), Benetti (Itália) e Prohaska (Áustria); avançados: Munanté (Peru), Krankl (Áustria) e Didier Six (França).

MORTE

José Mário Donizetti Baroni, avançado do Botafogo de Ribeirão Preto, um dos primeiros 24 jogadores convocados por Cláudio Coutinho para a selecção brasileira, faleceu em São Paulo, a noite passada, vítima de leucemia. Contava 21 anos.

Zé Mario, como era conhecido entre os adeptos do futebol, foi reserva da equipa que venceu os jogos de qualificação sul-americanos para o campeonato do Mundo, na Colômbia, em Julho passado.

«BOTA DE OURO» DA EUROPA

A «estrela» do futebol austríaco da actualidade, o dianteiro Johann Krankl, anunciou que tem diversas ofertas de clubes espanhóis, italianos, alemães e franceses para prosseguir a sua carreira de futebolista depois do Campeonato do Mundo. Krankl não referiu pelos nomes os clubes que lhe fizeram as ofertas.

1 semana na TERRA SANTA
Visitando TEL-AVIV, BELÉM, JERUSALÉM, JERICÓ, NAZARÉ, TIBERÍADES, HAIFA, etc.
2/3 viagens por mês
Próximas partidas.
Maio 2, 16, 30
Junho 13, 27
Julho 4, 18
Condições especiais para grupos
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO
LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 317921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
FUNCHAL Rua do Gorgulho, 1 • Telefs. 31077/8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

NACIONAIS DE FUTEBOL

Entre o zénite e o zero

Pronto, acabou-se tudo. Já há fumo branco na chaminé do campeão (FC Porto) e conhecem-se, igualmente, os quatro parceiros desdita que mergulham no fosso do escalão inferior (Feirense, Riopele, Espinho e Portimonense), saberá Deus por quanto tempo.

O derradeiro virar de página do campeonato trouxe várias surpresas mas poucas alterações posicionais. Note-se o quadro numérico: Estoril,0-Setúbal,0; FC Porto,4-Braga,0; Feirense,0-Académico,4; Riopele,1-Benfica,4; Sporting,1-Portimonense,0; Belenenses,1-Espinho,1; Guimarães, 2-Boavista,2 e Marítimo,2-Varzim,0.

Quer isto dizer que foi o desfecho em Alvalade (um golo do brasileiro Manoel, já no dealbar do espectáculo) que atirou a turma algarvia pela borda fora. E que, enquanto a luta no topo se desenrolou com vantagem nortenha, há que salientar o modo (inédito) como um verdadeiro rei abdicou do seu trono: o Benfica, sem qualquer derrota ao longo das 30 jornadas de empolgante maratona, perde a coroa apenas em face da quase nula produtividade dos seus dianteiros, no paralelo com os rivais mais directos.

	J	V	E	D	G	P
F.C.Porto	30	22	7	1	83-21	51
Benfica	30	23	5	-	56-11	51
Sporting	30	15	4	7	43-30	42
Braga	30	15	6	9	43-27	36
Belenenses	30	14	8	8	35-21	36
Guimarães	30	12	7	11	33-28	31
Boavista	30	10	8	12	36-38	28
Académico	30	11	4	15	41-49	26
V. Setúbal	30	8	10	12	29-40	26
Varzim	30	9	7	15	26-38	25
Estoril	30	8	9	13	25-36	25
Marítimo	30	8	7	15	32-45	23
Portimonense	30	8	7	15	29-39	23
Espinho	30	8	6	16	30-52	22
Riopele	30	6	9	15	23-51	21
Feirense	30	5	8	25	24-59	12

Manoel chuta às redes do Portimonense: o brasileiro foi o demolidor dos sonhos algarvios

Todas as credenciais para a Europa estão passadas: Porto na «Taça dos Campeões», Sporting na «Taça das Taças» (independentemente do resultado do duelo com os portistas, sábado próximo no Jamor, para a disputa final da «Taça de Portugal»), a dupla vermelha (Benfica e Braga) na «Taça UEFA».

E, enquanto se saudam as chegadas de novos hóspedes do grande hotel (Famalicão, Beira-Mar e Barreirense), ao mesmo tempo que Aliados de Lordelo, Académico de Viseu e Juventude de Évora prolongam a época de trabalho, no degladiar infernal que representa esse famigerado torneio denominado de «Liguilha» (a proporcionar um só cartão de acesso ao areópago mais privilegiado) a maioria dos emblemas prepara as malas: ou férias ou excursões, compensadoras para as suas tesourarias ou necessárias para o desanuviamento, para o retemperar de forças de largas semanas debatidas entre uma vastidão de problemas.

Há campeão. Sabe-se quem fica e quase todos quantos batem à porta. O campeonato desaparece. A «Taça» prepara-se para dar as últimas. Enquanto, lá pela Argentina, o «mundial» se incendeia, por estas bandas o futebol salta para as prateleiras, tornando-se apenas comentário para mais uma/duas semanas. É tempo de repouso dos guerreiros: quem surge a perturbar o sono dos justos?

Vejamos como aconteceu na Zona Sul da 2ª divisão: Lusitano-Nacional, 2-4; Luso-Cova da Piedade, 0-0; CUF-Atlético, 1-0; Farense-Odivelas, 1-1; Sesimbra-Olhanense, 1-0; Amora-Vasco da Gama 5-4; Montijo-Juventude, 1-0 e Almada-Barreirense, 0-1. Classificação: 1º Barreirense, 43 pontos; 2º Juventude, 41; 3º Montijo, 37; 4º Atlético e CUF, 33; 6º Amora, 32; 7º Olhanense, 31; 8º Almada, 29; 9º Farense e Odivelas, 28; 11º Nacional, 26; 13º Sesimbra, 25; 14º Lusitano e Vasco da Gama, 24; 16º Luso, 17. Enquanto o Juventude participa no torneio de competência, baixam de divisão o Luso, Vasco da Gama e Lusitano. O quarto clube sairá do «duo» constituído pelo Nacional e Sesimbra, uma vez que terá que ser repetido o jogo Sesimbra-Barreirense.

Zona Norte: Penafiel-Vianense, 3-0; Paços Ferreira-Fafe, 1-1; Lourosa-Rio Ave, 1-0; Leixões-Régua, 6-0; Vila Real-Famalicão, 0-5; Chaves-Sanjoanense, 2-1; Gil Vicente-Aliados, 2-0; Paços Brandão-União Lamas, 3-1. Classificação: 1º Famalicão, 49 pontos; 2º Aliados, 35; 3º Fafe, 34; 4º Leixões, 32; 5º Rio Ave, Penafiel e Chaves, 31; 8º Vianense, 30; 9º Gil Vicente e União Lamas, 29; 11º Lourosa e Paços Ferreira, 28; 13º Paços Brandão, 27; 14º Régua, 25; 15º Sanjoanense, 23; 16º Vila Real, 18. Participa na «liguilla» o Aliados do Lordelo. Baixam às 3ª Divisão: Vila Real, Sanjoanense, Régua e Paços Brandão.

Zona Centro: União Tomar-União Santarém, 4-1, Mangualde-Peniche, 3-0; Portalegrense-Covilhã, 0-0; Marrazes-Beira Mar, 0-2; Águeda-União de Leiria, 3-0; União Coimbra-Estrela Portalegre, 1-0; Marinhense-Acad.Viseu, 1-3; Cartaxo-Sintrense, 2-0. Classificação: 1º Beira Mar, 47 pontos; 2º Acad. Viseu, 41; 3º Portalegrense, 35; 4º União Tomar e Estrela Portalegre, 32; 6º Peniche e Marinhense, 31; 8º União de Leiria e União de Santarém, 30; 10º Covilhã, Águeda, Mangualde e União Coimbra, 29; 14º Marrazes, 21; 15º Sintrense, 17; 16º Cartaxo, 16. O Académico de Viseu qualificou-se para o torneio de competência, enquanto o Cartaxo, Sintrense, Marrazes e União de Coimbra baixam de divisão.

Na 3ª divisão, resultados, equipas apuradas e despromovidas:

Série A: Ribeira Pena-Monção, 1-10; Aves-Vizela, 4-0; Mirandela-Cabeceirense, 5-0; Bragança-Mondinense, 6-2; Prado-Joane, 7-1; Maria Fonte-Macedo Cavaleiros, 2-0; Tadim-Tirsense, 1-0; Valdevez-Limianos, 1-2. Sobem à 2ª Divisão: Desportivo das Aves e Tadim. Baixam aos «Regionais»: Ribeira Pena, Maria da Fonte, Macedo Cavaleiros e Valdevez.

Série B: Bustelo-Cucujães, 0-0; Vilanovense-Amarante, 4-2; Infesta-Sampedrense, 12-2; Freamunde-Valecambrense, 3-0; Lamego-Paredes, 1-2; Leverense-Sal 0-1; Arrifanense-Oliveirense, 4-0. Sobem à 2ª Divisão: Salgueiros e Paredes. Baixam aos «Regionais». Sampedrense, Arrifanense, Perosinho e Cucujães.

Série C: Tondela-Febres, 0-0; Viseu Benfica-Ançã, 1-0; Gouveia-Tocha, 3-3; Guarda-Oliveira Bairro, 0-2; Anadia-Gonçalense, 6-0; Covilhã Benfica-Alba, 0-0; Marialvas-Naval, 2-1; Carapinheirense-Molelos, 0-4. Sobem à 2ª Divisão: Oliveira do Bairro e Alba. Baixam aos «Regionais»: Covilhã e Benfica, Gonçalense, Carapinheirense e Marialvas.

Série D: Alcanenense-Lousanense, 3-0; Bombarralense-Eléctrico, 3-1; Benfica Castelo Branco-Batalha, 1-0; Alcobaça-Tor-

Continua na pág. 24

B&D
PRÉMIO
Black & Decker
O HOMEM DO DIA NO JOGO DO DIA

Fonseca ao lado de Pedroto na hora do triunfo

Fonseca (Porto)

Gostaríamos de incluir hoje, nesta rubrica, todos os jogadores ainda não distinguidos com o prémio «Black & Decker» mas que, ao longo do campeonato, mereceram honras de cinco estrelas nas suas actuações. Impossível, como facilmente se entende. Daí que a nossa escolha tenha recaído em Fonseca, um símbolo do querer e da vontade do FC Porto, a catapultar o seu emblema para uma posição muito sonhada mas dificilmente concretizada. Posto à prova em momentos de emergência, raramente tendo ensejo de estar «**quente**» no instante da chamada ao serviço. Fonseca foi o rei das balizas portistas: o último prémio «Black & Decker» não poderia ter melhor dono.

Lembramos todos os premiados com o aparelho «Black & Decker», recordando que, muito em breve, eles estarão reunidos para receberem a sua distinção. Laranjeira (Sporting), Rui Paulino (Belenenses), Jordão (Sporting), João (Varzim), Bento (Benfica), Octávio (FC Porto), Vítor Baptista (Benfica), Baltasar (Sporting), Seninho (FC Porto) Costa (Académico de Coimbra) Rachão (Vitória de Setúbal), Chico Gordo (Sporting de Braga) Matos (Boavista) Artur (Sporting), Ademir (FC Porto), Botelho (Sporting), Hertz (Belenenses) Lito (Sporting de Braga), Tibi (Varzim), Humberto (Benfica) Gomes (FC Porto), Nelson (Portimonense) Eduardo Luís (Marítimo), José Luís (Benfica), Conhé (Braga), José Mendes (Setúbal), José Torres (Estoril) Toni (Benfica) Gervásio (Académico) e Fonseca (Porto).

TOTOBOLA a chave

RFA-Polónia	x
Hungria-Argentina	2
França-Itália	2
Espanha-Áustria	2
Peru-Escócia	1
Argentina-França	1
Itália-Hungria	1
Áustria-Suécia	1
Brasil-Espanha	x
Itália-Argentina	1
França-Hungria	1
Suécia-Espanha	2
Escócia-Holanda	1
Estoril-V. Setúbal	x
FC Porto-Braga	1
Feirense-Académico	2
Riopele-Benfica	2
Sporting-Portim.	1
Belenenses-Espinho	x
Guimarães-Boavista	x
Marítimo-Varzim	1
P. Ferreira-Fafe	x
Gil Vic.-Al. Lordelo	1
Marinhense-Ac. Viseu	2
Almada-Barreirense	2
Montijo-Juventude	1

LONDRES
FIM DE SEMANA
MINI SEMANA
FINS DE SEMANA
Quintas e Domingos
MINI SEMANA
Domingos e Quintas
Partidas semanais de Julho a Outubro
em aviões especialmente fretados à TAP
Preços excepcionais desde * 6.350$
* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO E EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO
LISBOA Av. da Liberdade 160 Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 Telef. 317921
COIMBRA Rua da Sota, 2 Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 Telefs. 25035/6
FUNCHAL Rua do Gorgulho, 1 Telefs. 31077/8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

RIOPELE, 1-BENFICA, 4

O Carnaval era a dez léguas

Reportagem de Júlio Rodrigues, que viajou com a CATUR

Difícil, difícil, foi viajar ontem de Braga para o Porto, em ambiente festivo, por entre as cores azul e branca e o pagode na berma da estrada, imparável e incontível, comemorando a posse de um título que escapava aos homens da Invicta e seus «satélites» populacionais há dezanove anos. Nunca uma ligação (para o repórter) entre o «1.º de Maio» e Pedras Rubras foi tão morosa e entrecortada. Nunca tantos automóveis terão calcorreado em hora de ponta dominical o alcatrão que em cinco léguas separa a capital do Minho da redoma onde repousa agora o título nacional de futebol de 77/78.

Romaria nortenha é coisa ou manifestação que a maioria do mortal conhece, viu ou já viveu. Mas nunca porventura em «fila indiana» alimentada a gasolina, por entre cachecóis, bandeiras e gorros de azul e branco. Ou homens e mulheres de dedo no ar (aquilo não era bem um comício), em efusivas saudações, conclamando por um novo «Deus» nas calendas do «association» português. Erectos nos seus carros, carrinhas e camionetas, ou nas valetas inundadas da Famalicão, Trofa, Maia e outras terras verdejantes de um Minho que, por fácil influência nortenha, estava em festa. Isto, porque os adeptos da equipa de Pedroto não se circunscrevem ao Porto.

Claro que uma manifestação como a que ontem acompanhamos por força de uma visita (em trabalho) ao «1.º de Maio» (nome do Estádio onde o Benfica disse adeus ao título, derrotando sem apelo nem agravo um Riopele pundonoroso), na sua própria envolvência multiplicativa tem os seus inconvenientes. As «caricias» entre a chapa estão entre eles. E não faltaram ao «grande encontro» que marcou a conquista do ceptro por parte do FC do Porto.

Mas «chapa gasta, chapa batida» não é nada quando o importante (além da rosa) é o título que o Norte já não saboreava desde esse longo ano de 1958, arrancado a ferros em Torres Vedras. E para a chapa, caramba, há os chapeiros, as oficinas de reparações. É a essas que os três «bólides» que se enfeixaram em Ribela, perto da Trofa recorrerão. O importante era o título, e esse ficou no Porto. E uma ou outra «provocação» dos benfiquistas furiosos e tristes do Norte aos seus conterrâneos (adeptos) portistas também tinham espaço e tempo na festa, como aquele concurso hípico de Famalicão que embaraçou o trânsito por largos minutos.

GOLOS

Mas é do Benfica que importa agora falar pois foi o seu último confronto deste «Nacional» que nos levou a Braga, por interdição do campo de Pousada de Saramagos. E foram os «encarnados», aliás, que durante trinta e quatro minutos (então a impôr-se no «placard» aos riopelenses) silenciaram o Norte, quando no «1.º de Maio» o marcador acusava 2-1 e nas Antas imperava o 0-0.

Mas eis que no Porto, Oliveira «abre» o livro, como Nene, e Rui Lopes, por parte do Benfica, e António Luís (aos 33 minutos), pelo Riopele, o haviam feito. Não vimos a reacção de Mortimore nem dos suplentes que o rodeavam no banco. Fora do rectângulo, dois ou três clientes dos portistas, mais ferrenhos, não resistiram a exteriorizar o seu entusiasmo. Por momentos, os muitos adeptos «encarnados» presentes calaram os seus aplausos, eles que estavam com os olhos no tapete verde do «1.º de Maio» (onde também estava a sua fé clubista, o seu coração e a louca esperança de uma façanha teoricamente impossível e aleatória), e de ouvido «transistorizado» nas Antas. Seis minutos depois Octávio avolumava o «score». Então, foram mais as manifestações de júbilo. O pagode sentia que o título era do FC do Porto, que ficava nas Antas.

Em Braga, o Benfica – não só pelo calor que «queimava» o campo – afrouxara a sua actividade. O couro corria, solto, dado ao primeiro toque, fluído e alegre. Já Humberto Coelho causara calafrios a Padrão (entre o 1.º e o 2.º tento), mandando o esférico ao poste numa das suas muitas investidas ofensivas, como que a incrustar-se numa área que poderá ser sua, na próxima temporada, adiantado no terreno. Reagiria, não obstante, o Riopele, que não só suavizou os números como, aproveitando-se da aparente e momentânea abulia encarnada (as informações do Porto não eram as melhores, nem as mais estimulantes), cresceu de audácia. Daí, e como corrrolário de tal, o golo de António Luís.

E foi assim que se chegou ao intervalo, já a convidar os participantes (jogadores e público) para o primeiro banho retemperador. Com a questão praticamente resolvida, no Porto, era a praia que se impunha, se não estivesse longe, ou se Caminha, Viana do Castelo ou Póvoa do Varzim fossem mais acessíveis. Assim o terão pensado os briosos profissionais do Benfica, então mais «perto» das Antas.

A metade complementar foi mais para cumprir calendário (e os noventa minutos de jogo) que para aclarar a questão. Os pupilos de «Ferreirinha», que nada (nem sequer a manutenção entre os «grandes» tinham a perder passariam a afoitar-se mais na ofensiva, mercê, sobretudo, do esforço do seu «capitão» Luís Pereira, bem acolitado por Piruta e Pio (de seu nome Alcir) na intermediária, e Jesus (num vaivém que desenvolveu com sacrifício e inteligência) e Derson, este na rectaguarda.

HUMBERTO

Seria a equipa da Luz, todavia, agora com Humberto plenamente incorporado na sua frente de ataque e a «entender-se» a preceito com Toni e José Luís (que entrara a substituir Nené no reatamento) a levar o pânico às redes do Riopele, que entretanto equilibrara a produção futebolística dentro das quatro linhas com o reforço do meio campo (recuo de Jesus) e uma marcação mais estreita aos atacantes encarnados. E quando esse recurso (homem-a-homem) não bastava, havia Ederson e Vitorino a «beliscar» quer Chalana quer José Luís ou Rui Lopes, com Toni, que se afadigara superiormente nos primeiros 45 minutos, a dar sinais de irrecuperável cansaço.

À meia hora do complementar o Benfica dava já o tom da supremacia, o que não acontecia por acaso, pois Humberto reforçara o meio do campo e o ataque (onde aparecia para combinar com José Luís e Chalana) como peça difícil de marcar. Não surpreenderia que os encarnados, a despeito de já não nutrirem qualquer veleidade em relação ao ceptro, mas pretendendo demonstrar a sua real categoria (além do seu alto sentido profissional e do pundonor futebolístico que nunca esteve em causa perante a evolução do «placard» das Antas), materializassem mais duas situações de golo.

José Luís e Rui Lopes encarregaram-se de fazer o gosto à cabeça e ao pé entre os 31 e os 34 minutos, fazendo o resultado final. O primeiro, na sequência de um cruzamento de Toni, após insistência pela direita, do autor do 2.º e 4.º golo, dos encarnados, e Rui Lopes, num lance individual, esmerado, exemplificativo da sua técnica e classe. Couro dominado, dois adversários pelo caminho, e, a uns bons vinte metros, um remate forte, com o pé esquerdo, tornando infrutífera a estirada de Padrão.

HOMENS

Sob a direcção de Castro e Sousa (o homem que foi de Coimbra ao «1.º de Maio» para produzir um trabalho altamente cotado, mesmo tendo em conta os dois erros, de somenos importância, cometidos ao longo da partida, em dois lances em que beneficiou o infractor), as equipas formaram:

RIOPELE – Padrão; Joca, Vitorino, Ederson e Teixeira; Piruta, Luís Pereira (Abreu) e Pio; Jesus, Fonseca II e António Luís.

BENFICA – Bento (Fidalgo); Bastos Lopes, Eurico, Humberto Coelho e Alberto; Toni, Pietra e Sheu; Rui Lopes, Nené (José Luís) e Chalana.

Os tentos: Nené inaugurou a contenda aos 9 minutos, para Rui Lopes (com dois golos) ampliado o «placard» aos 23 minutos da primeira parte, com uma extraordinária «cabeçada». Os rapazes de «Ferreirinha», ainda neste período, atenuaram a marca por intermédio de António Luís. No complementar, os «encarnados» materializaram mais dois golos através de José Luís (31 minutos) e Rui Lopes (aos 34).

«Ajudem, ajudem!»

Um símbolo de certo Povo

S. João antecipado

Volvidos que foram 20 anos, o F.C. Porto voltou a conquistar o título máximo do nosso futebol, facto que é tanto mais de realçar quanto á certo que os nortenhos (e muito particularmente os adeptos portistas) tudo têm feito para conseguir o objectivo agora alcançado. Ontem, ninguém dormiu na cidade do Porto.

Muitas horas antes do «jogo mais longo» se iniciar já a Cidade Invicta conhecia um movimento fora do normal, com os tons de azul e branco a sobressairem emprestando um colorido diferente ao burgo portuense. Bandeiras, chapéus (dos mais variados tipos), sombrinhas, cachecóis, camisolas, martelinhos, bombos, gaitas e sirenes, tudo servia para criar o ambiente propício ao redor do encontro que, para os portistas, «era de ganhar». Falar do ambiente que se respirava no interior do Estádio das Antas não é nada fácil. Isto porque jamais se repetiu semelhante espectáculo naquele vasto recinto, nem mesmo quando a equipa comandada por Hernâni há exatamente 20 anos, ali conquistou também um título nacional.

O sol associou-se à festa e o Estádio das Antas apresentou um aspecto soberbo com os adeptos portistas a festejarem com antecedência a vitória da sua equipa, numa antevisão cheia de fé e convicção que galvanizou todo o Departamento de Futebol do clube e (nomeadamente) os intervenientes no desafio.

Contrariamente ao que vinha sendo habitual, os portistas não entraram no relvado meia-hora antes para o aquecimento. Sempre atento à jogada, como é seu timbre, Pedroto quis poupar os seus pupilos à emoção forte dos aplausos frenéticos da massa associativa portista, que, diga-se desde já, são contagiantes.

Foi, pois, num ambiente deveras escaldante que se desenrolou o encontro decisivo do «nacional» que impunha ao F.C. Porto a obrigação de ganhar.

A FESTA DUROU ATÉ ÀS TANTAS

Já a madrugada se escoava quando a cidade logrou sossegar do bulício que a atormentou durante quase todo o dia, mas, sobretudo, a partir do momento em que se começou a desenhar o triunfo dos portistas e (consequentemente) a conquista do título. Mal Porém Luís, o árbitro da partida, deu por findo o encontro, o rectângulo de jogo foi positivamente tomado de assalto por milhares de «tiffosis» portistas, que, sem perda de tempo, despiram por completo os seus ídolos. Alguns jogadores do F.C. Porto apenas ficaram com as «trusses» que traziam por debaixo dos calções, sendo rapidamente despojados das botas, da camisola, das meias, das caneleiras e de outros utensílios que porventura «transportavam» na altura em que se deu o «assalto».

«Alguns bem reclamaram sobre a extorsão das botas, alegando que precisavam delas para a final da Taça, mas qual quê? A hora era de apanhar o que viesse às mãos, sem olhar a meios para atingir os fins em vista. Só depois de esgotadas as «recordações» é que os jogadores e o técnico portista apareceram aos ombros dos seus prosélitos dando volta, de consagração perante um entusiasmo indescritível dos que ficaram para além das vedacções sem poderem tomar parte activa na festa que se fazia no relvado. Enquanto isto, a fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Vila do Conde entrava também em acção, ao mesmo tempo que a PSP e um sector da arquibancada da maratona «festejavam» o acontecimento arremessando garrafas uns aos outros...

Garrafas de champanhe que começaram a estoirar logo após o segundo golo do F.C. Porto, enquanto que no ar rebentavam os primeiros foguetes. Tudo isto entremeado com toques de sirene, buzinas, gaitas e chocalhos que não permitiam sequer que se ouvisse o apito do árbitro.

BALNEÁRIOS INUNDADOS

A festa que se iniciou logo após o segundo golo prolongar-se-ia nos balneários onde os jogadores deram largas à sua imaginação à medida que iam surgindo os mais «íntimos» a saudarem o feito e a associarem-se à festança.

Gabriel, que ontem ficou de fora, não poupava ninguém, a todos «baptizando» com uma toalha completamente encharcada em água. Outros abraçavam o parceiro mais próximo sempre na expectativa de mais um gole de espumoso que molhasse a garganta já ressequida de tanto gritar. Os jogadores do Braga foram dos primeiros a cumprimentar os novos campeões, atitude que foi seguida pelo técnico Mário Imbeloni e pelo presidente bracarense (mas portista de gema), dr. Gomes de Almeida.

Reportagem de Manuel Neto
Fotos de Bruno Neves

Nacionais de futebol

Continuação da pág 23

riense, 1-1; União Almeirim-Nazarenos, 0-0; Condestável-Castelo Branco, 3-1; Caldas-Amiense, 2-0; Matrena-Torres Novas, 2-0. Sobem à 2ª Divisão: Caldas e Torriense.

Baixam aos «Regionais»: Condestavel, Lousanense, União de Almeirim e Batalha.

Série E: Pero Pinheiro-Vitória, 2-1; SL Olivais-Borbense, 2-1; Elvenses-Sacavenense, 0-1; Loures-Campomaiorense, 1-0; Casa Pia-Bucelenses, 3-4; Alverca-Elvas, 2-0; Benavente-D. Olivais, 1-1; Oriental-Souselense, 2-1. Sobem à 2ª Divisão: Sacavenense e Elvas. Baixam aos «Regionais»: Souselense, Borbense, Benavente e Elvenses.

Série F: Serpa-Aljustrelense, 4-1, Santiago do Cacém-Rosairense, 4-2; Silves-Seixal, 4-1; Marítimo Olhanense-União Montemor, 1-1; Esperança-Quarteirense, 1-0; Paio Pires-Costa Caparica, 0-1. Sarilhense-Reguengos, 2-1; Beja-Alcochetense, 3-1. Sobem à 2ª Divisão Seixal e Silves. Baixam aos «Regionais»: Reguengos, Costa Caparica, Rosairense e Marítimo Olhanense.

JUVENIS

Resultados verificados na jornada n.º 5 da «Taça Nacional de Juvenis»:

Série A: Sp. Braga-Leixões, 4-1 e Vila Real-Varzim, 2-1. Classificação: 1.ºs, Braga e Varzim, 6 pontos, 3.º, Leixões, 5; 4.º, Vila Real, 3.

Série B: Cracks-Covilhã, 1-2 e Feirense-U. Coimbra, 0-1. Classificação: 1.º, Cracks, 10 pontos; 2.º, Covilhã, 5; 3.º; . Coimbra, 3; .º, Feirense, 2.

Série C: U.Santarém-Sporting, 0-1 e Torriense-U. Tomar, 3-0. Classificação: 1.º, Sporting, 7 pontos; 2.º, Torriense, 6; 3.º, U. Santarém, 5; 4.º, U. Toma, 2.

Série D: CUF-Benfica, 0-2 e Farense-V. Setúbal, 1-1 (jogo interrompido aos 55 minutos, por invasão do campo). Classificação: 1.º, V. Setual, 4 jogos e 7 pontos; 2.º, Benfica, 5-6; 3.º, Farense, 4-3; 4./, CUF, 5-2.

INICIADOS

Conhecido o apuramento do F. C. do Porto (Série A) para a final, falta saber quem o acompanhará nessa fase derradeira da pova. O Barreirense (Série B) é desde agora o principal candidato, muito embora o Portimonense ainda se lhe apresente uma réstia de esperança, embora de muito difícil concretização. Resultados da penúltima jornada na **Série A**: Marinhense-Foz Côa, 0-1 e F. C. Porto S. Félix, 8-0. Classificação: 1.º, F. C. do Porto, 10 pontos; 2.º, Foz Côa, 6; 3.º, Marinhense, 3; 4.º, S. Félix. **Série B**: Benfica-Barreirense, 0-3 e Alferrarede-Portimonense, 0-1. Classificação: 1.º, Barreisense, 7 pontos; 2.º, Benfica, 5; 3.º, Portimonense, 5; 4.º, Alferrarede.

HOMENAGEM A ÁRBITROS

Vai ser prestada homenagem aos árbitros de futebol Carlos Dinis e Fernando Correia, que abandonaram a actividade, (por limite de idade). Haverá um jogo de futebol e jantar de confraternização, podendo as inscrições ser feitas na Comissão Regional dos Árbitos de Lisboa, (Rua dos Fanqueiros nº. 150 - 2º, Telefone 869977, Lisboa).

FÉRIAS 78

Escolha a sua viagem:

Nice, Veneza e Milão
Roma e Sul de Itália
Nice e Florença
Egipto
Rússia e Escandinávia
União Soviética
Jugoslávia
Circuito da Suiça
Suiça e Áustria
Descubra a Holanda
Andorra e Barcelona
Macau e Hong-Kong
Tailândia

Programas ● Reservas

VIAGENS RAWES

Lisboa-Correspondência R Bernardino Costa, 47
Expediente Trav do Corpo Santo, 15 Tel 370231
Faro-Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel 23195/6

MARROCOS

TANGER desde 3.150$
CASABLANCA desde 5.700$
TANGER/MEZKNES/FEZ 6 dias
CIDADES IMPERIAIS 8 dias
Partidas Bissemanais de **Abril a Outubro**

VIAGENS RAWES

Lisboa-Correspondência R Bernardino Costa, 47
Expediente Trav do Corpo Santo, 15 Tel 370231
Faro-Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel 23195/6

Mil por ponto

Segundo apurámos, cada jogador portista deverá receber de prémio pela conquista do campeonato uma quantia equivalente a 1000 escudos por ponto. Podemos, todavia, adiantar que outros prémios estão também em perspectiva, provenientes de entidades particulares.

E se estes (e outros) mesmos ganharem a Taça, então o bolo vai engrossar.

PORTO, 4-BRAGA, 0

Rei morto, rei posto

Comentário por Neves de Sousa
A reportagem do "DL" viajou pela CATUR

. Qual S. João, qual carapuça: estou até em crer que só no Maracanã, num Fla-Flu, que empolgava até bichinho de conta, vi coisas igual. Porque, amigos, cercado de calor, fumegante pelo Sol, era um rio de bandeiras com água azul-branca. «Champagne» na bancada, tambores, guizos, cornetas, badalos, tachos espremidos pelo batuque. Era um nunca acabar de pífaros e gaitinhas buzinas e rocas. Camisolas, calções, cachecóis, gorros, simples bonezinhos ou aristocráticas cartolas: tudo azul, tudo com traços brancos. Lenços, chapéus, serpentinas, morteiros e foguetes. Majoretes, crianças, gente respeitável de meia idade roçando a juventude. Senhoras, homens, toda uma cidade em comunhão.

Era, afinal, o salto do náufrago da catarata para as margens do fio de prata, um pulo esperado e sonhado milhas e milhas, braçada sobraçada, desespero após desespero. 19 longos anos a latejarem na memória. Porto campeão: uma meta que, ciclicamente, ia resvalando novamente para o tinteiro das ideias. Ontem, foi a conquista. Finalmente.

Antes, já quando nas Antas, não cabia alfinete bem esguio, havia pelas bancadas um receio em ebulição: será que Chico Gordo ou Ronaldo virão fazer partida ao antigo patrão? Será que Nelinho fará das tripas coração para dar a alegria maior ao recém-emblema? Como se comportarão antigos «leões» (Conhé, Chico Faria, Paulo Rocha) ou um novo funcionario de Alvalade (Marinho) numa luta em que o verde-branco está também directamente interessado? Até onde chegará Lito, face ao técnico que o descobriu nas «peladas» africanas? E (indagava-se à boca pequena) como poder acreditar na arbitragem, sabido como se desconfia a cada passo de uma comissão central centralizada em torno de uma só cabeça?

. Afinal, não havia razão para receios. Porque, com uma dignidade bonita, o Braga apresentou na mesa os seus trunfos, nunca dando a ideia de renúncia em primazia do vizinho de cidade e detrimento dos pergaminhos do campeonato ou dos interesses da Luz. Durante larga meia hora, esbateu (um a um) todos os argumentos de bom peso que os portistas colocaram na balança: só que o jogo adulto e massacrante dos azuis-brancos teria que rasgar fenda numa muralha que se ia esboroando sob os olhares cruéis de uma multidão que estava ali, todinha, apenas e exclusivamente para pegar em ombros e passear junto ao céu os meninos dos seus olhos. seria apenas uma questão de tempo imaginaram os portuenses: tal como aconteceu, perdida que foi a intenção de bem resguardar as malhas de Conhé, ultrapassada a fronteira entre o possível e o hipotético, nesse duelo com argumentos de força inusitada vindos das pernas e pulmões de onze diabretes impulsionados para a conquista máxima por muitos, muitos milhares que de fora os empurravam até ao topo da ladeira. Quando surgiu o primeiro tento (34 minutos) imediatamente se viu que pouco demoraria a confirmação, o sossego, a pausa nos cardíacos: seis minutos e foi tudo. Porque, a partir daí, um único símbolo desenvolvia a sua vontade sobre o tapete.

NADA NA MANGA

. Chegou a imaginar-se que o engenho de Imbelloni teria arquitectado durante a semana, o feroz antídoto: nada de fenomenal, porém, saiu da mente do treinador argentino quase preparado para deixar Braga e demandar outras paragens. Nem a Nelinho foi entregue a tarefa (aborrecida e antipática perante a plateia) de aglutinar um Oliveira que é fogo e chama no futebol português, nem a Marinho ou a Chico Gordo ou a Paulo Rocha, como a Lito se pediu mais que a justa capitação das suas capacidades normais no compartilhar da festa que estava no programa. Isso o Sporting de Braga rubricou; com o brio (repetimos) que se esperava para a verdade do julgamento.

O golo de Oliveira, na instantânea recarga para uma baliza desguarnecida pela fugidia surtida de Conhé a um terreno que não é de sua alvedria, abriu a contagem que se tornaria apenas volumosa nas cogitacções de quem não sabe dispor o Porto (neste momento) do melhor conjunto de atiradores de todo o exército futebolístico desta loja, mesmo salvaguardando um Sporting, que sem o ariete Jordão quebra de rendimento e de codícia. Depois, quando se começava a vislumbrar sinal atiradiço entre minhotos, veio o fulminante pontapé de Octávio, no aproveitar de uma falta de Marinho sobre o risco que divide o peso das culpas. Quer dizer: embora à custa de dois erros bracarenses, o Porto estava na mó de cima, espremendo farinha para o seu bornal. Todavia, quem é capaz de imaginar um triunfador sem colheita apropriada da falência alheia?

A vã tentativa

A euforia

Contudo, durante algum tempo, houve margos de boca: Nelinho (colocado na extrema direita) e Marinho (com os cordelinhos rubros) chegaram a arrepiar os cabelos de uma meia dúzia de espectadores mais atentos, havendo mesmo quem visse numa escanhoadela para o juiz apitar de modo drástico. Mas nem a Porém Luís nem (tão-pouco) ao cronista sereno chegou motivo graúdo para a tal penalidade maxima que era miragem assoprada pelos advogados do Diabo. Tal e qual como não pareceu que, em um ou outro «fora de jogo» assinalado intempestivamente, tenha residido razão para se descontar percentagem de vulto a uma arbitragem que se integrou perfeitamente na euforia louca, louca, louca, de um carnaval que viajava de pais para filhos como herança enterrada entre duas árvores do jardim.

Portanto, fiquemos já nisto: Porém Luís, Jorge Fachada e Azoia Monteiro foram imagens correctas e exactas da interpretação legislativa do jogo. Nem deturparam o sentido, nem impediram que a verdade aflorasse à tona de água.

GOMES, ATIRADOR-MOR

Dos balneários, roupa nova arrumada a um canto e camisola esfiambrada já preparada para a estante de um amigo regressou o Porto com indomável vontade de arrumar prestes uma questão: o tento saído da acutilância de Gomes era (para o rapaz) o ponto final na conquista de um símbolo (a «Bola de prata») que o torna fixo entre os imortais dos campeonatos desta banda, colega na linguagem de outros nomes que ficaram impressos nos códigos como personagens de quase lenda. Gomes, porém, ainda rubricaria o 4-0 como que a desfazer qualquer dúvida que tivesse ficado aos pulos algum descrente em Maomé e nas suas profecias. Braga, que não é nenhum pilantra nem qualquer macatrefe, é que pagou as favas do longo jejum de três semanas que cumpriu e espartilhou a dianteira do novo campeão. O azar foi o raio do calendário.

Claro que, ao correr desta conversa, o leitor foi fixando nomes (Mário, Gomes, Nelinho, Octávio) colocando-os, para já, na ovação que se deve aos melhores interpretes de futebol que passaram nas Antas. Exacto: esse quadrunirato está inamovível do aplauso mas, porque não lhe juntar um serpenteante Seninho e um firme e hercúleo Fonseca? Porque não lhes adicionar Paulo Rocha e alguns recortes que prolongaram Conhé nos voos pelo espaço? Porque não embrulhar no mesmo papel (dourado e florido) Simões e Murça, Ademir e Duda, três ou quatro adornos de Lito e um belo galope de Chico Faria que se esbateu por falta de ajuda de colegas que teriam de distrair a fera no instante da entrada do estoque?

UMA FURTIVA LÁGRIMA

. E, no meio disto tudo, quem será capaz de esquecer o gesto bonito e sentimental que rodeou a chamada de Jairo e o adeus a Rui na muldura do grande auditório? José Maria Pedroto, certamente com a lágrimazita ao canto do olho, deu ordem ao brasileiro para se rotular de campeão e a Rui, como homenagem, colocou-lhe a faixa de uma tremenda e esmagadora ovação: a rendição de Fonseca, bem longe de significar abdicação da juvenude, era (pelo contrário) a apologia do respeito que se deve a um modesto funcionário, manga de alpaca, que nunca teve um queixume para a subalternidade e acetiou em loja rotineira e apegada a velhos métodos de trabalho, a chegada do computador. Rui, exemplo perfeito e sem adultério do homem que venceu na vida à custa de trabalho e esforço, do cidadão que se prepara para recordar apenas para dentro de si, bem merecia aquela consagração: a que até Chico Gordo se associou quando, bola coladinha aos pés, apenas tinha que fazer o chapéu e encostá-la ao fundo do rectângulo de malha. Mas, no derradeiro instante, a magnanimidade aflorou: o companheiro antigo, o amigo que estava defronte não merecia essa afronta. Rui, pelo que fizera anos e anos, teria de retirar do rinque com a alegria de ter contribuído para a paradisíaca imagem que fica para sempre na chancela de um jogo que nenhum portista vai esquecer até abalar novamente para as entranhas da terra.

O F. C. Porto. Em cima, a contar da esquerda: Duda, Murça, Freitas, Simões, Ademir e Fonseca. Em baixo: Seninho, Octávio, Gomes, Oliveira e Rodolfo. Os restantes fazem parte da paisagem

DO LADO DE LÁ

. José Maria Pedroto, amigo velho de quem, frequentemente discordamos, atinge o ponto supremo da sua carreira de mestre. Como jogador, esteve na conquista de dois campeonatos nacionais e uma «Taça de Portugal». Mais tarde, como técnico, também ao seu Porto ofereceu uma «Taça», como fizera em Setúbal ao Vitória ou por duas vezes aos senhores do Bessa. Faltava-lhe, no leque de prendas, um campeonato logrado como técnico: o dia chegou. Ontem, quando se festejava entre choros e abraços, no meio de vinho e palavras para um só mote o belo êxito azul-brano, quando todos se comprimiam em torno dos seus ídolos, veio do Brasil um chamamento. Pedroto, telefone entre o ouvido e a boca, disse meia dúzia de coisas e escutou muitas mais. Do mesmo homem a quem um dia batera o pé e dissera adeus, do mesmo omnipotente de ontem que permanece umbilicalmente ligado às Antas chegava (quem sabe?) o acto de contricção. Na hora de tudo ficar como espuma ao redor da nave, que já entrou em bom porto, que melhor abraço poderia esperar o técnico do triunfo?

RAZÕES CONFLUENTES

Antes, quando se podia cortar à faca cada minuto que restava para a entrada no circo, dizia-me Nuno Pinto da Costa, o responsável pelo departamento de futebol dos portistas:

. — **Mais importante que vencer, é saber ganhar.**

Daí a horas, nas Pedras Rubras, esse excelente presidente benfiquista que é José Ferreira Queimado declarava-me:

. — **Foi aqui, aqui no Norte que começámos a perder o campeonato: naquele «penalty» que Pietra falhou, perante o Varzim. E foi na Luz, no jogo com o Portimonense, que tudo se acabou.**

Nuno Pinto da Costa teve motivo para vislumbrar a sua razão escrita: o Porto não despiu o fato de ganga para se endeusar entre plumagens no instante em que mostrou o seu estofo para campeão. José Ferreira Queimado, é também, e como se vê, um sujeito que não viaja sobre nuvens mas entre os mortais correntes: como qualquer um (ou melhor que muitos obcecados), sabe perfeitamente que tanto como o Porto soube vencer, o Benfica assinou a sua derrota de motu próprio, sem incriminações a apontar ao criador.

. . O Porto construía golos: o Benfica só os sabia evitar, sempre de credo na boca não fosse o Diabo pregar rasteira. Um, o maioral da quinta, caçou com galgos e perdigueiros, espingardas de dois canos e armadilhas dissimuladas entre a folhagem. Outro, a quem se saúda respeitosamente pela história antiga, teve de aceitar a paga dos seus erros, da sua má fortuna, do seu ardente amor por uma equipa que demorou a rejuvenescer e que nem sempre o fez do melhor modo, com as conquistas mais sábias e oportunas.

Que o rei saiba ser um bom administrador e o vencido não apunhale pelas costas o novo soberano. Se o primeiro tem Oliveira, impante nos seus 26 anos e dois dias, mora na Luz um triunvirato de rutilância quase ímpar (Bento, Humberto Coelho, Toni) que por muitos e bons pode, prolongar o prestígio. Se ao Porto terá de reconhecer-se a posse de uma divisão dotada de mortíferos engenhos e de grandes operacionais (Fonseca, Simões, Murça, Octávio, Seninho, Ademir, Gomes, Duda) na mesma bitola terão de inscrever-se a radiante promessa de Pereirinha, o talento de Chalana, a disciplina de Sheu, a coragem de Eurico, o afã de Bastos Lopes, a vontade de emendar o pé bruxuleante em Alberto mais o apego a uma luta feita de altos e baixos a marcar o caminho de Rui Lopes e Fidalgo, acreditando-se até que a temporada menos boa de Nenê tenha sido um eclipse rapidamente suplantado pelo jogador da «Minicopa» que não olhava sobranceiramente porque labutava com a mesma entrega ao esforço de qualquer outro par do reino.

Quer dizer: sobe o Porto, o armistício é firmado pelo Benfica, longe do «décor» nas Antas. Na hora das opções, a maturidade prevaleceu sobre o amanhã.

O Porto (magnificiente, refulgente) caminha e anda por seu próprio pé, sem muletas. Campeonato dá o bafo, é obra acabada: heróis de botas pedem entrada no museu de cera que escuta ainda a sinfonia de uma capital.

Arbitragem de Porém Luís, apoiado em Azoia Monteiro e Jorge Fachada (Leiria).

PORTO — Fonseca (Rui); Rodolfo, Simões, Freitas e Murça; Octávio, Ademir, Oliveira e Duda (Jairo); Seninho e Gomes.

BRAGA — Conhé; Artur, Fernando, Ronaldo e Vilaça; Chico Faria, Marinho (Pinto) e Paulo Rocha; Nelinho, Chico Gordo e Lito.

Golos de Oliveira, Octávio e Gomes (2).

FAÇA COMO 1 MILHÃO DE PORTUGUESES
FAÇA VOCÊ MESMO COM Black & Decker

SENA

Continuação da pág. 3

nome falam. Na Guarda, Jorge de Sena tocava a rebate, possesso, quase patético, algumas vezes (que importância tem isso?) roçando o ridículo para melhor insultar o corte que o ouvia. E, feito o seu número, tendo dito muito mais do que se lhe pedira, tendo posto diante de um País inteiro a sua profunda ferida (sua, de ambos), foi-se ao que lhe restava de vida, um brevíssimo ano, para continuar o que sempre fizera: escrever. Se algum dos portugueses de agora encarnou dramaticamente a dignidade de ser esc tor, esse foi Jorge de Sena. Isso que Jorge de Sena soube ser melhor do que ninguém, e não falando agora no que a sua obra representa, é povavelmente a grande lição que aos escritores portugueses conviria aprender. Ou não mereceremos sequer o pão que comemos.

Em geral, quando morre um escritor, um artista, a benevolência colectiva acode a pedir que se esqueça o homem e se tale da obra. Vem isso da velha impregnação cristã do perdão dos pecados, e do pequenino orgulho de nos julgarmos cada um de nós senhores desse perdão, só porque continuamos vivos. No caso de Jorge de Sena, prefiro não esquecer o homem que mal conheci. Prefiro reflectir sobre os seus defeitos de carácter, apurar razões que não se dêem por satisfeitas com as banais (mesmo que rigorosas) explicações que a psicanálise dá. E ver se são defeitos. Ver se não se trataria antes de uma hipertrofiada consciência do valor do homem, da inteligência do homem, da acção transformadora do homem. E concluir, enfim, se este patriarcal país, se esta pastosa e desvertebrada classe intelectual (em sentido lato) que do país melhor ou pior se vai servindo, não estará antes precisando de adquirir urgentemente alguns dos defeitos de Jorge de Sena. Se não formos capazes de lhe continuar a obra, ao menos prolonguemos o homem.

Tem agora a palavra os críticos, os historiadoras, os que decompõem e recompõem. Por mim, que não chego a tanto, tirarei da obra de Jorge de Sena o que for capaz de receber e manterei os ouvidos bem abertos à sua furiosa voz, à sua cáustica insolência, ao seu infinito gemido de ser Português e desprezado

Canal da Crítica

Continuação da pág. 20

estrangeira. O povo estava do outro lado. Alguns julgariam, muito hierarquicamente, que o povo estava no seu lugar. Uns falam, o povo escuta, assim tudo se equilibra.

Modestamente considero que já vai sendo tempo de algum decoro nas expressões para significar a presença dos portugueses distribuída pelo mundo. Qual heroísmo, qual vocação, qual universalismo, meus senhores! Miséria, sim, miséria a vários títulos. Não é nenhum heroísmo fugir do país para escapar à miséria: o dever dos homens é fugir à miséria dentro do seu próprio país. O resto é falta de consciência política, falta que certos regimes (e não apenas fascistas) se esforçam por aumentar.

Mais pudor, meus senhores, quando citam os elogios do capitalismo internacional aos nossos emigrantes: a verdade é que este capitalismo se serviu e se serve de emigração para aumentar os seus lucros e para vencer as resistências e fugir aos direitos dos trabalhadores nacionais. Não façam lirismo, meus senhores, da nossa triste servidão, servidão de senhores do mundo transformados em carne para canhão (ou carne para emigração) das potências mercantis. O trabalho que lá produzem, aqui o deveriam produzir. Essa é a riqueza de que dia após dia nos fomos despojando. Mesmo agora, há quem apele ao trabalho, aos calos nas mãos sem nada se fazer para dar trabalho a tantas mãos sem ele.

Ah, mas aquele palanque, quem o podera esquecer? Quem poderá esquecer os bocejos, o cansaço, a desatenção, o enfartamento dos piqueniques, a cabeça dobrada pelo sono, os olhos fechados a olhar para dentro...

Um triste espectáculo de televisão. O triste espectáculo de um certo tempo.

Mário Castrim

P.S. – Chamam aqui ao lado a minha atenção para o facto de não corresponder à verdade tudo quanto eu digo a respeito do Tribunal Cívico Humberto Delgado. É boa! Ia jurar que... Realmente, nas minhas gravações não encontro nada de semelhante. Não há dúvida, foi um sonho. Tão bom, sonhar... MC

FÉRIAS EM PORTUGAL 1978

TRÓIA - ESTADIAS
ALGARVE - ESTADIAS E COM TRANSPORTE
MADEIRA - FINS DE SEMANA E UMA SEMANA
AÇORES
Ilhas Terceira/Faial/S Miguel
Precos desde
1.975$00
1 SEMANA
Peça-nos programa

CONSULTE
BUISSON
VIAGENS • TURISMO
RUA BRAAMCAMP, 15 - D
Tels. 4 04 59 - 4 04 68 - 55 68 23
Teleg. BUISTOUR - Telex 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

Em FARO o
Diário de Lisboa
vende-se no
CAFÉ BRASILEIRA

Roteiro Cultural

Lisboa continua em festa. Se está na cidade e quer divertir-se, registe que, a partir das 21.30 tem arraiais na Ajuda, na Alameda D. Afonso Henriques, em Alcântara, no Beato, em Belém, em Benfica, em S. Domingos de Benfica, no Campo Grande, no Campo Pequeno, em Campolide, em Carnide, no Chão de Loureiro, no Clube Nacional de Natação, no jardim da Cooperativa AR.CO, no Largo da Páscoa, no Largo de St.ª Cruz do Castelo, no Lumiar, na Madragoa, na Marvila, no Parque de St.ª Clara, em Santa Catarina, no Parque da Armada, no Olivais, na Rua do Passadiço, em Santa Engrácia, em S. Pedro de Alcântara e no Socorro.

Registe ainda que às 22 h. procede-se à inauguração de tronos de Santo António em Alfama, um dos aspectos mais típicos da grande festa lisboeta.

Gosta de fogo de artifício? Se gosta, não falte, hoje, às 22 h. à sessão de fogo de artifício que se realiza no alto do Parque Eduardo VII.

Culturalmente, o acontecimento do dia é a estreia do Grupo Nacional de Bailado do Senegal no Teatro Municipal de S. Luiz. Infelizmente a lotação da casa já está esgotada, mas é de tentar obter entrada amanhã porque se trata de um acontecimento importante: 40 artistas escolhidos dentro os mil que foram «examinados», interpretam um bailado de Maurice Sonar Senghor.

Num importante relatório agora divulgado por especialistas da CEE, levanta-se o problema da situação dos artistas do espectáculo na Europa. O disco, a banda magnética, a video-cassette, o vodeo-disco, a Rádio, a Televisão e o cinema, deixam sem espectadores as salas do «espectáculo vivo» como, aliás, era de prever. A situação é grave para os artistas dos países onde a alta fidelidade, o video-tape e os outros «auxiliares» mecânicos da diversão estão muito divulgados e são acessíveis a grandes sectores populacionais. Como é eivdente, nos restantes países, sobretudo naqueles em que não há acesso fácil a estes auxiliares, o problema não existe. Estão sem emprego 80 por cento dos bailarinos franceses, 30 por cento dos artistas britânicos de variedades e 11,6 por cento de todas as pessoas que na Alemanha Federal vivem do espectáculo onde o número dos músicos passou de 48 500 em 1950 para 29.591 em 1970.

Há jazz em Santarém, a partir das 21 h. no recinto dos espectáculos da Feira do Ribatejo. Actuam Mike Ross, Fredo Mergner, João Heitor, Luís Stoffel, Francisco Neves e João Duarte Silva. A título de informação adicional, esclarecemos que os dois útlimos artistas também são conhecidos por «Zeca» e «Paleca», o que reputamos muito interessante.

Abre, às 18 h. no Palácio Foz, uma exposição-venda de pintura contemporânea cujo produto reverte para o CISV (Movimento Internacional de Aldeias de Férias para Crianças).

É claro que o dia de hoje não é feriado mas é igualmente claro que alguns milhares de lisboetas declararam feriado e estão a fazer uma «pontezinha» particular. Se está no caso destes indivíduos ou se está livre às 18 horas, não deixe de ouvir no Canal I da RDP o programa «A História da Cencura e do Fascismo».

Se é artista e tem menos de 30 anos e se está interessado em que as suas obras figurem no XI Festival Mundial da Juventude que se realisa em Havana, entre 28 de Julho e 5 de Agosto envie as peças que tiver e que julgue vinculadas aos temas «A solidariedade e a luta pela paz e pela amizade» e «A juventude no Portugal de Abril» até ao dia 15, para a sede do Comité Nacional Preparatório do XI Festival Mundial da Juventude.

Continua patente ao público, nas galerias da Gulbenkian, a exposição de pintura, desenho e escultura do dinamarquês Svand Wiig Hansen que já referimos neste roteiro e que o aconselhamos a visitar. Trata-se incontestavelmente, de uma exposição importante

rádio

I PROGRAMA

..18.00 Conjuntos; **18.35** Ao vivo com Eric Clapton; **19.00** «Falar de História»; **19.20** Música portuguesa; **20.00** «Jornal da noite»; **20.30** Música variada; **21.00** 18.º episódio do folhetim «O PRIMO BASÍLIO», de Eça de Queiroz, numa adaptação de Judite Navarro; **21.20** «Contraponto»; **24.00** «Último jornal».

2.º Programa

18.05 Obras de Nikos Skalkotas: — Variações sobre um tema do folclore grego p/ trio de câmara; — Quarteto N.º 3; **18.40** Poema sinfónico: — «O Volga encontra o Don», de Serge Prokofieff; **19.00** «Animação cultural», programa de José Atalaya; **19.30** A Academia de St. Martin-in-the-Fields, dirigida por Neville Marriner, interpreta: — Sonata a quatro n.º 2 e — Sonata a quatro n.º 4, de Rossini; **20.00** Obras de Robert Schumann: — Carnaval de Viena, op. 26. — Trio em fá maior, op. 80, **21.00** «O Canto e os seus intérpretes», por Maria Helena de Freitas; **22.00** Obras de Liszt: — Poema sinfónico n.º 5 «Prometeu», — Sonata em si menor, — Rapsódia Espanhola; **23.00** Intercâmbio musical»: Semana Internacional de Música Organística em Nuremberga, 1977

3.º Programa-Nacional e Regional (290 m).

..**18.00** «Vertical»; **18.20** Prevenção e saúde, pelo dr. José Matildes; **18.40** «Mulher, agora e aqui!», pela Comissão da Condição Feminina; **19.05** Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **19.40** «Disco... rendo», por Mário Martins; **20.15** A lei em que vivemos, pelo dr. Ruy Moura Guedes; **21.30** «Quando o telefone toca»; **22.00** Suplemento; **22.05** «Quando o telefone toca»; **23.05** Hora Luterana

3.º Programa-Local (187,5m)

..**16.00** «Convite»; **18.00** «Compasso»; **8.15** Sal e pimenta (repetição); **19.45** Ronda desportiva; **20.40** Serviço de Agenda; **21.00** Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em Estereofonia

16.00 «Gong»; **19.00** «em Orbita»; **20.00** «Forum» — Realização de Jorge Lopes; **21.30** «O Homem no tempo» — Programa de antropologia por João de Sousa Monteiro e João David Nunes (repetição); **22.00** «Auditório» Música Jazz, por Paulo Gil e Rui Neves; **00.00** «Prisma» — Realização de Fernando Quinas; **02.00** Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

..**18.08** Apelos; **18.15** Igreja em Notícia-Palavra do Dia; **18.30** Transmissão do Terço do Ext. do Parque; **19.00** Programa da Liga; **20.00** Objectivo; **20.53**; Apelos; **21.05** Programa da Liga; **22.00** Transmissão das Cerimónias Religiosas de Fátima.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

Em Portugal Contiental o céu estava pouco nublado nas regiões do interior e do norte e muito nublado nos do Sul o vento era fraco e havia nevoeiro ou neblina no Litoral Oeste

TEMPERATURAS DO AR

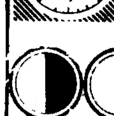
VIANA DO CASTELO	18º
BRAGANÇA	16º
VILA REAL	19º
PORTO	16º
PENHAS DOURADAS	13º
COIMBRA	20º
PORTALEGRE	19º
LISBOA	15º
ÉVORA	17º
SINES	18º
BEJA	16º
SAGRES	18º
FARO	16º
PONTA DELGADA	16º
FUNCHAL	19º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR			BAIXA-MAR		
07.07	3,3	m	00.25	1,4	m
19.21	3,4	m	12.39	1,6	m
Dia 13					
7.57	3,2	m	1.18	1,5	m
20.14	3,3	m	13.38	1,7	m
Dia 14					
8.58	3,2	m	2.21	1,6	m
21.19	3,3	m	14.47	1,7	m

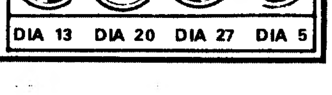
PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado nas regiões do Sul e pouco nublado nas do Norte; o vento era fraco; neblina ou nevoeiro no Litoral Oeste e Vaixo Alentejo.



-AMANHÃ-

NASCER AS 6.11
OCASO AS 21.02



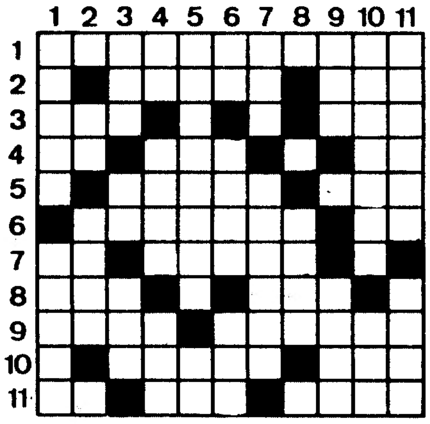
DIA 13 DIA 20 DIA 27 DIA 5

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12 062

HORIZONTAIS:

1 Po sa a os no ar io a ao ... Ind ... duo do sexo masculino
2 Ca a se ... ar jas. Pedra de atar Pre os cao
3 Germânio (s ...) Procede Letra ... ie a
4 Prendera Bote um
5 Dera ... arradas Seguia
... Nesse lugar Encolerizar
8 Sofrimento Triture
9 Pe ias Homem casado em relacao a esposa
0 Er ... ar Lista ... ouro (s ...) Madre Habita



VERTICAIS:

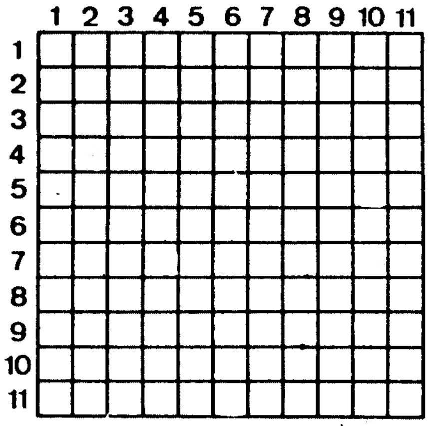
Inunda Arma curta um pouco maior do que o punhal ... Nota musica Miadelas. Azafama Autores Chefe et o e
4 Medida itinerara do Japao Tenebrosa Pre os cao
5 Inundara Centiare
6 Rodio (s ...) Comprar garrotes de um ano para revender da a dois anos para exportacao Cidade da India na costa do Malabar
7 Cada uma das partes dissociadas pela corrente electrica Guarnecer de arames
8 Pa ac
9 Pedras de moinho Freguesa do concelho de Barcelos
0 Realizas Mapoa. Cidade do Mexico Planta do ...e

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8122

HORIZONTAIS:

Cidade de França agita. Ratas Estimar
Freguesa do concelho de Guimaraes Risque
4 Espada curta de um so fio. Sadias
5 Osmio (s ...) Bruma Item
6 Pertences Sua Senhoria
7 Grande cao de fila Cesio (s ...) Nome de mulher
8 Rudo Cobalto (s ...) Mil e cinquenta e quatro em romano
9 Bondosa O mesmo que cabra
0 Lavrais Medida ... a ... igual a dois decilitros. Mamifero afim da foca Abundância ... e ...



VERTICAIS:

Guarneço de arames Tostam. Grande quantidade. Estampilha. Letra grega
Apelido Dançar o samba
4 Tostar Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia
5 Formes as abas a Morada
6 Suíço
7 Assuntos Bote um
8 Cidade da Ucrânia Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor)
9 Estimas Dialecto da Galiza
0 Ata Nacos. Instruía

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 061

HORIZONTAIS:

1 Ror Ar Tros. Aras QUEM. Saras Nar. Amadora NAO. Cas
6 CRE Laias
7 Aereo Im
8 T Trofas
9 Atena Raiça
10 Rola Ba lam
11 A a ... iasa

VERTICAIS:

Rasa Catara. Orar Reitor. Ara Er Ela. Asada NAO. St Lota. Roa. Tuna Porar. Re Carola
9 ... A s
0 Ra ... scas
Sao V AMA

Provérbio: QUEM NÃO CRÊ NÃO AMA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8121

HORIZONTAIS:

1 Salada Sado
2 Ajaras. Cara
3 So, a So
4 Laura Asai
5 Dor Ecas SS
6 Gansos
7 Pa. Cor Idas
8 Oral. Milo
9 Da Mo Ota
10 Caim Alisar
11 Arao Demora

VERTICAIS:

1 Sas. Porca
2 A, olo Ar. Ar.
3 Lazaro Adia.
4 Arau Clamo.
5 Da. Rego.
6 Assacar Mad.
7 Ar Ole
8 SC. Assim Im.
9 Aans. Odioso.
10 DR. Assaltar.
11 Oásis Soara.

farmácias

Lisboa
TURNO 71

Até às 22 horas

ALIANÇA — Av. Almirante Reis, 145-B-C. Tel. 570487. **ALMEIDA** — Rua Silva Carvalho, 136. Tel. 681726. **BRISÁLIA** — Av. Rio de Janeiro, 66-66-A. Tel. 722368. **CANTO** — Est. das Laranjeiras, 202-B. Tel. 780841-788904. **CARNIDE, LDA.** — Av. Visconde Valmor, 28-A. Tel. 772291. **ELMA** — Rua d. Maria Pia, 358-A. Tel. 686176. **HIGIENE** — Rua Cidade Vila Cabral, lote 43. Tel. 310026. **IDEAL** — Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A. Tel. 892803. **INTERNACIONAL, LDA.** — Rua Áurea, 228. Tel. 360203-322017. **LABOR** — Rua Diário de Notícias, 81. Tel. 322428. **LÍDIA ALMEIDA** — Cª da Ajuda, 170. Telefone 637318. **MARLUZ** — Calçada da Picheleira, 140-B-C. Tels. 720703-728395. **MARTINS, LDA.** — Rua Fernão de Magalhães, 33. Tel. 849448. **MICAEL** — Rua de S. Bento, 380-382. T. 662162. **MONTE (do)** — Rua Senhora do Monte, 30-A-B. Tel. 867842. **MORGADO LOURENÇO** — L.ª D. Estefânia, 4-5. Telef. 54808. **PAIVAS & PARENTE** — Rua Stº António à Estrela, 86. Tel. 665196. **PATULEIA, HERDS.** — Alam. das Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790332. **PINTO** — Rua de Campolide, 11-A. Tel. 682610. **ROMA** — Av. de Roma, 85-B. Tel. 772466. **SANTA CRUZ** — Av.ª Gomes Pereira, 34-A. Tel. 704828. **SANTA LUZIA** — Rua da Saudade, 2-B. Telef. 869831. **S. MIGUEL** — P.ª Francisco de Morais, 1. Tel. 771469. **VIEIRA ROSA** — Rua Prior do Crato, 74. Tel. 660187.

Permanente

BRISALIA — Av. Rio de Janeiro, 66-66-A. Tel. 722368. **ALMEIDA** — Rua Silva Carvalho, 136. Tel. 681726. **ELMA** — Rua D. Maria Pia, 358-A. T. 686176. **LÍDIA ALMEIDA** — C.ª da Ajuda, 170. Tel. 637318. **MARTINS, LDA.** — Rua Fernão de Magalhães, 33. Tel. 849448. **INTERNACIONAL, LDA.** — Rua Áurea, 228. Tel. 360203-322017. **MONTE (do)** — Rua Senhora do Monte, 30-A-B. Tel. 867842. **MORGADO LOURENÇO** — Lº D. Estefânia, 4-5. Tel. 54808. **SANTA CRUZ** — Av. Gomes Pereira, 34-A. Tel. 704828. **PATULEIA, HERDS.** — Alam. das Linhas de Torres, 262-B. Telefone 790332.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALMADA — Galeno — Rua Capitão Leitão, 85-B. Tel. 2760565. **COVA DA PIEDADE — Atlântico** Av. Rainha D. Leonor, 45-A. Tel. 2764466. **LARANJEIRO — A. Araújo** — Laranjeiro de Fora. **COSTA DA CAPARICA — Higiénica** — Av. da República, 23. Telefone 2400020. **SESIMBRA — Leão** — Av. da Liberdade, 13. Tel. 2233471. **BARREIRO — Mascarenhas Neto** — Rua Almeida Garrett, 1. Tel. 2076454. **SEIXAL — Seromenho** — R. Paiva Coelho, 51. Tel. 2218560. **MONTIJO — Diogo** — Rua Almirante Reis, 50. Tel. 2310032. **MOITA — União Moitense** — Av. Dr. Teófilo Braga. Tel. 239025. **ALHOS VEDROS — Gusmão** — Rua Cândido dos Reis, 30. Tel. 204020. **ALCOCHETE — Nunes** — L. Coronel Ramos da Costa, 10. Tel. 234137.

Linha de Cascais

ALGES — Combatentes — Avenida Comb. G. Guerra, 166. Tel. 2113953. **ALCABIDECHE — Carvalho** — Até às 21 horas. **PORTO SALVO — Ferreira Bastos** — Até às 21 horas. **CARCAVELOS — Central** — Até às 24 e das 0 às 9 horas. **CARCAVELOS — Vilar** — Até às 22 horas. **S. DOMINGOS DE RANA — Godinho da Silveira** — Av. Saboia, 29-B. Tel. 260085. Até às 21 horas. **PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás** — R. Costa Pinto, 184. Tel. 2432034. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **OEIRAS — Godinho** — Rua Cândido dos Reis, 98. T. 2430090. Até às 22 horas. **NOVA OEIRAS — Leal** — Até às 21 horas. **PAREDE — Grincho** — Av. da República, 87. Tel. 2471204. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PAREDE — Junqueiro-Mendes** — Até às 21 horas. **AMOREIRA — Amoreira.** Tels. 262313-267314. Até às 22 horas. **MONTE ESTORIL — Ostende** — Rua de Espinho, 1. Tel. 260391. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **Cordeiro** — Av. Comb. G. Guerra, 40. Tel. 280170. Até às 21 horas. **CASCAIS — A. Costa** — Rua Freitas Reis, 24-C. Tel. 280214. Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — Melo — P. D. João I, 9-B. Tel. 932756. Até às 22 horas. **Central** — Av. Cardoso Lopes, 25. Telefone 932210. Permanente. **DAMAIA — D. João V** — Av. Gurgel do Amaral, 2-A. Tel. 970461. **QUELUZ — Zeller** — Rua da República, 83. Tel. 950045. **CAMARATE — Nova** — Rua Cidade Lisboa, 94. Tel. 2518726. **CACÉM — Garcia** — Av. dos Missionários, 2. Tel. 2942181. **ALGUEIRÃO — Rodrigues Rato.** Tel. 2912038. Permanente. **AGUALVA-CACÉM — Mira Sintra** — P. N. Torre, 310. Até às 20.30 horas. **MERCÊS — Claro Russo.** Até às 21 horas. **RIO DE MOURO — Riomouro** — Av. Oscar Monteiro Torres, 8. Tel. 2960194. Até às 23 horas. **SINTRA — Misericórdia** — Vila. Telef. 2930391. Permanente. **COLARES — Abreja.** Tel. 299088.

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CONTUMIL — Rua de Contumil, 540 — Tel. 485755; **VAZ TEIXEIRA** — Rua do Heroísmo, 56. Tel. 52851; **BIRRA** — Pr. da Liberdade, 125. Tel. 20463; **COSTA LIMA** — Av. da Boavista, 855. Tel. 60606; **MARQUES DE MENDONÇA** — Rua do Ameal, 251. Tel. 487118; **MAFALDA** — Rua do Monte Cativo, 444. Tel. 481687; **CARDONA DOS SANTOS** — Rua de D. Manuel II. Tel. 315051; **ORIENTAL** — Rua do Bonjardim, 727. Tel. 27878.

(De dia e toda a noite)

PASTELEIRA — Rua André de Resende, 92. Tel. 687011; **ALMEIDA CUNHA** — Rua Formosa, 327. Tel. 24874; **SAMPAIO** — Rua de Cedofeita, 636. Tel. 21782; **SÃO JERÓNIMO** — Rua de Santos Pousada, 622. Tel. 54526.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

OLIVAIS — R. Bernardo de Albuquerque, 159. Tel. 72904; **LOPES RODRIGUES** — Rua Fernando Tomás, 41. Tel. 2634.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE — 803055
Centro Comercial de Alvalade
Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30
CADÁVERES INCÓMODOS
Não acons. men. 13 anos
Sala B — Não acons. men. 13 anos
Às 15.17, 19, 21.30 e 23.30
ANNIE HALL
com Woody Allen — N. ac. m/13 anos

ALVALADE — 897480
Av. de Roma
15.15, 18.15 e 21.30 h
Uma história arrebatadora de grande beleza humana!
UMA LUZ NAS TREVAS
com Sachin Biniya e Nirupa Roy
Colorido
Não acons. a men. de 13 anos

APOLO — 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A — 3.ª semana
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h
OS INVASORES QUE VIERAM DO CENTRO DA TERRA
Não acons. a men. 18 anos
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes.
Hoje às 23.30 h - comédia - (18 anos)
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO

AVIS — 547163
Av. Duque D'Ávila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Int. a men. 18 anos
AS AMAZONAS DO KARATE
Lucretia Love, Paola Tedesco, Robert Widmark e 100 audaciosas amazonas

BERNA — 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 15.00, 18.00 e 21.15
David Arkin, Barbara Baxkley, Ned Beatty, Karen Black em
NASHVILLE
um filme de Robert Altman
Int. a men. 13 anos

CALEIDOSCÓPIO — 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Em 7.ª semana
O GRANDE RESTAURANTE
com Louis de Funès
Para todos

CASTIL — 580194
Rua Castilho 2.ª semana
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Não acons. a men. 18 anos
AMBULÂNCIA PARA TODO O SERVIÇO
Um filme de Peter Yates
Amanhã estreia às 15, 17, 19 e 21.30 h
Int. men. 18 anos
VERTIGENS

CINEBOLSO — 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
2.ª semana
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
NÃO MUDES DE MÃO
Int. men. 18 anos
Um filme de Paul Vecchiali
Às 24 horas
2 DIABOS À SOLTA
Não acons. men. 13 anos
Com Paul Smith e Michael Cobby

CINE CITY
Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19, 21.30
VIOLETTE e FRANÇOIS «UM CASAL JOVEM»
Às 23.45 «Cinencontro» Grupo D
Não acons. men. 18 anos
BEIJA-ME IDIOTA
de Billy Wilder

CONDES — 322523
Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
OS CAVALEIROS DO CÉU
com James Coburn e Susannah York
Não acons. men. 18 anos

DOIS MIL — 2100055
Av. Bombeiros Voluntários Lote 113 — Algés
Às 15.30 e 21.30
ENAMORADAS
Int. men. 13 anos

D. JOÃO V — 971794
Praça Centro Comercial — Damaia
Às 21.15 h
A VINGANÇA DUM FILHO
Não acons. men. 13 anos

EDEN — 320768
P. dos Restauradores, 21
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00 e 21.30
Sydne Rome, Helmut Berger, Kelvin MacCarthy em
CONTRATO PARA MATAR
um filme de José G. Maesso
Colorido
Int. a men. de 18 anos

ESTUDIO — 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Alain Delon, Annie Girardot, Marcel Bozzutti em
AJUSTE DE CONTAS (Le Giten)
Colorido
Int. men. 13 anos
Um filme de José Giovanni

ESTUDIO 444 — 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
5.ª semana
Realizado por Artur Semedo com Mário Viegas e Zita Duarte
O REI DAS BERLENGAS
Um filme político, apolítico e apocalíptico
Int. men. 13 anos

EUROPA — 661016
R. Almeida e Sousa, 35
Às 15.15 e 21.30
O HOMEM DAS PISTOLAS DE OURO
Não acons. men. 13 anos
com Henry Fonda, Richard Widmark e Anthony Quinn

IMPÉRIO — 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30 h.
Não estamos sós
Últimos dias
«ENCONTROS IMEDIATOS» DO TERCEIRO GRAU
70 m/m — Ecran gigante
O espectáculo mais deslumbrante de todos os tempos
Não acons. men. 13 anos

LONDRES — 801313
Av. de Roma, 7-A
às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
Não acons. a men. 18 anos
JÚLIA
6.ª semana
com Jane Fonda

MONUMENTAL — 555131
P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.30 h
EU SOU A VINGANÇA
com George Kennedy e John Mills
Não acons. a men. 18 anos

MUNDIAL — 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30 h
«ABBA» O FILME
Maiores de 6 anos
Em 3.ª semana
O maior êxito musical do momento
Som estereofónico
— 4 bandas magnéticas

NIMAS — 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h.
TRÊS MULHERES
de Robert Altman
Int. men. 13 anos

NOVOCINE — 840678
Av. General Roçadas, 7
Hoje, às 15.15 e 21.15 horas
AFEIÇÃO
com Ashok Kumar e Master Satyajeet
Não acons. a men. de 18 anos
Durante o mês de Junho, não se realizam sessões às 00.15 horas
Recomeçando as mesmas do dia 1 de Julho

ODEON — 326283/4
R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.15 horas
A DAMA DO LOTAÇÃO
com Sónia Braga
Não acons. a men. 18 anos

OLYMPIA — 325309
Rua Condes, 11 a 23
Sessões contínuas a partir das 14.00 h.
LOUCURAS PORNO
Int. a men. 18 anos

PATHÉ — 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Corinne Clery, Udo Kier, Anthony Steel em
HISTÓRIA D'O
um filme de Just Jaeckin
Int. a men. 18 anos

POLITEAMA — 326305
R. Portas de St.º Antão
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h
DOCES PENETRAÇÕES
Int. men. 18 anos
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

QUARTETO — 771378
R. Flores do Lima, 16
SALA 1 — 14.30, 16.45, 19, 21 e 23.30
VEREDAS
Não acons. men. 13 anos
SALA 2 — 14.30, 16.45, 19.00
UMA MULHER LIVRE
Não acons. men. 18 anos
Às 21.30 e 23.30
OH, SERAFINA!
Não acons. men. 18 anos
SALA 3 — 15, 17, 19, 21, 23
O MONSTRO ESTÁ VIVO
Int. a menores de 18 anos
SALA 4 — 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 21.30
A MULHER, O CORPO, E O ESPÍRITO
Int. men. de 18 anos

RESTELO — 610375
Av. Torre de Belém
Às 21.30 h
15.ª semana
UM DIA INESQUECÍVEL
Não acons. men. 13 anos

ROMA — 887778
Av. de Roma, Lote JRB
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
OS CAVALEIROS DO CÉU
com James Coburn e Susannah York
Não acons. men. 18 anos

ROXY — 548560
Av. Almirante Reis, 20
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
OS QUATRO DO APOCALIPSE
com Fabio Testi
Não acons. men. 18 anos

SÃO JORGE — 579144 - 579344
Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.00 21.30 h
(13 anos)
Roger Moore é James Bond
007 — O AGENTE IRRESISTÍVEL

SATÉLITE — 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 15, 17, 19 e 21.30 h
O HOMEM TERMINAL
com George Segal — Int. men. 18 anos
Às 24 h — Teatro
GUILHERME E MARINELA

STAR — 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
VIOLETTE e FRANÇOIS «UM JOVEM CASAL»
Isabelle Adiani, Jaques Dutronc

TERMINAL (CINE-ESTUDIO) — 371573
Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.
NÃO HÁ DOIS SEM TRÊS
8.ª semana
Richard Dreyfuss
Não acons. men. 13 anos
7.ª semana

TIVOLI — 570595
Av. da Liberdade, 188
Às 15.15 e 21.00 h
3.ª semana
Omar Sharif, Geraldine Chaplin, Julie Christie em
DR. JIVAGO
Não acons. men. 13 anos
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

VOX — 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h
6.ª semana
O ADVOGADO DO DIABO
com John Milles
Não acons. men. 13 anos

PALÁCIO FOZ — 367031
P. Restauradores
«Retrospectiva Jean-Luc Godard»
O SOLDADO DAS SOMBRAS
Não acons. a men. 18 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15 horas
Iniciativa da Direcção Geral da Acção Cultural

teatro

Lisboa

D. MARIA II — «Auto da Geração Humana», e «O Alfageme de Santarém», às 21.45 (6 anos)
TEATRO ABERTO — «O Caso da Mãozinha Misteriosa», às 21.45 (13 anos)

outros cinemas

OUTROS CINEMAS

Lisboa

CAPITÓLIO — «Justine e Juliette», às 19, 21 e 23 (18 anos)
ROYAL — «As Aventuras de Zorro», às 21.30 (6 anos)
CINEARTE — «O Próximo Homem», às 21.30 (13 anos)
LUMIAR — «O Exorcista II — Herege», às 21.30 (18 anos)
JARDIM — «Infidelidades», às 21.15 (18 anos)
PROMOTORA — «Grizzly o Monstro da Floresta», às 21.15 (18 anos)
PARIS — «Senhoras ao Vosso Dispor», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino — «Mulher Livre», às 17 e 21.15 (18 anos)
CASCAIS — Impala — «Um Violino no Telhado», às 21.30 (14 anos)
CASCAIS — Oxford — «Em Busca do Passado», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «Chantagem Sobre uma Mulher Casada», às 21.15 (18 anos)
LARANJEIRO — Instrução e Recreio — «Com Encontro Marcado», às 21.15 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — Recreios Desportivos — «A Punição», às 21.15 (18 anos)
AMADORA — Lido — «O Advogado do Diabo», às 21.30 (13 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Algemas do Passado», às 21.30 (13 anos)
SINTRA — Carlos Manuel «Requintes de Amor», às 21.30 (18 anos)

Porto

[illegible] — [illegible] 21.30
SALA BEBE — [illegible] Boemio», 21.30 (18 anos)
ESTUDIO FOCO — [illegible]
VALE FORMOSO — «O amor começa a [illegible]», às 21.30 (18 anos)
ESTUDIO — «Os Dois Filhos de Trinitá», às 21.30 (13 anos)

AGUIA DE OURO — «O Justiceiro da Noite», às 21.30 (18 anos)
ESTUDIO 400 — «A Indecente Mary e o Louco Larry», às 21.30 (18 anos)
BATALHA — «Al Capone», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE — «Eu Sou Vingança», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI — [illegible] Salas [illegible] às [illegible] anos
COLISEU — «O Palácio do Amor», às [illegible]
PASSOS MANUEL — [illegible] às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN — «A Cada Um o Seu Inferno», às 21.30 (18 anos)
CARLOS ALBERTO — «França, Sociedade Anónima», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA — «O Lobo do Mar», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS — «A Professora de Ciências Naturais», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT — «Abba», às 21.30 (6 anos)
TERÇO — «Viagem ao Inferno», às 21.30 (18 anos)

Coimbra

TIVOLI — «Os [illegible] mestres de Chaolin», às 21.30 (18 anos)
AVENIDA — «Violência e [illegible]», às 21.30 [illegible]
S. TEOTÓNIO — «Uma Fortuna por Água Abaixo», às 21.30 (13 anos)
GIL VICENTE — «A Semente do Diabo», às 21.30 (18 anos)

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 185-1.º
TELEFONES 554631/2/3
REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS: RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 321154/5, 328271/2/3, 328229, 372781/2
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21): PORTEIRO 321154, PUBLICIDADE 388740
MENSAGENS GRAVADAS 328229
ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIBOA, TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Página Um suspende publicação

O semanario «Página Um» vai suspender a sua publicação durante os meses de Verão – Junho, Julho e Agosto – reaparecendo no mês de Setembro dia 8.

«Esta decisão foi tomada pelos trabalhadores do «Página Um» após um balanço realizado e das carências que ultimamente se faziam sentir com mais acuidade» segundo seafirma num comunicado distribuído com a chancela do semanário.

Félix Ribeiro sai da Cinemateca?

Corre com insistência que o dr. Félix Ribeiro, director da Cinemateca Nacional, tencionaria pedir a aposentação depois de três décadas ocupando o cargo. Ao mesmo tempo a instituição seria reestruturada.

Fontes dignas de crédito confirmaram-nos a possibilidade de as coisas irem passar-se assim, sendo apontado como sucessor eventual do dr. Félix Ribeiro o crítico de cinema de «O Dia», Luís de Pina. Nada está, porém, decidido, sabendo-se que o secretário de Estado da Cultura segue com interesse o problema.

Nos meios cinematográficos o nome de Luís de Pina é contraposto para a sucessão a outros, designadamente os de Alves Costa, Lauro António, Gonçalves Lavrador, Machado da Luz e José de Matos-Cruz. O primeiro e o terceiro teriam mais hipóteses, pelo menos quase tantas como Luís de Pina.

Um palacete em Lisboa poderia vir a servir de nova instalação para a Cinemateca.

DL

Amanhã feriado municipal da cidade de Lisboa, estão encerradas todas as secções do nosso jornal, motivo porque o «Diário de Lisboa» só voltará ao convívio com os leitores na próxima quarta-feira.

(Hoje 28 páginas)

MOBÍLIAS TROCO

AS SUAS USADAS POR NOVAS MODERNAS OU DE ESTILO

ARMAZÉNS MÓVEIS JORGE

AVEN. ALMIRANTE REIS, 35 (aos Anjos) — TEL. 83 21 61

CARLOS BRITO EM MATOSINHOS

Não é por falta de leis que os conspiradores fascistas têm conseguido actuar

PORTO, 12 – «Não é por falta de leis que os conspiradores fascistas têm conseguido actuar com toda a impunidade. O importante não são as leis, mas a disposição de combater as forças fascistas e fascizantes» – sublinhou Carlos Brito, membro do comité central do PCP, no encerramento de uma festa popular realizada, ontem, na quinta do Santiago, em Leça da Palmeira, depois de se ter referido ao facto do PS e do governo terem pedido à AR leis contra a conspiração fascista.

O «leader» do grupo parlamentar do PCP lembrou o separatismo, o terrorismo, e as provocações «como as que agora ocorreram no Porto e em Lisboa», pondo esses factos em contraste com a repressão que nas empresas é exercida sobre os trabalhadores. Afirmou depois que o seu partido concordou com o pedido apresentado pelo Governo para a elaboração de leis contra o fascismo, e lhe dera todo o seu aval, mas que não é por falta de leis que os conspiradores fascistas têm conseguido actuar com toda a impunidade. «O importante não são as leis, mas a disposição de combater as forças fascistas e fascizantes».

Carlos Brito atacou vivamente a política do Governo fazendo ressaltar as suas contradições. Afirmou que o Governo diz que é necessário aumentar a produção na agricultura e na pesca. «Mas o que é que ele faz?

Dificulta o crédito, aumenta o preço das sementes e dos adubos e ataca a Reforma Agrária». Salientou os progressos feitos no ano passado não só na zona da Reforma Agrária como em todo o País, sublinhando que se abriram perspectivas para, em dois anos, nós deixarmos de importar carne mas que, com a subida das rações muitos produtores não se sentem encorajados a prosseguir e os lucros das empresas fabricantes daqueles produtos mostraram bem que não era necessário proceder ao aumento dos preços.

No que respeita a situação da pesca, diria ainda Carlos Brito, «chega-se à situação absurda do pescador, quanto mais pesca, menos ganha.

A terminar salientou que o PCP lutou contra a subida dos preços e pelos aumentos dos ulários reais, para que estes sejam compensados pela subida do custo de vida, lembrando que os nossos pequenos comerciantes e industriais só se desenvolvem nos períodos em que os vencimentos são mais elevados».

Delegação do PCP visita a Polónia

A convite do Comité Central do Partido Operário Unificado Polaco, parte amanhã para a Polónia, uma delegação do PCP, composta por Álvaro Cunhal e Jorge Araújo.

Esta delegação visitará durante alguns dias diversos locais da Polónia e terá encontros com dirigentes daquele país.

Plano de financiamento via RFA preparado em Lisboa pelo BP

Fontes do mercado de títulos, citadas pela agência Reuter, indicaram hoje que Portugal está a preparar «um plano de financiamento através de bancos alemães, compreendendo créditos de 420 milhões de marcos e 150 milhões de dólares».

O empréstimo em marcos – que o ministro Vítor Constâncio referiu ontem, no seu regresso dos EUA – está a ser negociado pelo Banco de Portugal e será por 10 anos a juro de 6,4 por cento com o pagamento em 14 pestações semestrais iguais, após um período de tolerância de três anos.

O crédito em marcos é coberto em 95 por cento por uma garantia do Governo alemão-ocidental e supervisionado pelos «Westdeutsche Landesbank Girozentrale» e «Commerzbank AG».

As fontes disseram que o crédito em dólares é para a República de Portugal e será por sete anos, com um período de tolerância de quatro anos, a uma taxa média superior em um por cento às praticadas pelo «Interbank» de Londres. O «Commerzbank» e o «Westdeutsche» dirigirão o crédito em dólares.

PEDIDO RESGATE DE 500 CONTOS
Criança raptada no Porto

PORTO, 12 – Uma criança de cinco anos, Gonçalo Cabral Barbosa Silva, residente na Praça do Império, 63, à Foz do Douro, foi ontem raptada por desconhecidos que mais tarde, telefonaram para a sua residência dizendo aos familiares «o Gonçalo está em nosso poder e connosco não se brinca». Os autores do telefonema não referiram qualquer grupo ou organização a que pertençam, tendo voltado a telefonar ainda ontemp para repetir que a criança tinha sido «raptada por nós» e que só seria restituída mediante a entrega de 500 contos. Acrescentaram que «não avisem a polícia que será pior».

O pequeno Gonçalo é filho de António da Silva Santos e de Maria Antónia Cabral Barbosa, aquele actualmente residindo no estrangeiro por envolvimento no processo da rede bombista. No momento do rapto, ocorrido cerca das 18 horas, o Gonçalo brincava no jardim próximo de casa como habitualmente fazia. Quando os familiares receberam o primeiro telefonema dos raptores já haviam procedido a buscas na zona, em casa de vizinhos e de amigos, sem conseguirem encontrar a criança.

A PJ informou-nos esta manhã de que os familiares teriam já tido novo contacto telefónico com os raptores e que o paradeiro da criança é ainda desconhecido. Aquela polícia prossegue as investigações a que ainda ontem deu início desenvolvendo todos os esforços no sentido de localizar a criança raptada.

Ordem dos Médicos confirma greve para amanhã

Porto – 12 – Apesar do MAS ter entregue à Ordem dos Médicos (secção norte) um projecto de Estatuto do Médico, este organismo confirmou, em conferência de Imprensa a greve marcada para amanhã, em todos os locais de trabalho com excepção dos serviços de urgência.

Razões invocadas: a expiração do prazo marcado pela Assembleia Regional do Norte da Ordem dos Médicos para que o MAS submetesse o Estatuto Médico à aprovação do Governo e «falta de capacidade de decisão demonstrada pelo MAS na última reunião com o Conselho Nacional Executivo».

Segundo um comunicado distribuído na reunião com os jornalistas, a secção regional da ordem diz que mantém a greve por subsistir a dúvida sobre a actuação do MAS: se é «uma derradeira manobra divisionista ou uma tentativa honesta de modificar as relações com os médicos». Referindo-se ao projecto do MAS sublinha o comunicado que a classe «não pode aceitar como estatuto uma monografia há dias entregue que não é mais que uma expressão do organigrama das carreiras médicas no SNS com a consagração da funcionalização do médico (o seu estatuto fundamental que seria o de funcionário público»

Interrogando-se sobre os objectivos que na realidade estão por detrás das greves, numerosos médicos do Norte têm subscrito um abaixo-assinado no qual, depois de referirem que a greve foi decidida «no meio de um clima emocional», sublinham que ela será «um grave erro». E explicam porquê: «ela irá opor vivamente a população afectada à luta dos médicos, dará uma imagem de uma classe desestabilizadora que recusa formular de uma forma precisa as suas reivindicações e corresponder às propostas de negociação do MAS dividirá a classe, pois muitos médicos recusam deixar-se instrumentalizar num processo político que os ultrapassa, enfraquecerá na realidade a posição dos médicos no conjunto dos problemas – estatuto e SNS – em discussão».

Perguntam também os signatários do documento se será justo que a Ordem não divulgue a proposta do MAS, limitando-se a considerá-la uma «provocação».

"Américo Tomás tem nove milhões de acusadores".

Condenados os magistrados defensores de "pides" e bombistas

Continuação da pág 1

mões as confrontações com a Polícia e com um grupo de manifestantes fascistas (braçadeiras, saudações, discursos e palavras de ordem permitem identificá-los como tal) de que resultara a morte de um jovem militante antifascista.

Essa morte e as circunstâncias em que se verificou levaram mesmo Jerónimo Martins, um dos membros do Secretariado Executivo do TCHD, a apelar para a unidade antifascista. «Ainda hoje jovens antifascistas arriscaram a vida para defender a liberdade e um perdeu-a» – disse.

Também o prof. Ruy Luís Gomes se referiu ao assunto, ao encerrar a sessão concluindo que perante o assassinato do jovem estudante «É necessário que os órgãos de soberania, a Assembleia da República, o Governo e o Presidente da República assumam as suas responsabilidades».

Numa sala da Voz do Operário completamente repleta, o Tribunal iniciou os seus trabalhos com a intervenção particularmente significativa, sob o ponto de vista político, do eng. Tito de Morais, vice-presidente da Assembleia da República e deputado pelo Partido Socialista.

O vice-presidente da AR, depois de frisar a oportunidade da iniciativa, defendeu a necessidade de se proceder a «exame cívico dos actos e palavras que cada um», lembrando que «a mentira e a calúnia são armas que dividem aqueles que se batem em comum por um ideal de justiça e liberdade». Referindo-se, especificamente, ao caso Delgado, o eng. Tito Morais disse: «neste julgamento que tarda, está empenhada a honra dos antifascistas».

Manuel Lopes, membro do Secretariado da Intersindical Nacional (evocando a acção repressiva da PIDE sobre o movimento sindical), Luís Moita, dirigente do CIDAC (para falar da actividade da PIDE nas colónias), da mãe de José António Ribeiro dos Santos (um jovem estudante assassinado pela PIDE poucos anos antes do 25 de Abril) e Augusto Boal, um cidadão português que é simultaneamente exilado político brasileiro seguiram-se na tribuna do salão da Voz do Operário.

Vozes de antifascistas e democratas de outros países fizeram-se ouvir, na qualidade de convidados do TCHD: François Rigaux, professor de Direito Internacional na Universidade Católica de Lovaina e vice-presidente do Tribunal Russel, Manuel Chivite, um jornalista basco que esteve condenado à morte pelo franquismo e posteriormente foi amnistiado o jornalista Frederic Louvaint, do «Liberation», e o magistrado francês Louis Joinet, também membro do Tribunal Russel e da Comissão de Justiça e Paz do Vaticano.

Este fundador do Sindicato dos Magistrados Franceses, referindo-se às críticas que, em certos sectores, possam levantar-se contra a existência de tribunais de opinião pública, afirmou: «Sempre que um homem, um país, um povo é vítima de graves violações dos direitos humanos, pede justiça. Não se trata de um gesto de vingança, mas de dignidade.»

Louis Joinet considerou que «o fascismo é a forma mais organizada de violação dos Direitos do Homem. Todos os cidadãos devem estar alerta contra «esse nonstro».

Joinet justificou a sua intervenção num tribunal de opinião pública português, sendo estrangeiro, porque, «a luta pelas liberdades não tem fronteiras. E se os magistrados são os protectores das liberdades, eles devem estar na primeira linha da luta contra o fascismo».

Com base no libelo acusatório e nos depoimentos de vítimas da PIDE e de perseguidos pelo fascismo, o juri pronunciou a sentença moral do Tribunal Cívico Humberto Delgado dando como provado que a PIDE, «braço armado do fascismo» cometeu de forma sistemática e continua crimes contra a humanidade e a paz, e ainda crimes de guerra, genocídio contra as liberdades civis e direitos políticos e, em geral, crimes contra os direitos económicos, sociais e culturais do povo português e dos povos sujeitos ao regime colonial.

Cabo-verdiano assassinado

Um cidadão cabo-verdiano foi ontem vítima de homicídio no Bairro das Marianas (Parede) junto a umas barracas ali existentes.

Trata-se do jovem José Silvino Lopes Vieira, de 17 anos, golpeado com uma arma branca. Transportado ao hospital de Cascais, chegou ali já sem vida.

Entretanto, a Polícia procura capturar um outro, cabo-verdiano já identificado, presumível autor do homicídio.

"Exclusivo" sai na quarta-feira

Em consequência de amanhã, feriado municipal, não se publicar o «Diário de Lisboa», o nosso suplemento dedicado aos problemas internacionais, que habitualmente se publica às terças-feiras, o «Exclusivo», será incluído na edição de quarta-feira. Além de vários temas da maior actualidade, o «Exclusivo» desta semana contém uma importante entrevista com Raymond Goor sobre paz e desarmamento.